



1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA

**ATA CIRCUNSTANCIADA DA 26ª
(VIGÉSIMA SEXTA)
REUNIÃO ORDINÁRIA**

**DA CPI PARA INVESTIGAR OS ATOS OCORRIDOS EM 12 DE DEZEMBRO DE 2022 E 08
DE JANEIRO DE 2023, ESPECIALMENTE CONTRA OS PODERES DA REPÚBLICA
FEDERATIVA DO BRASIL,
DE 21 DE SETEMBRO DE 2023.**

INÍCIO ÀS 10H02MIN

TÉRMINO ÀS 14H46MIN

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sob a proteção de Deus, declaro aberta a 26ª Reunião Ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Atos Antidemocráticos do DF, para investigar os atos ocorridos em 12 de dezembro de 2022 e 08 de janeiro de 2023, especialmente contra os Poderes da República Federativa do Brasil.

Esta reunião está sendo transmitida pela TV Câmara Distrital.

Informo que a Coordenadoria de Polícia Legislativa fez o isolamento dos assentos destinados aos deputados, dispostos pelo plenário, para uso exclusivo dos parlamentares, dos advogados que estiverem acompanhando o depoente e das autoridades autorizadas por esta presidência. Assessores e demais interessados deverão ocupar as cadeiras dispostas ao fundo da galeria.

Solicito aos deputados que registrem as suas presenças. (Pausa.)

Encontram-se presentes os seguintes deputados titulares: deputado Chico Vigilante, deputado Hermeto e deputada Jaqueline Silva.

O deputado Fábio Félix disse que há um problema de saúde na sua família, mas ele está chegando também.

Vou informar novamente o calendário de oitivas que nós tínhamos aprovado. O general Carlos José Assumpção Penteado depôs na semana passada; Walter Delgatti Neto também. Hoje, irá prestar depoimento o coronel Paulo Jorge Fernandes... Paulo José. Escreveram "Jorge", mas é Paulo José Fernandes. No dia 28, será a senhora Ana Priscila Azevedo; no dia 5 de outubro, Wellington Macedo de Souza; no dia 9 de outubro, o capitão José Eduardo Natale de Paula Pereira; no dia 19, o major Cláudio Mendes dos Santos; e, no dia 26 de outubro, o coronel Reginaldo Leitão.

Os senhores e a senhoras podem verificar que nós alteramos o calendário para incluir o sujeito que queria explodir o aeroporto, que é o senhor Wellington Macedo.

Pergunto ao deputado Hermeto, relator desta CPI, se deseja fazer algum comunicado.

DEPUTADO HERMETO – Não, presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Hoje, ouviremos o senhor coronel Paulo José Ferreira Sousa Bezerra.

Passamos, então, ao item III da pauta: oitiva de depoente, o senhor coronel Paulo José

Ferreira Sousa Bezerra.

Requerimentos que tratam dessa convocação: Requerimento nº 036, de autoria do deputado Gabriel Magno; e Requerimento nº 152, de autoria do deputado Fábio Félix.

Já tendo sido devidamente qualificado pela Coordenadoria de Polícia Legislativa dessa casa de leis, convido a comparecer a esse plenário o senhor Paulo José Ferreira Sousa Bezerra, coronel da Polícia Militar do Distrito Federal. (Pausa.)

Senhor Paulo José Ferreira Sousa Bezerra, esclareço que o senhor está diante de uma comissão parlamentar de inquérito na condição de testemunha e, como tal, tem o dever de dizer a verdade, sob pena de incorrer em crime previsto no art. 342 do Código Penal. Apesar disso, caso o senhor entenda ter envolvimento com os fatos ora investigados, terá o direito de permanecer em silêncio, de não produzir provas contra si mesmo e de ser assistido por um advogado.

Pergunto: o senhor está acompanhado por advogados?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Os advogados já estão aqui na bancada.

O senhor deseja fazer algum pronunciamento antes de passarmos aos questionamentos que faremos ao senhor?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor disporá de 20 minutos para o pronunciamento que queira fazer no momento.

O senhor está com a palavra.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exmo. senhor presidente deputado Chico Vigilante, Exmo. senhor relator deputado Hermeto, senhores parlamentares, senhoras e senhores presentes, sou coronel da reserva remunerada Paulo José Ferreira de Sousa Bezerra. Ingressei na Polícia Militar do Distrito Federal em 1993, cumpri 30 anos de serviços dedicados a essa corporação. Como policial militar, trabalhei em diversos setores e regiões administrativas do Distrito Federal, como Ceilândia, Taguatinga. Trabalhei também por muito tempo no batalhão do Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios. Todos os meus anos de serviço foram pautados na honestidade, comprometimento, transparência e profissionalismo. Em 18 de agosto de 2023, foi decretada a minha prisão preventiva, após denúncia formulada pela Procuradoria-Geral da República, por supostamente ter praticado os seguintes crimes: abolição violenta do Estado democrático de direito, golpe de Estado, dano qualificado por violência e grave ameaça com o emprego de substância inflamável contra o patrimônio da União, deterioração de patrimônio tombado e violação dos deveres a mim impostos. Sobre os fatos que culminaram com a denúncia apresentada pela PGR, esclareço que eu estava lotado no Departamento de Operações, desde o dia 19 de setembro de 2022, onde as minhas atribuições eram tão somente administrativas, em razão de eu estar com o meu porte de arma suspenso por motivo de tratamento médico psiquiátrico. Em razão de férias, eu estive afastado do DOP do 21 de novembro de 2022 a 19 de dezembro. E de 19 de dezembro até o dia 2 de janeiro, eu estava afastado também em razão de afastamento regulamentar. Na ocasião da minha saída de férias, eu avisei ao comandante do DOP, coronel Naime, e ao comandante-geral, o então coronel Fábio Augusto, que no dia 11 de janeiro eu daria entrada na minha reserva remunerada, visto que eu já completava 30 anos de serviço e ainda possuía problemas de saúde. Então, era o momento de eu dedicar mais tempo para a minha saúde e para a minha família também. Sobre o DOP, eu esclareço que, à época dos fatos, seu núcleo operacional era composto por 3 oficiais: o coronel Naime, que era o chefe do DOP; o coronel Cleber, chefe da seção operacional; e também o coronel Condi, subchefe de operações. Ao retornar de férias, no dia 3 de janeiro, fui surpreendido pelo fato de o coronel Naime e os coronéis Cleber e Condi estarem afastados das funções do departamento. Dessa forma, eu não tive contato com nenhum dos coronéis do DOP no meu retorno, nenhuma informação sobre o andamento do serviço, nenhuma atualização das demandas e tampouco alguma informação escrita

sobre as manifestações passadas e vindouras. Apenas tomei conhecimento de que assumiria o DOP naquele dia. No dia 6 de janeiro de 2023, eu participei da reunião do alto comando da corporação. Essa reunião ocorre semanalmente, mas para tratar de assuntos diversos que são de interesse da corporação. Reitero que nenhum dos coronéis do DOP me informou sobre as possíveis manifestações. Na oportunidade dessa reunião do dia 6 de janeiro, informei ao comandante-geral, coronel Fábio, que eu já estava requerendo a minha ida para a reserva remunerada. Importante ser frisado que nessa reunião do alto comando estava presente também o tenente-coronel Waldicharbel. Ele representava lá no dia a chefia do Centro de Inteligência da corporação. Em nenhum momento, durante a reunião do alto comando da corporação, ele informou sobre riscos de vandalismo, depredação, ações radicais que pudessem ocorrer entre os dias 6 e 8, quando poderia haver as manifestações. Posteriormente, ainda no dia 6 de janeiro, ao me deslocar para essa reunião do alto comando da corporação, eu recebo a informação de que o major Leonardo havia sido chamado para participar de uma reunião na Secretaria de Segurança Pública para tratar dessas possíveis manifestações que poderiam ocorrer naquele final de semana. E também fui informado de que o coronel Casimiro, comandante do 1º Comando de Policiamento Regional, que é responsável pela área onde está o 6º Batalhão de Polícia Militar, também foi designado pelo comandante-geral a comparecer a essa reunião. Então, essas reuniões aconteceram concomitantemente, e durante todo o desenrolar da reunião que havia na Secretaria de Segurança Pública, eu estava sendo informado do que estava sendo decidido lá. O major Leonardo e o capitão Barcelos me passavam quanto às confirmações ou não da realização dessas manifestações para o final de semana. E o que eles me passam lá, por volta de meio-dia... a reunião da Secretaria de Segurança se inicia por volta de 10 horas e se encerra às 12. Essa reunião do alto comando da corporação já tinha sido iniciada às 8 horas e até as 13 estava em andamento ainda. Então, eu recebo as informações deles, do major Leonardo Santos e do capitão Barcelos, de que seria uma manifestação até então com pouca, com baixa adesão por parte dos possíveis manifestantes, e também ele relata lá, ele me passa que era uma manifestação para a qual havia pouco engajamento dos órgãos de inteligência até então. Diante dessas informações, da baixa possibilidade de ocorrências... inclusive ele fala que eram possíveis manifestações. Em nenhum momento, na Secretaria de Segurança, falou-se que as manifestações iriam ocorrer de fato. Dessa forma, o coronel Casimiro, já se antecipando, porque já havia em redes sociais divulgação de que poderia haver uma manifestação no final de semana, já tinha se adiantado e se precaveu. Mandou um ofício ao Departamento de Operações, solicitando que fossem disponibilizadas a ele 2 companhias operacionais e pede também apoio das tropas especializadas. Ele pede, se eu não me engano lá, a Patamo – eu não estou com o ofício aqui –, mas Patamo, Rotam e BPChoque em condições de acionamento. Inclusive, presidente, uma das críticas que se faz – e vi algumas aqui – é por que não havia o batalhão de choque ou a tropa de choque no dia 8 de janeiro. A tropa de choque não foi solicitada. De acordo com o que me foi passado, no documento do coronel Casimiro, ela é solicitada para que, em caso de acionamento e necessidade, fosse acionada. Por que ela não estava lá? Porque o responsável pelo planejamento das ações não solicita lá. Ele vai para a reunião, no dia 6 de janeiro, pega essas informações e, posteriormente, após avaliação dele, juntamente com a assessoria do major Leonardo, que era do departamento operacional, já havia solicitado um ofício pedindo as 2 companhias operacionais e os apoios das especializadas, e me pede tão somente que da reunião necessitaria apenas de uma tropa aquartelada. Essas eram as informações que eu tive. Acho muito importante frisar também que quem comparece à reunião na Secretaria de Segurança Pública, representando o Departamento de Operações, é o major Leonardo Santos. O major Leonardo Santos recebeu a convocação via WhatsApp e me passou, na sexta-feira, que estava sendo convocado para a reunião na Secretaria de Segurança para definir qual seria a participação da Polícia Militar caso essas manifestações ocorressem. Tenho que salientar e frisar que, em nenhum momento, durante aquela semana, o Departamento de Operações recebeu um documento dizendo que haveria reunião no dia 6 de janeiro. Eu tomei conhecimento de uma reunião para tratar dessas manifestações tão somente pelo major Leonardo Santos, já de manhã, em deslocamento para a reunião do alto comando da corporação. Então, não recebi nem via WhatsApp convocação para comparecer a essa reunião. Não me mandaram. A Secretaria de Segurança Pública,

por meio da Subsecretaria de Operações Integradas, não me manda. Eu, respondendo em exercício pelo departamento operacional, não fui comunicado de que haveria uma reunião para tratar de manifestações ali. Então, acho isso muito importante, tem que ser frisado. E acho interessante também – isso tem que ser falado aqui – que nessa reunião em que compareceram todos os representantes de todos os órgãos que estariam envolvidos nessa manifestação foi feito um grupo de WhatsApp para tratar dos assuntos que seriam inerentes às manifestações. Não fui colocado também, não fui incluído e não sei porquê. Eu, como chefe do DOP – o chefe do DOP é o gestor operacional –, respondendo por todo o efetivo, porque na verdade o efetivo é meu... E é por isso que hoje muitos vêm aqui e falam: “A culpa é do DOP”. A culpa é do DOP por quê? Porque dentro do decreto, se formos falar das atribuições do Departamento de Operações, o Decreto nº 10.443, que fala sobre a organização básica da Polícia Militar, dentre outras atribuições para o departamento, diz, em seu art. 39, que cabe à subchefia de operações o planejamento de grandes eventos. E as pessoas falam: “Se foi um grande evento, era responsabilidade do departamento operacional fazer”. Se era responsabilidade do departamento operacional fazer, deveria ter sido definido na reunião que houve na Secretaria de Segurança Pública. E não foi feito isso. Os 2 representantes que comparecem à reunião da Secretaria de Segurança Pública, tanto o coronel Casimiro quanto o major Leonardo Santos, saem de lá e dizem, o coronel Casimiro fala: “Eu consigo bancar operacionalmente as manifestações em razão das informações que eu tive lá do...” Ou seja, foi empregado lá, foi aplicado – e eu vi o deputado Hermeto citando aqui em uma das oitivas, o senhor também – que havia um plano de operação já definido pelo departamento operacional, Plano de Operação 02, chamado Manifestações. Ou seja, esse plano estabelece 25 hipóteses, 25 possibilidades que, de acordo com a análise de risco da manifestação, de acordo com a estimativa de público que pode acontecer nessa manifestação, a responsabilidade pelo planejamento é do comando da área, ou do comando regional ou do batalhão. Nas prescrições diversas desse plano diz que cabe ao Departamento de Operações prover as necessidades de efetivos caso seja demandado pelo responsável pelo planejamento. Eu verifiquei, verifica-se que há uma dúvida muito grande sobre de quem era a responsabilidade do planejamento das ações. O DOP, de acordo com o art. 39, já citado aqui, é responsável pelo planejamento de grandes eventos. Todos os grandes eventos que têm na corporação, eu cito aqui para o senhor a Operação Finados, o 7 de setembro, a própria posse do presidente da República no dia 31, é responsabilidade do Departamento de Operações. Agora, dependendo do evento, da manifestação, de quem vai ser a competência, vai ser definido em uma reunião, e a reunião que foi feita no dia 6 de janeiro. Então, se no dia 6 de janeiro o major Leonardo e o coronel Casimiro saem dali informando que a competência, a responsabilidade pelo planejamento dos eventos do final de semana seria do DOP, eu estava inclusive com o comandante-geral na reunião, eu solicitaria ao comandante-geral, naquele mesmo momento, que prorrogasse o expediente da corporação que se encerraria às 13 horas, e nós iríamos fazer o planejamento, o expediente só seria liberado após a confecção do plano operacional que o DOP teria que fazer. Ou seja... E diga-se de passagem, eu tenho que dizer isso, quem compareceu à reunião representando o Departamento de Operações foi o major Leonardo. Deputado Hermeto, não sei se o senhor me permite, o major Leonardo é muito importante ser ouvido por esta Comissão Parlamentar de Inquérito. Porque, de acordo com o decreto, a responsabilidade pelo planejamento das ações – eu sou o departamento operacional, mas eu não tenho responsabilidade em fazer um planejamento –, a responsabilidade é dele, eu posso até não assinar esse planejamento se eu falar: “Não, não quero”. Mas a responsabilidade da confecção do planejamento é da subchefia de operações pelo Decreto 10.443. Lembro-me que a subchefia de operações está no mesmo nível hierárquico-funcional das diretorias. Ela é uma diretoria, eu não tenho que dizer faz ou não faz. Ele tem que fazer e eu tenho que aprovar ou não, ou fazer as alterações. O major Leonardo tem, tinha, na época, ele também foi exonerado, ele tinha 4 anos de departamento operacional. Ele é um oficial altamente capacitado, competente, é o responsável, junto com o corpo de policiais, de fazer todo o escopo, todo o planejamento dos grandes eventos da corporação. A própria posse do presidente da República quem faz é ele com a sua equipe. Então, assim, na minha opinião, e na opinião de muitos outros oficiais da corporação, o major Leonardo é quem mais entende de planejamento, em todos os níveis de planejamento – estratégico, tático,

operacional. Vai depender da competência. O major Leonardo sabe. Então, o major Leonardo, se o senhor me permite, presidente, seria muito interessante ser ouvido também nesta Comissão Parlamentar de Inquérito, porque ele me passa as informações e ele fala – e eu tenho isso no meu celular –: “Coronel, aqui da reunião não tem atribuições ao Departamento de Operações fazer elaboração do planejamento para o 8 de janeiro. O coronel Casimiro está aqui, o coronel Casimiro já fez as solicitações de efetivo que necessita, e vai fazer as ordens de serviço” – e foi feito pelo 6º Batalhão de Polícia Militar. Nesse dia, às 13 horas, o expediente se encerra. Nós não temos nenhuma novidade, nenhuma evolução durante a parte da tarde. E às 18 horas, em conversa com o coronel Casimiro, eu começo a receber as primeiras informações de que os primeiros ônibus foram detectados, estavam vindo para Brasília. Aí, fica aquela situação: se era competência de o Departamento de Operações fazer o planejamento, esse planejamento tinha que ser feito na sexta-feira; porque as informações tinham que chegar a mim – eu estava na reunião com o comandante-geral –, e na sexta-feira à tarde faria. Se não foi feito na sexta-feira... De acordo com as informações, se chegasse àquela autoridade que tivesse essa informação, aquele oficial com poder de decisão dentro da corporação me passasse ou determinasse que eu fizesse, seria feito. E isso não foi feito. Então, eu queria só esclarecer esses pontos para o senhor, porque eu acho que a reunião é muito importante para esclarecer muitas coisas. Então, em resumo eu não fui convidado. Não recebo... Não existe... Inclusive, eu acho que deputado Hermeto, relator, deve ter solicitado todos os documentos referentes às manifestações. O Departamento de Operação não recebe, eu não recebo – respondendo pela chefia – um documento me chamando para comparecer à reunião; eu não sou incluído no grupo de WhatsApp para tratar das decisões do que estava sendo conversado sobre as manifestações; e eu não recebo também nenhuma ligação da subsecretária de operações integradas, coronel Cintia. Ela trata – eu descubro depois – muito diretamente com o coronel Casimiro, que era o responsável da área, mas eu não recebo nenhuma solicitação dela. Eu acho que já gastei meus 10 minutos, presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quero registrar aqui a presença do nosso querido companheiro, amigo, Chico Leite. Ele foi deputado distrital por 4 mandatos aqui conosco. Portanto, é uma alegria muito grande recebê-lo aqui nesta casa. Ele é um procurador importante do Ministério Público do Distrito Federal.

Coronel Paulo José, na minha opinião – creio que é a opinião do deputado Hermeto e da maioria –, o senhor está chegando aqui hoje como o grande responsável por tudo que aconteceu. Todo mundo que passou aqui por essa cadeira, os coronéis que passaram aqui por essa cadeira em que o senhor está sentado disseram que a culpa é do senhor. Portanto, hoje, o senhor terá a grande oportunidade de dizer efetivamente de quem é a culpa. Fica parecendo um jogo de empurra, em que um joga a culpa no outro, parecendo que nós não íamos convocá-lo. Eles afirmaram e reafirmaram aqui.

Eu vou começar as minhas perguntas indagando o senhor: era comum, em manifestações, haver esse tipo de desencontro que aconteceu? Não haver uma reunião prévia? Não colocar, efetivamente, quem eram os responsáveis para aquele dia de manifestação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, excelência...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Isso nunca tinha acontecido?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não era comum. Assim, eu tenho que esclarecer aqui ao senhor: eu estava no Departamento de Operações desde julho de 2022 e eu fui exonerado no dia 8 de janeiro de 2023. Eu não sei se eu citei aqui na minha leitura, eu estava com porte de arma suspenso. Eu não fazia parte do núcleo operacional do departamento. O que acontece? Quando eu fui convidado – eu fui convidado na época pelo coronel Naime para ir para lá –, eu manifestei essa situação. Eu falei: “Naime, eu estou com o meu porte de arma suspenso. Eu acho que fica um pouco complicado, prejudicado, eu desempenhar as funções no Departamento de Operações em razão da minha...”

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Paulo José, está parecendo – e nós vamos chegar a essa conclusão – que jogaram toda a responsabilidade em cima do senhor exatamente pela sua questão de estar em tratamento...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Aí eu...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – É o que está parecendo. “Joga tudo em cima dele, porque ele depois não terá como ser responsabilizado e aí está todo mundo livre”. O senhor não acha que foi isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu tiro férias no mês de novembro de 2022. E eu vou falar, eu acho que é interessante. Quando eu tento retornar no dia... Eu tiro do dia 21 de novembro ao dia 19 de dezembro. O coronel Cleber, que é o responsável pela subchefia de operações, era o coronel abaixo do comando ali do subchefe do DOP, era o responsável pelo planejamento dos eventos, porque ele que era o titular da pasta, ele me pede para eu não retornar naquela data. Ele me pede para não retornar naquela data: “Não, vai ter a posse do presidente da República. Você está chegando agora... Faz o seguinte, vai, fica em casa. Nós publicamos aqui os seus afastamentos regulamentares. Nós colocamos aqui a sua dispensa natalina, sua dispensa recompensa, qualquer coisa, mas não volta agora. Deixe para voltar só depois do dia... Deixa para voltar no dia 2 de janeiro”. E isso foi feito. E aí eu falo para o senhor o seguinte: quando eu retorno ao Departamento de Operações, o núcleo operacional, que era feito pelo coronel Naime, que era o chefe do departamento; o coronel Cleber, que era chefe subseção operacional; e o tenente-coronel Condi estão todos afastados. Eram 3 coronéis do núcleo operacional que não estavam lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Era comum se afastarem todos assim?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não. De forma alguma.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Isso nunca tinha acontecido?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não poderia ter acontecido, porque o comum é sempre estar afastado... E o deputado Hermeto, que é policial militar, sabe disso, deputado. Sempre que está afastado... Se o comandante está afastado, o sub fica. Mas a estrutura dentro de coronéis, no mínimo... E isso não é uma situação também normal, pelo menos 2 devem ficar e 2 saem. Não é normal. Até porque eu e não estava desempenhando funções da parte de planejamento operacional, na parte... A estrutura do departamento, ela é bem complexa. Então, desde que eu fui para lá o Naime me disse: “Cara, você vai cuidar da parte administrativa. A quantidade de processo SEI que passa pelo departamento é muito grande. Você não está com o teu porte de arma estabelecido? Cuida da parte administrativa”. E isso foi delegado a mim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu retorno em fevereiro e eu só consigo estabelecer o meu porte de arma em novembro. E aí, quando eu retorno em novembro, tem essas questões das manifestações, que aí a gente começa a... Mas eu não tinha a presença de 3 coronéis lá, que era necessário. Eu não tive...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bem.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Aí eu completo só ao senhor que eu não tive transição. Não houve. Eu não tive contato com nenhum dos coronéis para dizer o seguinte: “Cara, tem isso aqui para você fazer”. O que é o normal. “Tem isso aqui para você acompanhar e a gente vai sair”. Não houve. Na verdade, os coronéis eu vi apenas em novembro, não tinha visto antes de eu sair.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu acho que pegaram o senhor como boi de piranha. Esta é a minha opinião.

Coronel, qual cargo o senhor ocupava no dia 8 de janeiro de 2023? Quando assumiu tal posto na Polícia Militar do Distrito Federal? Quais são as atribuições do DOP – Departamento

Operacional da Polícia Militar do DF? Quais são as atribuições do subchefe do DOP e quais são as atribuições do subcomandante da Polícia Militar do DF e do comandante da Polícia Militar? Qual efetivo o DOP tinha sob a sua subordinação no dia 8 de janeiro?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu falei muito rápido. Vou pausar e vou fazer as perguntas uma por uma.

O deputado Hermeto está dizendo: “Esquarteja as perguntas”. (Risos.)

Qual o cargo o senhor ocupava no dia 8 de janeiro de 2023?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Então, presidente, eu era o subchefe do Departamento de Operações.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

Quando assumiu tal posto?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A publicação da minha, da função, ela é de setembro. Eu não estou lembrado da data, mas ela é publicada em setembro de 2022. Então, era de setembro a janeiro, eu tinha 4 meses de departamento.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quais são as atribuições do DOP – Departamento Operacional da Polícia?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – As funções do departamento estão inseridas – eu até citei aqui – dentro do Decreto nº 10.443, que fala sobre a organização básica da Polícia Militar do Distrito Federal. Então, na verdade, ela se confunde com o art. 144 da Constituição. O Departamento de Operações é responsável pela manutenção, preservação da ordem pública, por todo policiamento ostensivo, gerenciamento das suas unidades subordinadas, a distribuição, sua gestão, juntamente com o departamento de pessoal, de remanejamentos dentro das unidades e, principalmente – e aí vem o grande... –, dentro do seu art. 39, responsável, também, através da subchefia de operações, pelo planejamento de grandes eventos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

Quais as atribuições do subchefe do DOP e quais as atribuições do subcomandante da Polícia Militar do Distrito Federal?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O subchefe do DOP tem todas as atribuições que o chefe do departamento tem na ausência dele. Ele responde pelo chefe do Departamento de Operações, que aí já está inserida dentro dessas atribuições que eu passei ao senhor. A do subcomandante-geral – e aí é o que interessa aqui para nós –, o subcomandante-geral, ele é o chefe operacional da corporação. Só para explicar ao senhor: se, por ventura, o Departamento de Operações fizer um planejamento operacional, um departamento, ele não tem subordinação, ele está no mesmo grau hierárquico com os outros departamentos da corporação. Então, o Departamento de Operações faz o planejamento e submete à apreciação do subcomandante-geral para aprovação. Ele é o chefe operacional da corporação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Qual efetivo o DOP tinha sob a sua coordenação no dia 8 de janeiro de 2023?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Então, presidente, o Departamento de Operações, com exceção dos efetivos que estão subordinados aos outros departamentos, toda a parte operacional do Departamento de Operações era o efetivo que eu dispunha lá. Então, assim...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – De quanto? Quantas pessoas?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É difícil informar isso para o senhor, porque todos os batalhões... Então, se o senhor pegar todos os comandos regionais, que são...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Para a manifestação, naquele dia, foram destacados quantos policiais?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Para a manifestação, aí eu tenho que explicar algumas situações para o senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, explique.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Inclusive, eu vou passar... Na verdade, às 13 horas, por volta das 13 horas, envolvido na manifestação...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Treze horas do dia 8?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Do dia 8 de janeiro, nós tínhamos 550 policiais lá. O senhor pode achar que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Estavam onde os 550?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu posso inclusive...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu estou perguntando isso, coronel Paulo José, porque aqui foi...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu vou explicar para o senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Foi dito que, no planejamento, estava destinada a utilização de 600 policiais e que, na hora do evento, a partir das 13 horas, havia cerca de 170 – não é? O outro depoente que esteve aqui disse que, quando foi destacado, falaram para ele que haveria uma tropa de 600 homens e, quando ele chegou lá, na verdade, não havia tropa nenhuma, havia 170 cadetes.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Presidente, eu vou discriminar os efetivos... Tenho que deixar bem claro.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O que eu estou perguntando para o senhor é: quantos policiais estavam escalados para a Esplanada dos Ministérios naquele dia.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não consigo definir para o senhor a quantidade exata. Eu vou dar uma estimativa para o senhor porque, às vezes, pode-se pedir uma companhia operacional – que são 58 homens – e, de repente, tem faltas, tem alguma... Ela vai com 49, vai com 52... Por exemplo, o próprio CFP que foi solicitado para que fosse remanejado para comparecer na parte da manhã, eram 200, chegaram lá 175. Então, definir um número para o senhor, ainda mais que eu não era responsável pelo planejamento, eu não tenho como. Mas eu posso dizer ao senhor isso, inclusive, o deputado Hermeto, como relator...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor sabe explicar por que não colocaram os batalhões de prontidão?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Essa decisão do sobreaviso, ela foi passada para mim já no sábado à noite.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem deu a ordem do sobreaviso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Foi o subcomandante, o coronel Klepter, subcomandante-geral à época. Coronel Klepter, a decisão foi dele.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E era comum se colocar de sobreaviso em vez de prontidão em uma manifestação que estava circulando nos meios de inteligência de que seria violenta e tudo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Presidente, eu acho que tem uma situação que é muito importante ser esclarecida aqui.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por favor, esclareça.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Olha só, eu fiquei sabendo posteriormente – e eu acho que os senhores acompanharam também, V.Exas. acompanharam –, no sábado, o doutor Andrei, que era o diretor-geral da Polícia Federal, solicita uma reunião, no sábado, em razão dos alertas, das informações que ele tinha, ele solicita uma reunião com a Secretaria de Segurança Pública – não é? Nessa reunião, que foi feita na parte da manhã...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor participou dessa reunião?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu nem soube que houve essa reunião. Eu nem sabia que... Eu soube que houve essa reunião através da imprensa... Como eu falei para o senhor...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não achou estranho? Fizeram uma reunião para discutir o dia 8, o senhor era o chefe do DOP – que era o responsável efetivo pela segurança – e não foi convidado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, a estranheza já vem desde o momento que eu não sou nem chamado para uma reunião que vai ter para falar sobre as manifestações. Eu não recebo documento, eu não recebo via mensagem de WhatsApp, meu telefone está apreendido na Polícia Federal. Isso pode ser checado lá. Eu não recebo documento no Departamento de Operações, a Subsecretaria de Operações manda solicitação, o convite ao major Leonardo, na quinta-feira. Poderia ter feito um documento, ainda que fosse na sexta-feira, o expediente na parte da manhã. Eu não recebo a informação de que teria uma reunião no... E eu acho que era importante isso. Eu não recebo nem via telefone. Poderia ser telefone: "Oh, Paulo José, vai ter uma reunião na Subsecretaria de Operações, na Secretaria de Segurança Pública, para tratar sobre as manifestações. É importante a sua presença. Você quer participar?" "Opa, vamos." E eu iria levar o major Leonardo, que é o chefe operacional, mas eu gostaria de comparecer. Eu não sou avisado. Se lá nessa reunião se define um grupo de WhatsApp com os representantes dos órgãos para se deliberar sobre a evolução das manifestações, eu não sou incluído também...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ignoraram o senhor completamente.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não recebo. Eu repito e falo para o senhor – o meu celular está apreendido – que não recebo, durante todo aquele final de semana, uma ligação da coronel Cintia. Depois eu fiquei sabendo que ela se comunicava diretamente com o coronel Fábio ou então com o coronel Casimiro.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ela que afirmou aqui que estavam previstos 600 homens.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu digo para o senhor... Eu posso discriminar para o senhor os efetivos aqui e, aí, se o senhor achar...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não, eu quero saber qual o efetivo que foi designado para aquele dia.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Então...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não é o número que há no batalhão, é quem foi escalado para trabalhar naquele dia 8 de janeiro.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Presidente, a gente tem que entender que existe uma mudança de cenário da sexta-feira para o sábado. Sexta-feira se passa uma manifestação pacífica. Era uma possibilidade de ocorrência. Se houvesse manifestações, seriam pacíficas. Os levantamentos que se tinha... Isso, palavras do major... Eu torno a repetir: é importante o major Leonardo vir depor aqui, para ele passar essas informações. Palavras do major Leonardo: que havia pouco engajamento da atividade de inteligência para o levantamento das informações; que a adesão, até aquele momento, era baixa. E estava presente também o coronel Casimiro lá. Então, o que me passam... Eu não tenho por que duvidar dos oficiais que compareceram lá. E eu acho que essa... Tem uma ata da reunião e isso foi falado lá... que as manifestações não foram confirmadas.

Diante disso, já haviam escalado lá, por solicitação do Casimiro, 2 companhias operacionais...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Com quantos homens?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Se ela estiver completa, são...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Só para esclarecer para as pessoas que estão nos acompanhando, “homens” é o modo de falar, mas são homens e mulheres policiais.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Eram 116 das 2 companhias operacionais. Havia também a operação Centúria, mas a operação Centúria depende de captação de voluntário. Era para serem colocados 60, 70. E, em razão da quantidade de eventos que estava tendo no final de semana, nós só captamos 14. Então, 116 com 14 são 130. Havia os GPE, os Grupamentos de Pronto Emprego do 6º Batalhão, que aí eu já não tenho essas informações. Eu acho que o GPE eram 32. Havia, na parte da manhã, 175 do CFP e, durante aquele dia também, nós tínhamos, de trânsito, 130 policiais. Se o senhor for somando, a gente já chega a quatrocentos e... Falaram assim: “Ah, mas é efetivo de trânsito.” A primeira prisão que ocorreu durante aquele dia, nas manifestações, foi pelo trânsito.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Foi.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O senhor sabe disso. E, às 13 horas, eu aciono a companhia operacional, por solicitação do coronel Fábio Augusto. Ele me pede: “Cara, tu tem 2 companhias em prontidão!” Eu falei: “Tenho.” E ele falou: “Manda, às 13 horas, deslocar uma companhia para cá, que eu vou precisar”, porque ele já estava no teatro de operações. Às 11 horas, eu ligo para o 2º CPR; eu solicito ao capitão Araújo que ele se apresente às 13h. Tem um áudio lá dizendo: “Não se atrase, se apresente para o comandante da operação, para pegar as determinações sobre a...”

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Paulo José, quem era o responsável pela operação do dia 8 de janeiro de 2023?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O coronel Casimiro.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Casimiro era o responsável.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O coronel Casimiro era o responsável. O coronel Casimiro manda o ofício para o Departamento de Operações, ele solicita os efetivos, ele fala o que ele quer. O coronel Casimiro pede 2 companhias operacionais. O DOP dá. Se o coronel Casimiro pedisse 10 companhias operacionais, presidente, seriam apresentadas 10 companhias operacionais. Ele coloca no teor do ofício que – eu não sei se o ofício está aqui –, caso o planejamento mude – ele usa o termo “o planejamento mude” –, o departamento vai ser informado. O coronel Casimiro era o responsável porque as operações foram baseadas no Plano de Operação 02.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – E eu ouvi o deputado Hermeto falando sobre ele; o senhor tem conhecimento e ele diz lá... ele elenca as possibilidades e as hipóteses que... Por quê? Porque as informações que se tinham do dia 6 se enquadravam dentro do Plano de Operação 02. Então, por isso...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Paulo José, por que a operação do dia 8 de janeiro de 2023 foi diferente dos atos realizados no dia 7 de setembro de 2021 e de 2022? O senhor participou das operações do dia 1º de janeiro de 2023, dia da posse do presidente Lula? Como foi o planejamento operacional nesse evento? E qual foi o efetivo empregado pela Polícia Militar?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu já falei para o senhor que eu estava de férias de novembro... E aí eu sou convidado a permanecer de recesso até o dia 2 de janeiro. Eu não participei desses eventos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Era comum sair de férias e depois ser convidado para prorrogar as férias?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor, deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Foi a primeira vez?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – E causou estranheza também, porque eu retorno de férias...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – É como quem diz: você retornou, mas não precisamos de você, não.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exato. Havia 3 coronéis que eram do núcleo operacional. Eles não poderiam ter saído todos os 3 juntos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E saíram, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Eram o coronel Conti, como eu falei, o coronel Cleber e o coronel Naime.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Os 3 saíram e disseram que não precisavam do senhor?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Eu retorno de férias. Eu estou afastado de... Causou estranheza. Eu estou afastado de novembro até o dia 2 de janeiro e, quando eu chego lá no Departamento de Operações, eu não encontro os coronéis que são responsáveis pela estrutura operacional do batalhão.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Haviam desmontado a estrutura operacional?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Não estavam lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E não havia ninguém assumindo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu assumi, voltando... Respondendo...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas lhe disseram para prorrogar até o dia 2.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Sim, senhor. Quanto à pergunta que o senhor fez aí, sobre os eventos do dia 7 de setembro, da posse do presidente da República, eu credito o sucesso, porque eles foram feitos pelo Departamento de Operações. Mas, aí, o senhor tem que entender também que esses eventos foram planejados com muita antecedência.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Várias reuniões foram feitas. Por exemplo, a posse do... Eu via lá, a posse do... Porque foi bem antes ainda. Antes de novembro já se estava fazendo planejamento da posse do presidente da República. Várias reuniões com o Exército. E se faziam muitas reuniões dentro do Departamento de Operações, com os oficiais envolvidos, para se definirem as funções de cada um. Então, eu credito o sucesso à antecedência com que foi feito o planejamento e também pelo fato de ter sido feita pelo Departamento de Operações. A do dia 8 não feita pelo Departamento de Operações, deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

Coronel Paulo José, a quem cabia confeccionar o planejamento operacional da Polícia Militar, no qual deveria conter efetivo, número total de policiais e local em que eles estariam alocados, número de viaturas, uso de equipamentos não letais para conter multidão? Nada disso foi feito. O coronel Casimiro disse, nesta casa de leis, que o senhor seria o responsável por tal planejamento e que o senhor teria sido omissos. Isso é verdade, coronel?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor deputado. Se o coronel Casimiro

sai da reunião no dia 6 dizendo: “Ô Paulo José, a responsabilidade pelas informações que eu tive aqui de fazer o planejamento é tua. Eu não tenho condições, eu não tenho como bancar operacionalmente as operações do final de semana.” Se ele – e ainda corroborado pelo representante, que é o major Leonardo – dissesse isso, nós teríamos feito e não teria dificuldade nenhuma de fazer esse planejamento. A partir do momento em que ele me manda os documentos, e os ofícios estão aqui dizendo que ele é o responsável pelo planejamento das ações, eu acho que – e isso baseado também, fundamentado pelo plano de operação manifestações –, eu acho que não resta nem dúvida que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele mentiu aqui?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele mentiu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mentiu.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – E ele não mentiu só nisso, presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas nós vamos chegar às outras mentiras.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A responsabilidade era dele.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O coronel Casimiro também disse que o senhor foi o responsável – para não dizer irresponsável – por ter permitido a abertura da Esplanada para os manifestantes. Isso é verdade?

Eu vou passar o vídeo em que ele afirma isso, para que o senhor confirme se é verdade o que ele disse ou não. Por favor, passem o vídeo nº 1.

(Apresentação de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor o mandou abrir? O senhor deu essa ordem para que ele abrisse?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu nunca dei essa ordem ao coronel Casimiro. Deputado, é como eu falei para o senhor: eu não participei nem da reunião. Eu nem incluído do grupo de decisões, que envolvia os representantes dos órgãos para decidir as ações quanto à manifestação, eu fazia parte. Eu só posso abrir... Na verdade, só quem tem competência para determinar a abertura ou o fechamento da Esplanada dos Ministérios é um decreto do presidente da República ou um decreto do governador, ou então uma GLO, e não era o caso de nenhuma dessas. Ele sabe disso. Ele tem conhecimento e ele mentiu aqui nesta comissão parlamentar de inquérito. Eu me coloco à disposição de V.Exas., se necessário for, para fazer uma acareação, eu vou falar isso na frente dele. Ele nunca recebeu...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas ele disse mais. Ele disse que o senhor tinha mandado abrir porque o senhor tinha recebido um telefonema do governador dizendo que era para abrir.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Quem dera! Seria uma honra para mim...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas é o que ele disse aqui.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – ... receber uma ligação do governador. Nunca recebi uma ligação do governador nem da Secretaria de Segurança Pública. Nesse ponto, presidente, eu gostaria de esclarecer o seguinte.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – No sábado – eu tinha comentado aqui –, houve uma reunião – e eu soube disso muito depois do dia 8 – com o delegado da Polícia Federal doutor Andrei. Aí ele faz essa reunião com alguns representantes da Secretaria de Segurança Pública e manifesta a preocupação que ele tem em permitir que os manifestantes descessem. Ele fala que esses manifestantes teriam a intenção de invadir prédios públicos, teriam a intenção de praticar ações radicais, vandalismo, terrorismo, enfim, e ele manifesta essa situação para que o Governo do

Distrito Federal, a Secretaria de Segurança Pública tomem providências. Aí ele cita, inclusive, que, quando eu recebo essa informação... Ele fala, e não sei se chegou a passar aí, que eu recebi a ordem do Paulo José porque, parece, que numa reunião foi definido isso. Que reunião? Eu não participei de reunião, eu nem fui informado do teor dessa reunião. Eu só soube dessa reunião pela imprensa meses atrás. Eu estava sentado lá, assistindo à televisão, e eu vi lá que houve uma reunião no dia 7 de janeiro. Então, assim, eu me coloco à disposição desta comissão parlamentar de inquérito para olhar nos olhos do coronel Casimiro e falar na frente dele: "Você mentiu". Ele nunca recebeu documento para isso, nunca recebeu uma mensagem de WhatsApp, não recebeu ligação. Ele nunca recebeu nenhuma orientação e ele sabe disso. Ainda que eu fosse um louco de mandar abrir a Esplanada dos Ministérios, ele iria falar: "Diga, com ordem de quem? Quem te mandou?" O governador não sabe nem que eu existo, né? Nunca nem me viu na vida.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Paulo José, o ex-subsecretário Fernando Oliveira, em depoimento nesta casa de leis, disse que a coronel Cintia teria dito a ele que o efetivo empregado pela Polícia Militar do DF seria de 600 policiais e que o coronel Casimiro teria afirmado a ela que o efetivo da Polícia Militar seria suficiente. Porém, documento encaminhado pela Polícia Militar a esta casa de leis diz que o efetivo teria cerca de 200 alunos do curso de formação de policiais e que o restante da tropa ficaria de sobreaviso.

De quem foi a ordem para escalar esse número reduzido de policiais e, acima de tudo, para escalar alunos do curso de formação, sem experiência em manifestações?

O senhor saberia informar o efetivo utilizado no dia da posse do presidente e o efetivo utilizado no dia 8?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Presidente, como eu falo para o senhor, o planejamento e as solicitações de efetivo foram feitos pelo coronel Casimiro, comandante do primeiro CPR, que era o responsável pelo planejamento das ações. Ele me solicita, durante a semana, 2 companhias de pronto emprego, que são companhias que já são escaladas pelo Departamento de Operações para, em caso de necessidade, serem acionadas rapidamente para lá. Ele me pede alguns efetivos de especializada e, no sábado... Aí, eu gostaria de falar, eu não consegui falar ainda da reunião. Teve essa reunião com o delegado, o doutor Andrei, em que ele fala, ele manifesta a preocupação que ele tem de uma eventual manifestação agressiva. E eu acho interessante isso, porque eu não soube dessa reunião, não me falaram que teve essa reunião de forma alguma. Inclusive, o Casimiro credita à mim a ordem de abrir a Esplanada. Eu chego de férias. Eu não estava nem, assim, tão inteirado sobre as questões que estavam acontecendo de manifestações e eu não teria nem por que mandar abrir a Esplanada, ainda mais, recebendo telefonema do governador. Assim, o Casimiro merece o troféu Pinóquio de cara de pau do ano! Desculpe eu falar, deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor é um policial experiente, certamente, com mais de 20 anos de serviços prestados. Deve ter participado de centenas de operações, ou até mais, em manifestações.

Indago ao senhor: não seria papel das tropas especializadas da Polícia Militar, do Batalhão de Policiamento de Choque, do Regimento de Policiamento Montado, entre outros batalhões especializados, a intervenção para impedir a invasão aos prédios dos 3 Poderes da República? Não deveria haver, no local, um cordão de isolamento composto por tropa especializada em conter multidão, com equipamento não letal, como gás lacrimogêneo, bomba de efeito moral e munição não letal?

Faço a seguinte indagação: esses cuidados não deveriam ter sido tomados logo de início, diante das informações de inteligência, que informavam que era grande a possibilidade de confronto com as forças de segurança e a invasão dos prédios públicos? Por que o senhor, como chefe do DOP, não utilizou todo o efetivo desde o início dos atos do dia 8 de janeiro?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu vejo assim: existe uma

mudança de cenário do dia 6 de janeiro para o dia 7 de janeiro. Então, o que acontece? Até às 8 e meia da noite do dia 6 de janeiro, as informações que eu tinha, que nós tínhamos – eu acho que todos que estavam envolvidos na operação tinham – eram de que seriam manifestações pacíficas. Só a partir de 8 e meia da noite se inicia, se verifica o deslocamento de alguns ônibus para cá. E eu torno a falar: no dia 7 de janeiro, após essa reunião com o diretor da Polícia Federal, com a Secretaria de Segurança Pública, eu digo para o senhor, eu entendo que a grande falha foi aí. Na minha avaliação, na minha percepção, a grande falha é que, quando há uma mudança de cenário, há uma reunião com a Secretaria de Segurança, onde é exposto que todas as preocupações que se têm, caso aqueles manifestantes descessem – eu acho que, naquele momento –, o próprio Protocolo de Ações Integradas tinha que ser refeito no sábado. Se essa informação chega a alguma autoridade com poder de decisão dentro da Polícia Militar – se chegou, eu não sei –, se chegou, por exemplo, ao comandante-geral, ao subcomandante-geral ou ao chefe do DOP – porque não chegou a mim –, era necessário que, naquele momento, se convocasse a reunião com todos os chefes de departamento, no sábado, ainda que fosse no domingo de manhã – a reunião foi sábado de manhã –, convocassem todos os chefes de departamento, convocassem todos os comandantes em função operacional, determinassem ao Departamento de Operações com suas equipes que fizesse um plano de operação para se colocar, no dia seguinte, o maior número possível de policiais lá ou de, pelo menos, 1.500, 2.000 policiais no domingo e policiais de prontidão. Eu acho, na minha avaliação, na minha percepção, que essa foi a falha. Agora, alguém da Polícia Militar... Essas informações da Secretaria de Segurança Pública chegaram a alguma autoridade da Polícia Militar? Eu não sei. Se chegaram, o que foi feito com essas informações? Eu não soube dessa reunião, como eu falei para o senhor. Eu soube pela televisão. À noite, eu recebo a informação de que a tropa ficará de sobreaviso. À noite, eu recebo a solicitação do comandante, coronel Fábio, que era para acrescentar 2 companhias operacionais. Inclusive, eu vou falar que o coronel Fábio disse reiteradas vezes que ligou para o Departamento de Operações, e não foi atendido na sua solicitação de efetivo. Eu falo que meu celular está apreendido na Polícia Federal. O dele também foi apreendido. É só checar. O coronel Fábio, em nenhum momento, me faz uma ligação, quer seja por telefonema, por telefone convencional ou pelo WhatsApp me solicitando. Ele me mandou 2 mensagens, que são áudios, na parte do sábado à noite, solicitando o remanejamento de policiais para de manhã, que é o CFP, e me pediu 2 companhias para, em caso de necessidade – ele me reforça isso: “Nós não sabemos se os manifestantes vão descer” –, em caso de descerem, a gente as emprega. Eu falei: “Vou colocar de sobreaviso”. Às 10 e 37 do domingo, eu passo os efetivos – eu sempre passava, desde o sábado; tanto o coronel Fábio, como o coronel Klepter sabiam quais eram os efetivos que estavam sendo empregados. No domingo de manhã, eu mando para ele: “Olha, do CPME” – as especialidades – “estão sendo empregados esses efetivos. Do batalhão, estão sendo empregados esses efetivos.” Aí, ele fala: “Beleza, meu amigo. Eu já estou” – isso às 10 e 37 da manhã do dia 8, no domingo – “na área. Estou aqui desde 8 horas da manhã e está tudo tranquilo.” E às 11 horas, ele me faz um novo contato solicitando uma companhia operacional, que é designada a descer lá. Eu faço a seguinte avaliação, presidente: o comandante-geral estava lá desde às 8 horas da manhã. Nós não tínhamos manifestação na parte da manhã lá. Não tinha nada. O movimento era muito pouco. O comandante-geral vai lá apenas para verificar se as ordens estão sendo cumpridas, se o planejamento está dentro daquilo que ele está esperando das operações. Então, ele não passa, não houve em nenhum momento ligação para mim dizendo: “Paulo José, cara, eu quero mais 10 companhias operacionais aqui. Meu irmão, eu preciso de reforço de efetivo. Está pouco o policiamento de especializada.” Eu digo ao senhor, com as informações que eu tive – porque, no sábado, eu não tive, eu não era... –, eu complemento aqui: eu fazia parte do grupo Prioridade. Eu fazia parte do grupo do DOP, que era interno do DOP, mas havia também o grupo Perímetro, que era das pessoas que conversavam sobre a operação... Eu só soube desse grupo posteriormente ao dia 8. Tinha um grupo também, o Difusão, que eu acho que era das altas autoridades.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor participava desse grupo Difusão?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor. Nunca participei desse grupo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não participava de grupo nenhum?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu participava do Prioridade.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Prioridade fazia o quê?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O Prioridade, eu acho que ele...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pelo visto, não houve prioridade nenhuma.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. O Prioridade, presidente, já era um grupo antigo que engloba também todos os comandantes operacionais e alguns integrantes da área de inteligência. Ele passava e reportava – se o senhor tem aí nos autos –, a todo o momento, que a manifestação era pacífica e se limitava a dizer a quantidade de ônibus que chegavam. Inclusive, acho que até às 11 horas da manhã do dia 8, ele reforça a manifestação pacífica: “A manifestação está tranquila”. Eu acho que, só depois das 12 horas, 12 e pouco, ele fala: “Verificamos aqui pessoas com paus, pedras, enfim”.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O coronel Naime, em depoimento prestado a esta casa, disse que o efetivo empregado pela Polícia Militar do Distrito Federal, no dia 8 de janeiro, causou-lhe estranheza. Também disse que ele estava de folga e não foi o responsável pela convocação do efetivo para o dia 8 de janeiro.

Indago: quem foi o responsável pelo emprego do efetivo do dia 8 de janeiro? O erro foi do senhor; do coronel Casimiro; do subcomandante, na época, coronel Klepter; ou do comandante, coronel Fábio? De quem foi o erro?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, o responsável pelo planejamento das ações do final de semana, das manifestações do final de semana do dia 8, era o coronel Casimiro. As solicitações de efetivo – eu tenho os ofícios que foram encaminhados ao Departamento de Operações –, os efetivos iniciais do dia 6 eram de responsabilidade dele. Como eu falei para o senhor, se houvesse 10 companhias de solicitação, seriam atendidas as 10 companhias.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele não lhe solicitou?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não. Dentro das minhas conversas que tenho com o coronel Casimiro – inclusive, eu tenho uma aqui do dia 8 de janeiro... Inclusive, há mais uma mentira que foi falada aqui pelo coronel Casimiro. Ele fala que eu estava – eu ouvi no depoimento – em casa, de bermuda, de *short* e bermuda, fazendo um churrasquinho muito tranquilamente e acompanhando. Essa aqui é a foto do coronel Casimiro, quando eu mando para ele, eu pergunto para ele, às 12 e 53 de domingo: “Casimiro, os efetivos são suficientes?” Ele diz: “Por enquanto, para início, é suficiente” – isso às 12 e 56. O DOP é o gestor operacional. Eu sou o dono do efetivo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Faltando 2 horas para começar o quebra-quebra.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – “Aciona alguém para ficar e deixar aquartelada uma cia. às 16 horas, porque pode se estender à noite” – palavras dele às 13 horas. E aí a gente vai ver o que vai acontecer. Coronel Casimiro, pelo plano de operação Manifestações – está previsto lá –, ele é o responsável pelos levantamentos de inteligência, pelos acompanhamentos da evolução das manifestações. E ele, a todo momento, se ele fala para mim, assim como o comandante-geral fez no domingo, “Eu quero mais uma companhia operacional”, se ele me pede 2 ou 3 ou 5, o que fosse, eu iria mandar para ele. O planejamento era do coronel Casimiro, nunca foi do Departamento de Operações.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

O senhor foi indiciado em IPM pela Corregedoria da Polícia Militar. O senhor poderia nos dizer em que crime militar o senhor foi indiciado? Qual a fundamentação para o seu indiciamento? Além do senhor, quais os oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal foram indiciados pela Corregedoria da Polícia e em quais artigos?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – No inquérito policial militar lá da PM, eu sei que foram os arts. 319 e 324. Eu sei que o principal lá é a prevaricação, a omissão. Prevaricação. E o outro é deixar de fazer – eu não me lembro direito do texto – ... deixar de fazer ou cumprir as atribuições dentro da sua esfera de competência. Aí eu fui indiciado por omissão lá. Inclusive, o encarregado do inquérito, que era o coronel Sarmento, coloca lá que eu tive acesso ao Relatório 06, confeccionado pela doutora Marília. E aí ele falou: “Como ele teve conhecimento do Relatório 06 e não tomou as providências, e o DOP deveria ser o responsável...”, então, ele joga essa omissão. Resumindo. Esse Relatório 06, presidente, que foi confeccionado pela doutora Marília, que era subchefe de inteligência da Secretaria de Segurança Pública, foi confeccionado na sexta-feira, só que ele só foi tornado de conhecimento da subsecretária de operações integradas, coronel Cintia, na segunda-feira. Então...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Depois do fato ocorrido?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Como é que eu poderia, de alguma forma, ter acesso? Inclusive, eu acho que aparece, não sei se na denúncia ou no inquérito da Polícia Federal, que eu tomei conhecimento do Relatório 06. Eu nunca tomei conhecimento desse Relatório 06. Eu nem conhecia a doutora Marília. Só se ela me mandar... Eu não... eu nem sabia quem era ela. Eu não tinha nem condições. E a coronel Cintia afirma aqui que eu recebo, mas eu não tive interesse em abrir, e só na sexta... na segunda de manhã que eu soube do teor do que tinha dentro do relatório.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, o senhor sabe os motivos que levaram à prisão de vários integrantes da cúpula da Polícia Militar recentemente, inclusive, o senhor? Existe caso de oficial, como é o caso do coronel Fábio Augusto, que foi preso pela segunda vez por determinação do ministro Alexandre de Moraes. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

Consta da denúncia do subprocurador da República que oficiais da cúpula da Polícia Militar discutiam a possibilidade de golpe em grupo de WhatsApp. O senhor fazia parte desses grupos que discutiam o golpe? O senhor chegou a discutir a possibilidade de golpe de Estado e de intervenção militar em grupo de WhatsApp com outros oficiais da PM?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, presidente. Sobre a primeira pergunta que o senhor fez, depois da denúncia é que eu fui verificar o motivo da prisão dos oficiais lá. Então, são aqueles crimes antidemocráticos – da abolição violenta do Estado democrático de direito, golpe de Estado, violação dos deveres e direitos... – pela apuração da Procuradoria-Geral da República. Se o senhor pegar as 196 páginas da denúncia que foi formulada pela Procuradoria-Geral da República, o senhor não vai ver nenhuma postagem minha falando de...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – De golpe de Estado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, não só de golpe de Estado, falando de política. Eu nunca me manifestei. O deputado Hermeto, ele é policial militar, ele foi candidato dentro da corporação, ele sabe disso. Eu nunca me manifestei politicamente dentro da corporação. Eu nunca me manifestei, nunca tentei influenciar ninguém, eu não tenho fotos com candidatos. Eu tive candidatos da minha turma agora que concorreram às últimas eleições, eu não tenho fotos nem com eles, eu até evitava isso. Eu não tenho nem rede social, deputado Chico Vigilante. Eu não fui apagar a rede social depois do dia 8, não. Eu nunca tive rede social, eu nunca tive Instagram, Facebook. Eu não tenho vídeos. Isso aí eu posso falar com absoluta tranquilidade. Eu não tenho nenhum viés político dentro dessa corporação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor tem conhecimento de que o pessoal discutia participar de golpe de Estado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu li a denúncia de trocas de mensagem entre eles...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor sabia que eles estavam fazendo

isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor. Era do celular.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nunca chamaram o senhor para dizer: “Olha, vamos dar um golpe aí e tirar esse...”

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor presidente. Eu nunca... Na verdade, eu nunca recebi nenhuma mensagem dos coronéis, do major, do tenente lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pelo que o senhor está dizendo aqui – e aí é uma conclusão minha –, o senhor não fazia parte da turma. Parece que o senhor era uma pessoa que ficava ali, mas que eles não confiavam no senhor, que eles não discutiam certas coisas com o senhor e que o senhor tinha chegado a coronel por seus méritos, mas que eles não gostavam do senhor. É a essa conclusão que eu estou chegando.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor era como se fosse um rejeitado lá: “Deixa esse Paulo José por aí”.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Em parte eu vou concordar com o senhor, sim, porque, a partir do momento em que eu sou alijado totalmente do processo de planejamento das ações do dia 8 de janeiro... Por que não mandaram um documento para o departamento de operações? E o senhor sabe disso. O relator, o deputado Hermeto, deve ter solicitado a documentação. Eu não recebo no Departamento de Operações nenhum documento que fosse me convocando para essa reunião, eu não recebo telefonema da coronel Cintia, eu não recebo WhatsApp de convocação, a que eu gostaria de ir. Se eu sou do Departamento de Operações, como é que eu não vou fazer parte das decisões que deveriam ser tomadas a respeito das manifestações que poderiam vir? Eu não sou colocado no grupo de WhatsApp lá. Então, assim, como o senhor falou, o patinho feio talvez seja o quê? Eu não tinha um envolvimento direto na parte operacional do departamento, até porque eu estava com o meu porte de arma suspenso, estava fazendo tratamento psicológico na época, e, talvez em razão disso, o próprio comandante... E está errado na denúncia também, a denúncia diz que eu determino ao coronel Casimiro comparecer... Quem determina é ele. Ele falou aqui, e eu acho que o próprio comandante-geral na época falou também, que quem determina o comparecimento dele é o coronel Fábio Augusto. Eu não determino a participação porque eu nem sabia dessa reunião. Então, assim, eu não sei por que, mas me deixaram totalmente alijado de todo o processo. Na verdade, me deixaram de escanteio. E eu fico, assim, muito consternado porque, na hora de decidir, de se fazer presente para resolver o planejamento que tinha que ser feito com a participação do departamento de operações, eu não fui colocado dentro do cenário. Agora, depois que a coisa acontece, que deu errado, que a casa caiu, que não sobrou um tijolo...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Aí encontram um grande culpado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O Paulo José, o Paulo José fez isso. Inclusive, assim, é tanta coisa, deputado, eu estava vendo a comissão parlamentar, a comissão mista do Congresso Nacional – eu assisto também, porque agora eu tenho muito tempo para assistir –, e um deputado lá cita, da denúncia, que eu sou autor de um... Eu não estou com o texto todo aqui, mas, em suma, o texto diz assim: “Estou saindo de plantão...” e ele atribui a mim essa frase. Ele cita assim: “Olhem a pérola que esse coronel fala, por isso que tem que estar preso”. Diz que eu mando para o Casimiro: “Estou saindo de serviço...” – do plantão, ele não fala “serviço”, fala “plantão” – nem se usa essa palavra dentro da corporação. “Estou saindo de plantão, vou para o acampamento agora, porque nós temos que endossar o grupo patriota, porque nós temos que varrer esses porcos imundos, esses petistas imundos, da face da terra”. Ele atribui isso a mim, sendo que aquilo era uma mensagem que eu recebi e encaminhei para o Casimiro. Eu falo: “Meu irmão, olha o que estão falando!” E aí, como eu encaminho, está dentro do meu celular, é atribuída a mim. Então, além de...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor já foi àquele acampamento alguma vez prestar apoio e solidariedade a eles?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor deputado, eu nem sabia onde era o acampamento.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor nunca foi lá?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Nunca pisei no acampamento.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Se eu pegar todas as imagens, não vou encontrar o senhor lá, não?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não! Eu posso afirmar, com absoluta certeza, por maior que seja a investigação, esta comissão parlamentar de inquérito não vai achar foto minha lá, nem com político. O senhor não vai achar foto.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não esteve lá?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor, isso aí eu posso afirmar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não é daquela turma lá que passou pix?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu tenho certeza de que o senhor não vai fazer essa surpresa aqui comigo de falar que eu estou mentindo, que acharam uma foto minha. Eu nunca estive lá, inclusive, nunca estive nem de serviço, deputado. Eu não participava, eu não fazia parte de grupos dentro da corporação que discutiam política.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Paulo José, o que o senhor tem a dizer sobre a postura da Secretaria de Segurança Pública em relação ao dia 8 de janeiro de 2023? Pergunto isso porque temos informações de que o subsecretário executivo, Fernando Oliveira e a Coronel Cintia Queiroz, subsecretária de operações integradas da secretaria, participaram de uma reunião na tarde do dia 7 de janeiro de 2023, na sede do Ministério da Justiça, e teriam sido alertados pelo doutor Andrei Passos, diretor da Polícia Federal, da chegada de vários ônibus de manifestantes e do risco iminente de invasões, depredações, conflitos com as forças de segurança por parte dos manifestantes golpistas.

Sendo assim, indago ao senhor: o subsecretário Fernando Oliveira ou a Coronel Cintia alertou as demais agências de segurança dessa reunião e dos riscos que foram levados a ela e ao subsecretário Fernando Oliveira? O senhor tem conhecimento se a Polícia Militar do Distrito Federal ou qualquer outra força de segurança foi convocada pela Secretaria de Segurança, após essa reunião, para alguma mudança no plano de segurança?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Presidente, eu soube que teria essa reunião no dia 7 de janeiro com o doutor Andrei e alguns integrantes da Secretaria de Segurança Pública, como eu falei para o senhor, meses depois do dia 8 de janeiro. O teor do que foi decidido nessa reunião – eu afirmo para o senhor com absoluta convicção – não chegou ao Departamento Operacional. Eu nem soube que houve uma reunião, não sei o que foi tratado – eu soube depois pela imprensa. Como eu lhe falei, eu vejo uma mudança de chave do dia 6 de janeiro para o dia 7 de janeiro. Se no dia 7 de janeiro – repito o que eu já falei – essas informações que o senhor relatou aí da preocupação do doutor Andrei chegam à Polícia Militar, teria que se apurar quem teve essas informações dentro da corporação e o que fizeram com essas informações dentro da corporação. E aí, eu falo...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não foi alertado de nada?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Nunca. Não, senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nem falaram para o senhor dessa reunião?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, nunca. Nunca me falaram dessa reunião.

Eu falo para o senhor, sem medo, que eu soube pela imprensa, depois, por uma entrevista que vi meses atrás, em casa. Só completando, eu falo: se a informação chega à cúpula da corporação, que fosse ao Departamento de Operações, eu teria que tomar as providências. Eu teria que falar com o meu subcomandante: "Cara, a gente vai ter que fazer um planejamento operacional emergencial para colocar o máximo de efetivo possível". Se chegou – eu não sei, eu não posso afirmar isso – ao comandante-geral ou ao subcomandante-geral, eles deveriam ter convocado todos os chefes de departamento, deveriam ter convocado todos os coronéis em função operacional, todos os especializados e determinar ao DOP: "Façam um plano de operações para que, no domingo, coloque-se o máximo de efetivo possível". Isso não foi feito. Eu vou falar com toda a experiência que eu tenho: a grande falha, para mim, foi aí, nessa mudança de chave. Se ficou dentro da Secretaria de Segurança Pública e não tomaram as providências, para mim a responsabilidade era da Secretaria de Segurança Pública. Se chegou a alguma autoridade com poder de decisão, à cúpula da corporação, e não foram tomadas as providências – eu não sei se chegou ou não, não posso afirmar isso –, eu entendo também que a falha pode estar aí.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

Coronel Paulo José, em documentos recebidos por esta casa de leis, foi observado, por especialistas que prestam serviços a esta CPI, que existem inconsistências no sigilo bancário do coronel Naime. Inclusive, tais inconsistências constam também de denúncia da PGR, que se tornaram públicas em alguns extratos. Aparecem depósitos de policiais militares lotados no DOP na conta do coronel Naime. Indago: o senhor sabe a proveniência desses depósitos?

Ainda segundo a denúncia da PGR, em documentos recebidos e analisados por esta CPI, consta uma situação estranha envolvendo o coronel Naime e empresas de segurança. Indago: o senhor tem conhecimento de alguma irregularidade que possa levar a crer que o coronel Naime e alguns policiais militares lotados no DOP realizavam serviços particulares usando a estrutura da Polícia Militar?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, a minha relação com o coronel Naime se dava no campo estritamente profissional. Eu não sei nem onde ele mora. Eu não frequentava a casa do coronel Naime. O coronel Naime não frequentava a minha casa. Eu tinha poucos meses de Departamento de Operações. Eu não era associado, não sou associado à Associação dos Oficiais. Eu não faço parte. Não sei nem como funciona essa questão, porque citaram que algum dinheiro vinha da Associação dos Oficiais. Eu não tenho conhecimento sobre essa parte da denúncia, porque o coronel Naime nunca falou para mim sobre isso. Eu não posso fazer qualquer juízo de valor sobre isso porque eu não tenho conhecimento.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bem.

Por fim, coronel Paulo José, quero lhe fazer uma indagação: o coronel Naime, mesmo estando afastado em férias, tinha conhecimento de tudo que estava acontecendo nesta capital.

No fim de semana do dia 8 de janeiro de 2023, foi o senhor que ligou para o coronel Naime retomar o seu posto e liderar a tropa? O senhor tem conhecimento de algum movimento do coronel Naime com a intenção de derrubar o coronel Fábio Augusto e assumir o comando da Polícia Militar?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Presidente, eu liguei para o coronel Naime no dia 8 de janeiro. Aliás, eu liguei para quem eu podia ligar. Se eu pudesse, até ligaria para o senhor, deputado Hermeto, porque eu sei que o senhor é policial militar também. Eu liguei para todo mundo. Se tivesse que colocar cabo da guarda lá, se tivesse que colocar, teria que ir todo mundo para lá. Então, eu liguei para o coronel Naime quando eu estava dentro do Congresso Nacional, porque, no momento em que há o rompimento da barreira, eu me encontrava na linha, junto com os praças do curso de formação, e aí a gente tenta correr. Eu corro junto com o coronel Fábio Augusto para a chapelaria e de lá, pelo número insuficiente de policiais e de policiais legislativos, eu acabo sendo empurrado para dentro de lá. De lá de dentro, quando eu consigo estabilizar, num momento lá, eu ligo para o Naime e falo: "Cara, estão quebrando tudo aqui". Aconteceu. Se ele estivesse em Brasília,

eu tinha certeza de que, independentemente de “Ah, não, eu estou de recesso”, ele iria. Assim como foi. Então, assim, eu liguei para todo mundo que eu podia ligar naquele momento. Eu liguei às 14 e 47 para o coronel Paulo André, que respondia pela Subchefia de Operações. Está registrado no meu telefone. E ele disse isso... Às 14 e 47, 7 minutos após o rompimento em que eu corro lá e que eu consigo respirar, eu já ligo, acionando todas as tropas especializadas para descenderem para lá. A outra pergunta do senhor?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – É se o senhor tinha conhecimento de um movimento para derrubar o coronel Fábio Augusto?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Assim, deputado, eu não fazia parte do alto comando da corporação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor tem conhecimento de que havia um movimento para derrubá-lo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não. De forma alguma. Eu sei que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não o convidaram para participar?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não. Assim, eu até falo para o senhor. Eu estava de férias. No dia 11 de janeiro, eu já tinha feito o meu requerimento para a reserva remunerada, porque só podia tramitar a partir do dia 11. Eu estava de férias. Inclusive, eu nem ia voltar. Eu ia dar um jeito lá. Eu procurei ver se eu tinha algum tipo de licença aqui, mas não tinha. Eu tive que me apresentar. Eu não tinha interesse. Eu não tinha... Nunca eu vi...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não tinha interesse na queda do coronel Fábio?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O coronel Fábio é meu amigo. Eu conheço o Fábio.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas tudo o que acontece no quartel ou em qualquer lugar a gente fica sabendo. O senhor tem conhecimento do movimento liderado por alguns coronéis para derrubar o Fábio?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não vi isso. Eu não percebi isso. Como eu falo para o senhor, antes de eu ir para o Departamento de Operações, eu estava na Secretaria de Segurança Pública, até por um convite do coronel Fábio, quando ele estava lá. Tanto se mostra a minha amizade com ele que, quando ele foi, ele me liga e diz: “Paulo José, tu queres vir trabalhar comigo na Secretaria de Segurança Pública?” “Eu vou”. Eu retorno para o Departamento de Operações. O Naime fala: “Tu queres vir trabalhar aqui?” Eu já tinha trabalhado com ele. Eu falei: “Cara, eu estou sem função, sem nomeação. Eu vou.” O que eu posso dizer para o senhor é o seguinte: muitos coronéis – e é da função – querem assumir a função de comandante-geral. Agora, se havia... Eu afirmo com absoluta...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não tem conhecimento de um movimento para derrubá-lo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor. Não, senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – E se isso chegasse para mim, para eu fazer algum tipo de..., eu não participaria de uma coisa dessa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom. Obrigado.

Eu vou passar a palavra agora ao nosso relator, que terá o tempo que achar necessário para fazer as indagações.

Está com a palavra o deputado Hermeto, relator desta CPI.

DEPUTADO HERMETO – Obrigado, presidente.

Coronel Paulo José, há algumas perguntas aqui que já foram respondidas.

O deputado Chico Vigilante levou 1 hora e 24 minutos. Ele exauriu várias perguntas que eu ia fazer, mas não vou deixar de fazê-las, porque a minha assessoria já reclamou de mim por ficar pulando as perguntas, e elas são importantes.

Antes de entrar nas perguntas, coronel, o senhor disse uma coisa que não entendi direito: que a coronel Cintia participou de uma reunião com o diretor-geral da Polícia Federal, o doutor Andrei, no sábado que antecedeu o quebra-quebra. Essa reunião foi feita na Secretaria de Segurança Pública? Eu não sabia disso. E o doutor Andrei disse para não abrir a Esplanada. O senhor falou isso aqui?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não falei de abrir ou fechar a Esplanada.

DEPUTADO HERMETO – Não. Que ele recomendou que não deixasse...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele recomenda, inclusive... Isso está disponível na...

DEPUTADO HERMETO – Eu sei. Tudo bem, está disponível, mas a coronel Cintia, em momento algum, tocou nesse assunto aqui.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O que aconteceu, deputado Hermeto, é que o doutor Andrei solicita essa reunião – isso está na imprensa, eu vi pela imprensa – com a Secretaria de Segurança Pública. E sei que comparecem a essa reunião o doutor Fernando, que era o secretário substituto à época.

DEPUTADO HERMETO – Secretário executivo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Secretário executivo. E comparece a coronel Cintia também.

DEPUTADO HERMETO – Só os 3?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele dá entrevista... Não, senhor. Eu não sei quem mais participou.

DEPUTADO HERMETO – Essa reunião é pública. Estranha-me o fato de a coronel Cintia não citar isso no depoimento dela. Não sei se o deputado Fábio Félix se lembra do depoimento. Ela cita isso? Ela não citou que ela participou dessa reunião e da preocupação do diretor-geral da Polícia Federal para que a Esplanada dos Ministérios não fosse aberta. É isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. É o que eu falei para o presidente: eu acho que o grande problema de tudo está aí, porque, se a partir daquele momento...

DEPUTADO HERMETO – Eu fico pensando. Eu fui da corporação por 30 anos e sei que a corporação sempre prefere errar para mais do que para menos. Quantas e quantas vezes eu estava ali, na Esplanada dos Ministérios, em pé? Nós até ficávamos criticando os oficiais – eu era praça –: “Por que há tanto policial aqui? Não há nada, não vai dar nada!” Mas estávamos lá. Ficávamos com muita raiva, deputado Pastor Daniel de Castro, do comandante, do oficial que estava nos comandando. “Estamos aqui o dia todo. Não vai haver nada aqui.” A Polícia Militar sempre prezou por errar para mais. Estou faltando com a verdade?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor deputado.

DEPUTADO HERMETO – Quantas vezes eu falei: “Caramba, que absurdo ficarmos sob neste sol quente! Não vai haver manifestante nenhum aqui.” E estávamos lá. O máximo que conseguíamos, coronel, era ir para dentro de um ônibus, sentar e descansar o esqueleto, pois não aguentávamos mais ficar em pé, mas estávamos lá.

Estranha-me muito, como policial, uma reunião, em um sábado de manhã, em que o diretor-

geral da Polícia Federal, com todas as suas atribuições, sai de onde ele está e vai à cúpula da Secretaria de Segurança Pública para falar “Estou preocupado, porque recebi informações para não abrir a Esplanada dos Ministérios”.

Pelo amor de Deus! O que eles tinham que fazer era tocar prontidão geral! Prontidão geral! Quem estivesse de folga tinha que ir para a Esplanada. Não é esse o procedimento, coronel Paulo José?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Eu sou um humilde praça, subtenente da Polícia Militar. Eu nunca tive o poder de decisão dentro da corporação. Sou elemento de execução e não de planejamento, mas, na minha humildade, se há uma reunião como essa, com o diretor da Polícia Federal, o que a coronel Cintia tinha que fazer, o que quem estava lá tinha que fazer? “Meu irmão, é o seguinte: toca geral. Quem tiver de folga vai embora, vem para cá. Domingo, todo mundo lá na Esplanada.”

Eu participei de muitas manifestações. Nós ficávamos criticando os oficiais porque não havia manifestantes. Às vezes, nós brincávamos dentro do ônibus quando estávamos sentados: “Vamos contar os manifestantes. Há 10 PMs para cada manifestante.” Aí nós tacávamos o pau nos senhores, nos oficiais: “Esses caras ficam fazendo isso conosco. Que maldade!” Mas eu entendo como funciona: é errar para mais. Se tivesse havido isso naquele dia 8, não teria acontecido o que aconteceu. O senhor concorda?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É o que eu falei para o presidente. Eu vejo a grande falha. Eu sei que a comissão parlamentar...

DEPUTADO HERMETO – Isso é um absurdo!

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Se tivessem sido tomadas as decisões no dia...

DEPUTADO HERMETO – A coronel Cintia é uma oficial experiente. Ela tinha que ter alertado todos no momento em que o delegado da Polícia Federal... Não importa se era o DOP que tinha que fazer. Não importa quem tinha que fazer o planejamento. Ela tinha que chegar e falar: “Chame o comandante-geral aqui”. Ela era subsecretária de...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – De operações integradas.

DEPUTADO HERMETO – De operações integradas, ou seja, operações de todos...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Os órgãos integrados.

DEPUTADO HERMETO – Os órgãos integrados. “Chame o comandante-geral. Vamos tocar a prontidão.” Nada de sobreaviso. Prontidão, porque, se o delegado da Polícia Federal disse o que disse, meu amigo, tinha que haver 5 linhas na entrada do ministério. Eu duvido que eles passariam. E, na retaguarda, a cavalaria. Passariam pelas linhas primeiro; depois passariam pelas tropas especializadas. Não é assim que funciona?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Primeiro, nós, os comuns, na frente. Os comuns que eu falo são os policiais que fazem o serviço ordinário, normal. Eles estariam na primeira linha. Na segunda linha, começariam as tropas especializadas: Rotam, Patamo, até o Bope. Por último, a cavalaria, porque ninguém aguenta a cavalaria. Quando um manifestante vê um cavalo, ele corre. Eles não aguentam. Eu queria ver aqueles caras que quebraram tudo lá dentro na hora em que o cavalo fosse para cima deles, aquele que disse: “Eu quebro tudo”. Esse infeliz nem entraria no Congresso. Na hora em que ele visse o tamanho dos cavalos da cavalaria e a lapada que o policial dá por baixo, o cabra não entraria, não, deputado Chico Vigilante. Mas é isso aí. Vamos que vamos.

Vou começar minhas perguntas.

Coronel Paulo José, o coronel Casimiro disse, nesta CPI, que o responsável por escalar o

efetivo do dia 8 foi o senhor; que a responsabilidade pela operação não era do primeiro CPR, pois o 8 de janeiro foi um evento de Brasília – lembro-me de que ele falou isso claramente –; que não sabia o motivo pelo qual o DOP não realizou um plano operacional.

Ele disse também que o comandante da operação era o major Flávio Alencar; que a ele, coronel Casimiro, cabia apenas coordenar e supervisionar. Pergunto ao senhor: as informações prestadas pelo coronel Casimiro estão corretas?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu vou falar o que eu falei para o presidente: o coronel Casimiro mentiu e mentiu muito aqui nesta Comissão Parlamentar de Inquérito. Ele fala – e eu não citei da outra vez –, ele fala que estava em casa, porque ele não tinha comprometimento direto com o planejamento das ações lá. E aqui eu mando uma mensagem para ele, e ele mesmo faz a *selfie*. Eu falo...

DEPUTADO HERMETO – Ele estava na Esplanada?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Esse aqui é ele. Ele estava na Esplanada, e dizendo: “Estou descendo pela ERB”. Como é que ele estava em casa, de bermuda, assistindo a toda a manifestação – porque ele não tinha comprometimento direto, porque ele deixou claro isso aqui – e ele está aqui? E eu falo para o senhor: eu estou à disposição desta CPI para fazer uma acareação com o coronel Casimiro para tirar todas essas dúvidas, se os senhores, se V.Exas. acharem necessário. O coronel Casimiro, se a responsabilidade de planejamento fosse do Departamento de Operações, ele teria que ter manifestado isso na reunião que teve na Secretaria de Segurança Pública; ou, em algum momento, que ele falasse assim: “Eu não dou conta de bancar operacionalmente essas manifestações, o Departamento de Operações tem que ser inserido”. O Departamento de Operações, através do Plano de Operação Manifestações, e de acordo com as informações que teve na secretaria, só fazia subsidiar ele de efetivos, e é assim que funciona. Eu gostaria até de dar um exemplo para o senhor do que aconteceu, se o senhor permitir.

DEPUTADO HERMETO – Claro. Você tem o tempo que quiser.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Então, vamos dizer que, no final de semana, tem uma reintegração de posse na cidade de Santa Maria, por exemplo. O comandante de lá vai fazer... Ele fala assim: “Ah, o clima está meio acirrado, são mil pessoas” – vamos dizer que ele já avaliou, ele estimou em mil pessoas, e essas pessoas estão querendo se dirigir à administração da cidade para invadir, mas são mil pessoas! Eu consigo controlar com os meus efetivos, mas eu quero que o Departamento de Operações me apoie com mais 2 companhias operacionais; e eu quero também efetivos especializados, como Patamo, BPChoque, enfim, de acordo com a avaliação dele. O Departamento de Operações vai atender e mandar para lá; se ele cumpriu a missão, mandou, voltou, está tudo certo. Mas vamos dizer que numa situação dessa, as mil pessoas que ele estimou, chegam de ônibus 5 a 10 mil pessoas e invadem tudo. E aí ele vai alegar o seguinte: “Poxa, mas invadiu tudo, eu não tinha condições operacionais de bancar isso aí, a culpa é do DOP”. Por quê? Porque o Departamento de Operações, de acordo com o Decreto nº 10.443, é o responsável pelo planejamento de grandes eventos. Então, o DOP é o culpado, ele olha para o retrovisor. Então, o que eu vejo disso tudo aí, é que, se se olha para o retrovisor, o DOP era o responsável pelo planejamento de grandes eventos. Foi um grande evento? Não resta dúvida nenhuma. Mas, na hora que foi solicitado, e quem compareceu à reunião da Secretaria de Segurança Pública... E eu até entendo que não tinha essas informações no dia. Mas – e eu retorno ao que o senhor falou –, no sábado, a partir do momento que chegam as informações dentro da corporação, tinha que se mobilizar todo mundo. Aciona todos os chefes de departamento, aciona todos os comandantes operacionais, aciona o Departamento de Operação para fazer um planejamento operacional e para se colocar o maior número possível de policiais na Esplanada dos Ministérios. Isso não foi feito. A falha foi da Polícia Militar? E aí eu retorno a falar: chegou essa informação dentro da Polícia Militar? Eu não posso afirmar para o senhor. Agora, se chegou, quem chegou, o responsável a quem chegou e não tomou essas providências está errado, é o culpado. Eu posso afirmar com absoluta certeza que o Departamento de Operações não teve essas informações.

DEPUTADO HERMETO – Eu sei quem não tem culpa nisso tudo, que o deputado Chico Vigilante fala que são os cadetes, mas não são cadetes, não. São os futuros soldados da Polícia Militar, que estão no CFP – Curso de Formação de Praças. Esses foram para o sacrifício, esses não têm culpa nenhuma, eles são vítimas. Eu posso até dizer que os soldados, os cabos, os sargentos, os elementos de execução, os policiais de execução que estavam na Esplanada dos Ministérios, para mim, são vítimas também. O senhor concorda?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Pelo baixo efeito que havia, então eles estavam correndo risco de vida.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu concordo...

DEPUTADO HERMETO – Quem tinha que planejar o efetivo não planejou. Viu, presidente? Os praças que estavam lá, os oficiais subalternos, os que estavam lá foram vítimas. Vítimas de uma falta de planejamento. Eles correram risco de vida. Tanto é que a cabo, a soldado que foi quase linhada pelos bandidos foi até promovida por ato de bravura. Inclusive, ela esteve na CPMI lá do Congresso. E também o subtenente, que me falta o nome agora, é até meu amigo, e eu esqueci seu nome agora...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Beroaldo.

DEPUTADO HERMETO – Beroaldo! Meu amigo. Também foi vítima pela falta de planejamento de quem tinha que planejar, que são os da cúpula.

O coronel Casimiro também disse que foi o senhor quem mandou abrir a Esplanada. E o senhor já falou aqui que ele está mentindo, não é? O senhor falou...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele está mentindo, e eu, se houver necessidade de fazer uma acareação com ele, eu vou falar para ele que ele está mentindo.

DEPUTADO HERMETO – Ok.

O senhor falou que não gosta de política e tudo. Realmente, eu não conheço o senhor na Polícia Militar. Assim, se o senhor passasse na minha frente – e olha que eu conheço muita gente na Polícia Militar –, eu não saberia que o senhor era o coronel Paulo José. O senhor sabia disso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu já desconfiava, deputado. Eu...

DEPUTADO HERMETO – O senhor nunca tirou foto com político. Eu nunca vi o senhor em nada. Em evento nenhum....

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não tenho nem rede social. Não tenho foto...

DEPUTADO HERMETO – Isso aí eu estou falando porque eu confirmo isso. Eu não conhecia o senhor. O senhor é tido, no nosso jargão... Posso falar no jargão da nossa corporação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim... Moita.

DEPUTADO HERMETO – Posso falar?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Pode, sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – O senhor é o moita.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É verdade.

DEPUTADO HERMETO – É o moita. O cara que trabalha, mas ninguém... Sabe? É o cara discreto demais. Ele não está em lugar nenhum. Ele... Eu não conhecia o senhor.

Após o coronel Casimiro prestar depoimento nesta casa o senhor chegou a conversar com ele, depois? Depois que ele veio aqui?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu encontrei com ele, por acaso, uma vez na

rua.

DEPUTADO HERMETO – Mas o senhor...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não podia. Eu não conversava com ele.

DEPUTADO HERMETO – Ah, tá...

O senhor participou dos grupos de WhatsApp Perímetro de Segurança e Difusão?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Não, não é?

Com relação aos atos do dia 8, o coronel Fábio Augusto disse nesta CPI ter havido uma reunião em que ficou acertado que haveria um plano de operações. Essa reunião ocorreu?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu não sei a que reunião ele está se referindo...

DEPUTADO HERMETO – Está...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Será que é a reunião do dia 6 ou a reunião do dia 7?

DEPUTADO HERMETO – Eu não sei, aqui.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu também não sei. Eu sei que teve a reunião do dia 6 na Secretaria de Segurança Pública, que comparece o coronel Casimiro e o major Leonardo Santos.

DEPUTADO HERMETO – E houve a reunião no dia 7, no sábado de manhã...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Essa do dia 7 eu soube, muito depois, pela imprensa.

DEPUTADO HERMETO – O coronel Fábio disse ter solicitado ao senhor e ao coronel Casimiro o reforço de efetivo antes dos atos do dia 8. Isso confere? O efetivo foi aumentado? O coronel Fábio disse que o comandante-geral solicitou ao senhor o aumento do efetivo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Ele solicitou.

DEPUTADO HERMETO – Solicitou?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O que acontece? Todos os efetivos, desde... No sábado, eu pegava os efetivos que me passavam do CPME e dos comandos regionais e eu passava para ele: "Olha, coronel Fábio Augusto, os efetivos que estão sendo empregados: é esse, esse e esse". Mas ele me solicita da seguinte forma. Ele me manda uma mensagem de áudio, já no sábado à noite e fala: "Você tem 2 companhias escaladas", que eu sei, e isso tem os áudios.

DEPUTADO HERMETO – Sábado à noite?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sábado à noite.

DEPUTADO HERMETO – A reunião foi sábado de manhã com o delegado da Polícia Federal, o doutor Andrei.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O que eu vi, o que eu constatei, depois, é que a reunião foi de sábado de manhã. Aí, no sábado à noite, ele me manda uma mensagem e fala... O contato que eu tenho com o coronel Fábio Augusto, de todo o final de semana, resume-se a 4 áudios. Ele me manda um áudio dizendo... inclusive ele fala: "Olha" – alguma coisa nesse sentido – "Houve uma transição de comando dentro da Secretaria de Segurança Pública. As autoridades, elas estão muito preocupadas com o cenário atual. É necessário que a gente aumente os efetivos. Eu sei que você já tem 2 companhias operacionais, eu sei, você já me passou. Eu quero que dobre, eu quero que você coloque mais 2 ". Então, são escalados o 2º e o 3º CPR, que eram do coronel Mendes e do coronel Alcenor. São 2 companhias que ficam de sobreaviso. E aí ele fala isso: "Eu

preciso de mais 2 aí, meu amigo. Então você providencie esses efetivos para mim". E, também, por determinação do coronel Fábio Augusto, ele pede que o CFP, que estava escalado... Inicialmente, ele estava escalado para às 15 horas. Ele pede que sejam remanejados para as 8 horas da manhã do domingo. Aí, ele solicita: "Faça contato com o Departamento de Educação e Cultura, com o coronel Elisson, e solicite, veja lá com eles, para que os 200 policiais do CFP se apresentem às 8 horas da manhã". E isso foi cumprido.

DEPUTADO HERMETO – Tudo no sábado à noite?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exato. No domingo, eu passo os efetivos que tem para ele, por volta de 9 e meia, 10 horas da manhã, e, aí, ele me fala: "Meu amigo, já estou aqui..." – esses são os áudios que tem – "... já estou aqui desde 8 horas da manhã". E o meu celular está apreendido, pode isso ser verificado. "Aqui está um clima de tranquilidade muito grande, está sem problemas. E qualquer coisa, a gente vai conversando". Isso, às 10 e 37. Às 11 horas, ele me pede: "Pegue uma daquelas companhias operacionais que você tem e manda se apresentar aqui às 13 horas". Isso foi feito através do 2º CPR, capitão Araújo, para deslocar lá, às 13 horas. Eu gostaria só de reforçar aqui aos senhores: em nenhum momento, o coronel Fábio me liga. Ele não usa o telefone, quer seja o convencional ou o WhatsApp, solicitando qualquer tipo de reforço de policiamento. Todo contato que eu tenho com o Fábio se resume a esses áudios. Quando eu chego na Esplanada, às 14 e 20, ele me solicita apenas o Centurion. Ele falou: "Cadê o Centurion?" Eu falei: "O Centurion não estava no planejamento que foi feito pelo..." "Não. Liga lá para o Paulo André e pede o Centurion". E, aí, eu ligo e solicito que o blindado desça para lá.

DEPUTADO HERMETO – O Centurion estava até com defeito, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. O lançamento do lava-jato dele, da água dele não estava funcionando. Sim, senhor. Então, foi isso. Em nenhum momento, nem o coronel Fábio Augusto me liga, nem o ajudante de ordem dele me liga. Eu vi, aqui, que ele fala: "Porque eu ligava, solicitava ao Departamento de Operações". Aí, tem que saber para quem ele ligou dentro do Departamento de Operações, porque o meu celular está lá, o dele também foi. Não existe. Pode confrontar. Ele não me liga em nenhum momento.

(Manifestação fora do microfone.)

DEPUTADO HERMETO – Pois não, doutora Raquel. Pode...

(Manifestação fora do microfone.)

DEPUTADO HERMETO – Obrigado, doutora Raquel.

Doutora Raquel, fale no microfone, por gentileza. (Pausa.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O que a doutora Raquel está falando é que ela vai disponibilizar os áudios, todo o material que eles têm.

RAQUEL COSTA RIBEIRO – Esses áudios, as mensagens e os demais documentos nós vamos disponibilizar ao final.

DEPUTADO HERMETO – Obrigado, doutora Raquel.

Vamos só recapitular o negócio aqui rapidamente, coronel Paulo José.

Para mim, no sábado de manhã, teve o doutor Andrei.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeito.

DEPUTADO HERMETO – Só à noite, sábado à noite. Nós sabemos que para mobilizar um efetivo não é... Se você chegar... Você tem que ter tempo porque, se você chegar à noite para tocar uma prontidão, você vai ter... O efetivo está espalhado. Não é mais ou menos assim? O tempo hábil é curto.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Verdade, sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Até você tocar... Até para você mobilizar no quartel. Então, você precisava ganhar tempo. Só sábado à noite, depois do alerta, só sábado à noite que houve a preocupação de aumentar o efetivo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sábado à noite, é decretado o sobreaviso, e recebo isso. O subcomandante geral, coronel Klepter, coloca no grupo do alto comando da corporação e, posteriormente, ele pede para ser divulgado também aos efetivos operacionais que estavam subordinados ao Departamento de Operações. E sábado à noite também existe essa solicitação. Então, na minha humilde opinião, eu vejo que alguma informação chega porque houve essa preocupação de acréscimo de efetivos, mas não foi suficiente, deputado. Deveria ter sido feito, como eu falei aqui, a mobilização de todos os efetivos disponíveis para estar lá no domingo.

DEPUTADO HERMETO – Está certo. O coronel Fábio disse também que o sobreaviso determinado pelo subcomandante, coronel Klepter, à época, foi uma questão de precaução haja vista que o DOP não demandou tropa de prontidão. Isso está correto?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O DOP não mandou. Realmente não demandou. Por que o DOP deveria demandar tropa de prontidão e com que informação? Eu me basearia para sugerir ao subcomandante geral, porque só ele pode determinar a prontidão ou o sobreaviso.

DEPUTADO HERMETO – Mas quem municia o subcomandante-geral é o DOP, não é? Se tem que ter prontidão ou sobreaviso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O DOP, dependendo da informação... É muito importante esclarecer, deputado Hermeto, e o senhor sabe disso, que o Centro de Inteligência da Polícia Militar é que produz informação, conhecimento para subsidiar uma tomada de decisão. E o gabinete do Centro de Inteligência é ligado diretamente ao comando da corporação. Eu até vi aqui um depoimento do colega "Ah, porque o DOP não me passou, o DOP não informou". O DOP não produz conhecimento. O DOP consome a informação. Ele não produz a informação, ele consome a informação. O que eu passei para o coronel Fábio, na sexta-feira, foram as informações que me passaram da reunião do coronel Casimiro e do major Leonardo Santos. Então, eu não tenho condições... O DOP tem uma pequena agência de inteligência lá, que, na verdade, mais colhe informações do Centro de Inteligência para passar. E é importante salientar também, deputado, nessa reunião do alto comando da corporação que houve no dia 6, o tenente-coronel Waldicharbel e, se eu não me engano, o coronel Reginaldo Leitão, que está convocado, ele vai falar isso, o coronel Waldicharbel participa dessa reunião no dia 6 de janeiro e, em momento nenhum, ele fala sobre as preocupações das manifestações que poderia haver. Só corrobora as informações que eu já tinha tido da Secretaria de Segurança Pública. E aí tem que lembrar que o expediente acaba às 13 horas de sexta-feira, à tarde, não se tem informação... Tudo normal. Não houve qualquer tipo de evolução para se tomar outra decisão.

DEPUTADO HERMETO – Então, só para recapitular, o DOP tem que informar o subcomandante-geral que tipo... Qual estado que a tropa vai ficar, ou prontidão ou sobreaviso, mas o senhor diz aqui também que, para que o senhor tenha essa informação, o senhor precisa da inteligência para chegarem os informes para o senhor e falar assim: "Vai haver uma grande manifestação". Aí chega a informação para o senhor. E aí o senhor, como é o coletador de informações, que detém o poder de mobilizar o efetivo... Estou certo ou estou errado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Perfeito.

DEPUTADO HERMETO – Quem tem o poder de mobilizar o efetivo chama-se Departamento de Operações da Polícia Militar. Estou errado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Está perfeito.

DEPUTADO HERMETO – Mas, para que o senhor mobilize o efetivo, o senhor precisa de...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Da informação.

DEPUTADO HERMETO – De informações. E essas informações cabem ao Centro de Inteligência da Polícia Militar, certo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeito, exatamente.

DEPUTADO HERMETO – E o Centro de Inteligência da Polícia Militar não deu a importância que tinha essa manifestação? É isso o que estou entendendo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, se houve produção de conhecimento, de informação, por parte do Centro de Inteligência, essas informações eu não sei, não chegaram ao Departamento de Operações. Eu posso afirmar ao senhor, com absoluta convicção, que não. E, dentro de tudo isso que o senhor falou, eu acho que é muito importante... Fala-se muito no Protocolo de Ações Integradas, que era um plano perfeito. E aí começa... Por exemplo, o Protocolo de Ações Integradas tem que trazer, no bojo dele, uma avaliação, uma análise do risco da manifestação.

DEPUTADO HERMETO – Que é produzida junto à Secretaria de Segurança Pública.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Alguns parlamentares citaram isso aqui, compararam com outros protocolos de ações integradas: que sempre havia uma análise de risco. Aquela análise de risco vai subsidiar qual o efetivo que o planejamento vai colocar dentro da corporação.

DEPUTADO HERMETO – Eu entendi.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – E não havia análise de risco, não havia estimativa de público. Dizem que era um protocolo de ações integradas perfeito. Colocaram lá para providenciar 40 gradis simples. Os gradis, na verdade, viraram até armas. O cara pega aquele gradil e vai para cima do policial militar, quando poderiam ser gradis duplos ou até – em uma situação como houve, a dos caminhoneiros, em 2022 – colocar blocos de Jersey, aqueles blocos de concreto para fechar tudo, os acessos. Agora, gradil simples? E dizer que o Protocolo de Ações Integradas foi feito no seu nível máximo de segurança? Que não tem estimativa de público, que não tem avaliação de risco da manifestação – que tem que ser feita pela Secretaria de Segurança Pública –, que me coloca lá 40 gradis? Onde que está esse grau máximo de... E tudo, senhores, que está dentro do Protocolo de Ações Integradas e que são atribuições da Polícia Militar já consta do Plano de Operação Manifestações. Vamos dizer que não exista o Protocolo de Ações Integradas. Se vai ser aplicado o Plano de Manifestação 02, essas atribuições que são de linha de contenção, linha de revista, fechamento dos acessos dos anexos dos ministérios, isolamento da Praça dos Três Poderes, isso já deveria ter feito. Agora, qual foi a falha? Ah, foi feito, mas tudo o que foi colocado lá... Os efetivos foram... Onde se tinha uma linha de contenção de 200, o senhor sabe disso, tinha que ter de 1.000 ali na frente, onde estava o CRT.

DEPUTADO HERMETO – Com certeza.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Onde tinha uma linha de revista de 10, 15, tinha que ter de 80, 150. Então, deveria ser... Por quê? Porque não tinha essa informação. Se o plano era tão perfeito, tão maravilhoso, não precisa mais nem de reunião quando tiver manifestação lá, basta aplicar aquele plano, já está aí. Porque a reunião – eu entendo dessa forma – é necessária para se dar uma identidade à manifestação que vai ter. É para dizer: “Olha, os caras são perigosos, os caras querem quebrar tudo, os caras querem invadir prédio público”. Agora, se for para lá para dizer: “Não, está tudo tranquilo. Temos um protocolo de ações aqui que já está no nível máximo”, então, eu não vejo necessidade. É só pegar aquele protocolo, já fixa para todas as manifestações e pronto, já está feito. E aí eu digo ao senhor: no sábado, o Protocolo de Ações Integradas deveria ter sido mudado. O Protocolo de Ações Integradas tinha que ter sido mudado. Já se tinha a avaliação do risco da manifestação no sábado, já se tinha uma perspectiva de público que deveria chegar, porque os ônibus já estavam descendo. Então, deveria ter sido mudado daí. A partir do momento da mudança do protocolo, se muda todo o planejamento. O coronel Casimiro iria se falar incompetente para fazer, porque ele não tinha efetivo. O DOP tinha que ter entrado para fazer o planejamento,

para no domingo estar lá o maior efetivo possível.

DEPUTADO HERMETO – O coronel Klepter, quando esteve nesta casa de leis, respondendo a uma pergunta do deputado Chico Vigilante, deu a seguinte explicação: “A missão inicial operacional se inicia pelo comando do batalhão da área, e, não havendo recursos humanos e materiais, ele solicita” A hierarquia está aqui. “O comando da área não teve recursos nem humanos nem materiais. Solicita ao comando de policiamento regional”. Subentende-se aqui coronel Casimiro, certo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeito.

DEPUTADO HERMETO – “Esse, não tendo mais recursos, solicita ao DOP”.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente.

DEPUTADO HERMETO – Que é o responsável por fazer esse aporte de apoio operacional para cumprir a missão. Ainda segundo o coronel Klepter: “Em grandes eventos, há uma previsão para que o DOP avoque o planejamento completo da operação”. Isso é exatamente o que dizem os normativos da PMDF, quais sejam: Decreto Federal nº 10.443/2020, Portaria PMDF nº 1.152/2021 e Plano de Operação nº 2/2020.

Apesar disso, ele também disse que o efetivo empregado no dia 8 de janeiro de 2023, foi o DOP, na pessoa do senhor, que escalou. Antes de fazer a minha pergunta, registro também que a PMDF, por meio do Relatório Técnico Jurídico Preliminar nº 1/2023, informou que as manifestações do dia 8, na data da assinatura do PAI nº 2/2023, não foram classificadas como de risco elevado ou de considerável público.

Coronel Paulo José, no dia 6 de janeiro de 2023, as manifestações realmente foram consideradas como de baixo risco e pouco público?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Isso aí, inclusive, acho que consta da ata da reunião da Secretaria de Segurança Pública – as informações que se tinha, e as informações que chegam para mim do coronel Casimiro. Aí eu torno a falar: o major Leonardo Santos é uma pessoa muito importante para ser convocada, para esclarecer o presidente. O major Leonardo Santos tem... Aí, eu falo, deputado, o senhor citou o Decreto nº 10.443 da Organização Básica da Polícia Militar. O art. 39, ele diz que a subchefia de operações é a responsável pelo planejamento de grandes eventos. Quem era o responsável... Se houvesse uma responsabilidade de fazer o planejamento, seria do major Leonardo Santos. Isso aí é fato. Por quê? Porque ele representava a subchefia de operações no dia, porque não havia o coronel Cleber, não havia o tenente-coronel Condi. Era ele o responsável. Mas ele me passa lá. Ele sai da reunião e ele vai confirmar isso, eu tenho certeza. Ele fala: “Coronel, não é atribuição nossa a confecção, porque as informações que nós temos são de uma manifestação de baixo risco, de baixo grau de agressividade”.

DEPUTADO HERMETO – E houve alguma reunião entre a cúpula da PMDF, em que ficou acertado que o DOP seria o responsável por fazer o planejamento?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não. Nunca.

DEPUTADO HERMETO – Nunca, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, de forma alguma. Deputado, se, a qualquer momento, principalmente no sábado – que eu vejo a questão toda para mim está no sábado.

DEPUTADO HERMETO – No sábado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Se determina, alguém me fala: “Paulo José, cara, a gente vai ter que colocar 2 mil policiais. Espreme policial aí, porque amanhã o bicho vai pegar”. Nós tínhamos feito, nós tínhamos feito. Agora, eu falo para o senhor, as informações que eu tive na sexta-feira... A única coisa que mudou para mim de sexta para o sábado foi que, no grupo Prioridade, eles começam a falar: “Chegada de ônibus, chegada de ônibus, chegada de ônibus” e até “Ah, mas não houve incremento de efetivo?” Houve. Houve com os 200 que foram para de manhã,

com as 2 companhias operacionais solicitadas pelo comandante-geral. Daí já tinham mais quase 500. É importante dizer também que, em todo momento, o grupo Prioridade, que eu acompanhava, no seu auge da manifestação no domingo, ele estima um público de 5 mil pessoas, no máximo 5.500 pessoas. Falaram da questão: "Ah, por que empregaram 2 mil pessoas na posse do presidente da República?", mas o senhor vê que deu 200 mil pessoas e teve 2 mil policiais. Se nós formos fazer a relação aí manifestantes e policial militar, no dia 8 de janeiro, por incrível que pareça, presidente, tinha mais policial do que na posse do presidente da República, só que os ânimos eram diferentes.

DEPUTADO HERMETO – Só analisando que os manifestantes eram diferentes.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente.

DEPUTADO HERMETO – No dia 1º, o pessoal estava lá para aplaudir o Lula, para aplaudir a posse do presidente Lula. É bem diferente. A pessoa estava comemorando.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Mas esse pessoal poderia estar infiltrado também, porque era um dia com muita gente.

DEPUTADO HERMETO – Esses bandidos que fizeram isso são espertos. Eles não iriam nunca no dia 1º. Eles esperaram todo mundo se acalmar, bacaninha, programaram tudo, planejaram tudo. Foi uma minoria que fez isso. Para mim, é um grupo orquestrado. Eles já estavam sabendo que iriam fazer isso um domingo depois, quando todo mundo estivesse tranquilo, descansadinho, aí eles vinham. São bandidos os que fizeram isso, os vagabundos que entraram lá dentro e quebraram tudo, porque eles colocaram em risco todos que estavam ali. Estavam todos programados. Eles tinham técnicas para entrar, para fazer. Estava tudo orquestrado.

Não estou falando dos inocentes úteis, não, daqueles que estavam lá enrolados com a bandeira. Aquelas senhoras e aqueles senhores são uns coitados também. Eles não adentraram os prédios e foram usados como massa de manobra por esses pilantras, bandidos, que fizeram isso.

Em complemento à pergunta anterior, em que pese o coronel Klepter ter dito que o efetivo empregado no dia 8 era de responsabilidade do DOP, ele também disse, respondendo a uma pergunta do deputado Gabriel Magno, que, no dia 6/1, o coronel Casimiro compareceu à reunião de trabalho da Sopi. Ele falou que, na necessidade de mais efetivo, isso deveria ser solicitado ao senhor, o que, a meu ver, diante de tudo que já foi falado, em concordância inclusive com os normativos da PMDF, seria o correto; contudo percebo uma certa contradição no depoimento, afinal de contas, de quem era a responsabilidade por planejar as operações, ou seja, há contradições de quem é que tinha que planejar, de quem não tinha. É um jogando para o outro a responsabilidade. Dá para entender isso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu gostaria muito que, da reunião do dia 6 de janeiro, falasse que seria do Departamento de Operações, porque eu tenho certeza de que nada disso teria acontecido. A reunião que aconteceu no dia 6 de janeiro, na Secretaria de Segurança Pública, foi para definir competência: de quem é isso – sempre é feito. Ah, se amanhã tiver uma manifestação, a Marcha das Margaridas... Ah, mas vem cá: vai ser uma manifestação tranquila? É por isso que eu falo para o senhor: tinha uma representante do Departamento de Operações e tinha um representante do Comando de Policiamento Regional. Se o coronel Casimiro tivesse falado: "Ó Paulo, você que vai ser o responsável pelo planejamento das ações, eu não vou dar conta". Ele não falou isso. Eu não estava na reunião. Eu tenho que acreditar nos oficiais que vão comparecer à reunião. Gostaria que tivesse sido pelo Departamento de Operações, sim, porque o planejamento, pelo Departamento de Operações, envolve o emprego de todos os departamentos. Então, para eu escalar os efetivos – e por isso é que o subcomandante-geral é o responsável pela assinatura dele – o Departamento de Operações faz e submete ao subcomandante-geral. Eu gostaria muito de ter feito, porque, eu tenho certeza, se tivesse sido feito o planejamento pelo Departamento de Operações, os atos não teriam acontecido. E, se tivessem falado, deputado – como o senhor citou –, no sábado, ainda que fosse no sábado, que o Departamento de Operações deveria fazer, a gente também conseguiria ter evitado o que aconteceu. Mas, assim, eu acho que não resta dúvida de

quem era a responsabilidade. Eu tenho os ofícios de solicitação do coronel Casimiro. Tenho a legislação que é baseada... que informa por que ele. No que o DOP entra nisso aí? Ele só tem que me solicitar e ele poderia solicitar. Tanto que eu pergunto aqui, – aqui está as mensagens – eu pergunto, às 12 e 56 de domingo: “Casimiro, os efetivos aí são suficientes?” Eu não estava na Esplanada. Eu fui, 13 e 30 para o Departamento de Operações e solicitei que uma viatura me buscasse lá – o coordenador-geral de policiamento – para eu me deslocar. Eu cheguei na Esplanada às 14 e 20. E, nisso, eu pergunto: “Os efetivos aí são suficientes?” Ele me fala: “Por enquanto, são suficientes”. Se ele me fala: “Paulo José, eu quero mais 5 companhias operacionais. Fala para descer”. Eu só ia mandar uma mensagem, dentro do grupo do DOP, para os caras apresentarem. Então, assim, a competência era dele. Eu gostaria que fosse do departamento, não teria acontecido isso.

DEPUTADO HERMETO – E o coronel Casimiro colocou um major para tomar conta – não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eh.. ele... ele...

DEPUTADO HERMETO – Ele delegou ao major, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A responsabilidade era dele – não é? A partir...

DEPUTADO HERMETO – Mas ele delegou ao major.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele delegou a um major, e um major, para um efetivo daquele, não que não seja competente, mas dentro do que se conhece...

DEPUTADO HERMETO – Isso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Dentro da corporação, não era atribuição de um major, com a quantidade de manifestantes que se tinha. Mas ele, na verdade, ele fala isso, mas ele estava lá. O coronel Casimiro estava lá.

DEPUTADO HERMETO – Estava lá, mas ele disse que a responsabilidade era do major.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele está descendo na ERB aqui. Ele tira uma foto e fala: “Eu estou bem aqui. Estou descendo. Estou na altura da ERB com...”

DEPUTADO HERMETO – Eu estou lá, mas a responsabilidade é do major?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A responsabilidade é de quem...

DEPUTADO HERMETO – Mas ele não delegou?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente.

DEPUTADO HERMETO – Ele estava lá, mas não. Espere aí. Se der algo errado...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele está descendo aqui, deputado. Aí ele fala: “Como é que está aí?” “Estou na ERB.” Precisa de efetivo?” “Não, por enquanto, eu não quero efetivo.” O planejamento é dele. Eu não posso. Ele faz a avaliação. Eu não posso chegar: “Não! Eu vou te mandar efetivo porque precisa, sim”.

DEPUTADO HERMETO – Eu acompanho uma publicação de aviação na internet. Chama-se Lito. Eles dizem que um avião nunca cai por causa de um erro só. São sucessivos erros. Eu estou vendo aqui que foram sucessivos erros. Não chegou o informe para o que tinha que ser planejado. O coronel que tinha que comandar delega ao major. Houve uma série de – vou falar igual o Lito fala na internet – problemas para que acontecesse o pior, que foi o que aconteceu. Então foram sucessivos erros, e aí cabe a nós analisarmos tudo, presidente, na nossa CPI.

Segundo o Relatório Técnico Jurídico Preliminar nº 1, de 2023, um efetivo da PMDF foi distribuído da seguinte forma: 30 policiais militares na linha de revista; 40 policiais militares na linha de revista número; 45 policiais distribuídos nas 15 escadarias da S2/N2; 56 policiais militares distribuídos, em duplas, entre os prédios do ministério; 120 policiais militares na linha da Avenida

das Bandeiras; 20 policiais militares em frente ao prédio do Itamaraty; 20 policiais militares em frente ao Ministério da Justiça; um pelotão de Patamo, 18 PMs, nas proximidades do hotel Meliá; um pelotão de Patamo, 18 policiais militares, entre as linhas da revista S1/N1 e 1 pelotão de choque, 18, nas proximidades do Congresso Nacional.

Olhem aqui o planejamento, segundo o técnico. Isso dá um total de 385 policiais. Contudo, segundo o relatório circunstanciado de operações, do major Flávio Silvestre de Alencar, foram disponibilizados somente 331 policiais militares, ou seja, um número absurdamente pequeno frente aos manifestantes.

Oito meses após os atos do dia 8, o senhor consegue achar alguma explicação para isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, o planejamento, a distribuição do efetivo ficou a cargo de quem tinha a responsabilidade de planejar. Eu não sei, eu não estava lá na parte da manhã. Eu não sei como é que foi feito e que critérios utilizaram para distribuição dos policiais ali. Eu entendo, na minha concepção... Eu trabalhei muito tempo no batalhão do Congresso – o senhor sabe disso –, quando era 4ª CPMind ainda.

DEPUTADO HERMETO – Faz tempo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu peguei muitas manifestações ali. Eu conheço. Eu já trabalhei. Eu acho que, dos coronéis, lá, dos oficiais que estavam... Eu acho que fui o que mais peguei manifestação. Eu acho que o senhor estava até naquela marcha dos 100 mil. Eu ouvi o senhor falando aqui.

DEPUTADO HERMETO – Já peguei muito ali.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Nós trabalhamos juntos lá, também.

DEPUTADO HERMETO – É. Trabalhamos. Mas como o senhor era moita, eu nem lembro.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Não é pejorativo, não, coronel.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não.

DEPUTADO HERMETO – O senhor trabalhava, mas não gostava de aparecer.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É verdade. E, assim... o que me surpreendeu depois... Eu não participei da questão da distribuição. Não era atribuição do Departamento de... Eu entro lá como gestor operacional. Se o Casimiro fala "Eu quero 10 companhias", cara, eu vou te mandar 10. Agora, a distribuição é dele. A distribuição é dele, com o planejamento que ele fez. Agora, me surpreende por quê? Porque eu tenho uma experiência muito grande no Congresso Nacional. Eu trabalhei em várias manifestações ali, e, todas as vezes, a preocupação que nós tínhamos lá era de se colocar o policiamento do batalhão da Esplanada à frente, porque tenho a experiência para isso. Eu não sei por que não colocaram, porque poderia ter sido colocado em... Colocava o CFP nos acessos às escadarias, aos anexos; colocava o CFP... Mas não era para colocar na linha de frente. O que era acertado na época em que eu trabalhei lá? Eu trabalhei como tenente, capitão e major, por vários anos. Nós tínhamos uma interação muito grande com a Polícia Legislativa. E, aí, me chama atenção, porque a linha de contenção da Polícia Militar, se é rompida... Havia uma segunda... Além do que o senhor falou, das especializadas ali. Se, porventura, ainda passasse daquilo ali, havia uma linha de contenção da Polícia Legislativa. Quando houve o rompimento da linha de contenção, no domingo, a primeira coisa que eu fiz foi correr para a chapelaria, porque era o que a gente sempre fazia, e essa era a orientação para a tropa. Por quê? Se você tem 150 a 200 policiais na primeira linha de contenção, teria 150, 200 da Polícia Legislativa para se segurar o... E, aí, você faz uma contenção única para, se não conseguir evitar toda a invasão lá, pelo menos minimizar os atos do... Eu desci para lá e desci junto com o coronel Fábio, quando ele tomou o cone na cabeça, e tinha 6 policiais do Legislativo. Isso aí também me causou estranheza. Eram 6 policiais legislativos, e a gente não deu conta de segurar e não daria. E aí vai a questão das

falhas. O CFP, lá, não foi devidamente orientado – acredito eu – sobre para onde correr. Não tem experiência. Porque, se fosse uma tropa do Congresso Nacional, saberiam o que fazer em uma situação daquela. Então, era para todos descerem, para a gente tentar fazer... E não foi o que... Desceu um para lá, e, aí, ficou uma situação meio... Então, até pela exiguidade das informações, da dificuldade de se reunir – porque o normal seria reunir todos os oficiais que vão participar da... para passar as orientações, e isso não foi feito. Realmente, não tinha tempo. Houve esse excesso de falhas.

DEPUTADO HERMETO – Está bom. Senhor presidente, dê-me 30 segundos para eu dar uma filtrada aqui, porque vai adentrar a hora e tem muita gente para falar. Quero ver se há alguma pergunta que ele já respondeu, para que eu possa adiantar e passar a palavra ao deputado Fábio Félix.

(Intervenção fora do microfone.)

DEPUTADO HERMETO – Se o senhor quiser suspender... Eu vou terminar aqui, presidente, e V.Exa. decide se suspende ou não a reunião.

A coronel Cintia, subsecretária de operações integradas, esteve nesta casa e afirmou que não houve falhas no planejamento do PAI, mas, sim, falhas na execução do planejamento por parte da PMDF, devendo perguntar ao senhor sobre isso. Ou seja, indiretamente, ela atribuiu ao senhor a culpa dos atos do dia 8. Contudo, eu tenho a seguinte dúvida. Vamos lá: quando o PAI nº 22.003 foi feito, em 6 de janeiro de 2023, a realidade apresentada era uma – de incertezas e baixa adesão ao movimento. Com essa ideia, as IOAs saíram da reunião.

Contudo, a realidade posta mudou, e começaram a chegar diversas caravanas no Distrito Federal. Nesse sentido, a subsecretária de inteligência produziu um relatório informando sobre o potencial lesivo das manifestações que poderiam ocorrer, o qual foi difundido somente ao Gabinete da SSP e à coronel Cintia, a qual não leu e disse que não faria diferença, pois confeccionou o PAI no nível máximo de criticidade.

No dia 7 de janeiro, a coronel Cintia, junto com o ex-secretário executivo da SSP, Fernando, participou de uma reunião com a Polícia Federal, em que a PF, peremptoriamente, avisa sobre os riscos das manifestações no dia 8. Reunião essa em que os representantes da SSP falaram que os planejamentos estavam adequados e que o movimento seria pacífico.

Hoje sabemos que compete a cada IOA, após o PAI, de acordo com suas atribuições, realizar o planejamento interno da operação de acordo com as informações que se têm.

Até onde se sabe, a coronel Cintia seguiu essas informações para ela. O senhor não acha que ela, ou mesmo o senhor, secretário executivo, deveria ter convocado uma reunião de emergência com a IOAs, para repassar essas informações, a fim de que cada unidade operacional de área, cada uma dentro do seu juízo de valor, adotasse as providências pertinentes?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, quanto à elaboração do PAI, temos que lembrar aqui: o PAI foi confeccionado na sexta-feira. Primeiramente, ele é encaminhado às 14 e 40 para o celular do major Leonardo Santos. Ou seja, o expediente se encerra às 13, e, às 14 e 40, o major Leonardo Santos recebe o Protocolo de Ações Integradas. A mim – eu não tinha expediente, eu não estava no Departamento de Operações –, ele é disponibilizado às 17 e 40 horas. Senhores, como é que eu ia fazer um planejamento... Eu estou sendo acusado de omissão, porque eu não fiz um planejamento... quando eu só tomo conhecimento de um Protocolo de Ações Integradas às 17 horas e 40. Aí, às 18 horas, ainda fala – e não tinha outra –: “Coronel, há necessidade tão somente de fazer o encaminhamento, segundo o pessoal do Departamento de Operações, às unidades envolvidas que farão parte do planejamento das ações”. Aí, o protocolo é encaminhado ao 2º e 3º CPE, que são as unidades com responsabilidade diária; é encaminhado ao CME, às unidades do CME, que vão fazer parte dessa... E quanto à questão do Protocolo de Ações Integradas, eu já falei para o senhor aqui: é muito fácil. Se eu tivesse feito o Protocolo de Ações Integradas, eu iria dizer, também, que era perfeito. Um protocolo que coloca 40 gradis, quando poderiam ser gradis duplos? Gradis

duplos, presidente, quando empurrar, um segura o outro, ele não vai. O senhor sabe disso. Gradis simples vão virar uma arma contra o policial militar ali. Quarenta? Que nível máximo de informação é essa, que não tem avaliação do risco da informação, que não tem uma estimativa de público? E aí, deputado, como o senhor perguntou, haveria, sim, no sábado, a necessidade de pegar, rasgar aquele Protocolo de Ações Integradas e fazer um novo, dizendo quais eram as informações que existiam lá. Porque, se faz isso, se convoca uma reunião dentro da corporação, com todos os tomadores de decisão, chefes de departamento, comandos regionais, eu afirmo com absoluta...

DEPUTADO HERMETO – Não teria acontecido.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não teria acontecido. A Polícia Militar não teria permitido.

DEPUTADO HERMETO – Não teria acontecido.

Eu não acho, eu tenho certeza de que, se tivesse acontecido essa reunião e convocado, não teria acontecido em momento algum o que aconteceu. E digo mais: nunca mais vai acontecer isso em Brasília! Nunca mais, senhor presidente. Isso eu tenho a certeza de que não vai acontecer.

Diz-se que haverá uma manifestação no dia 12 – não sei –, no dia das crianças.

O senhor não acha, por exemplo, que, se os representantes do Senado, da Câmara, do GSI, até mesmo da PMDF, tivessem tido acesso às informações, algumas correções de curso poderiam ter sido adotadas? Na hora, o senhor respondeu, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Sim, senhor. É o que eu falei para o senhor. Eu trabalhei por muitos anos no Congresso Nacional, e lá já havia até um entrosamento quanto a isso. Sempre tinha uma linha de contenção da Polícia Legislativa. E não tinha no dia. Tinha 6 policiais legislativos lá, e eu não entendi por que, eu não sei como é que... Agora, quanto ao GSI e ao Supremo, eu não tenho esse conhecimento, deputado.

DEPUTADO HERMETO – Eu tenho que insistir nessa pergunta, porque o pessoal da polícia que me assessora no meu relatório insiste que eu o faça. A coronel Cintia também disse que poderiam ter sido feitos 2 tipos de planejamento por parte da PMDF – aqui, a coronel Cintia falou –: um pelo DOP e um pelo CPR. Um pelo DOP e um pelo CPR! Ela disse que tinham de fazer 2 tipos de planejamento.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Primeiro, a coronel Cintia, em nenhum momento, manda documento para o Departamento de Operações, nem para me convidar para eu participar dessa reunião. Segundo, na sexta-feira, ela não confecciona nenhum tipo de relatório para dizer que pode haver manifestação. A comunicação da coronel Cintia, em todo momento, é tão somente com o major Leonardo Santos. Se...

DEPUTADO HERMETO – Mas o senhor é coronel, ela é coronel, e ela reporta ao major?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A coronel Cintia nunca nem me ligou nesse final de semana todo, deputado.

DEPUTADO HERMETO – Isso é estranho, porque – olha só, senhor presidente – um coronel trata com outro coronel. Ele não vai tratar com major. É hierarquia. Eu sou subtenente e eu não vou tratar coisa de oficial. A mesma coisa vale para um oficial superior, coronel. Ele não vai tratar com o major. Ele trata com outro coronel. É estranho isso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ela nunca se reportou a mim, nem por mensagem, nem por ligação, nem por documento.

DEPUTADO HERMETO – Ainda mais ela! Ela é uma mulher muito...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Nem por documento.

DEPUTADO HERMETO – Ela trabalha certo. Ela é militar, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Eu até considero uma excelente,

uma competente... uma oficial muito competente.

DEPUTADO HERMETO – É. E ela sempre foi de hierarquia e disciplina – sempre!

Então, a quem cabia fazer esse planejamento?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Senhor, com as informações que se tinha da Secretaria de Segurança, com o que tinha previsto dentro do Plano de Operação à manifestação, não resta dúvida. Agora, sábado, já era para ter passado para o Departamento de Operações. Talvez, nesse sentido, ela tenha se referido a isso. Sábado, o departamento tinha que ter sido acionado para ir para dentro do...

DEPUTADO HERMETO – E, pela manhã, já.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Pela manhã...

DEPUTADO HERMETO – Daria tempo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ainda, deputado, que fosse no domingo de manhã, nós colocaríamos um efetivo grande lá – ainda que fosse no domingo.

DEPUTADO HERMETO – No domingo de manhã, conseguiria mobilizar?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Nós conseguiríamos mobilizar e colocar um efetivo grande na Esplanada dos Ministérios.

DEPUTADO HERMETO – O senhor participava dos grupos de WhatsApp ADI/DOP e Prioridades 1? Se sim, quem participava desses grupos e o que era tratado neles?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O grupo ADI/DOP é o grupo de inteligência do departamento. Eu acho que todos os oficiais que eram do DOP participavam e algumas autoridades – acho que o comandante-geral, o subcomandante-geral, eu não... No do Prioridade, eu fui incluído já quando eu vou substituir o coronel Naime – eu acho que na terça-feira. Tinha muita gente. Eu não lembro. Eu acho que estava o comandante-geral, estava a coronel Cintia... Tinha muita gente lá e muitos agentes de inteligência. Eu não lembro quem participava. Eu fiquei pouco nesse grupo, porque eram 4 dias só. Eu fui incluído justamente, porque, a partir da terça, eu começava a responder pelo Departamento de Operações.

DEPUTADO HERMETO – Ok. Estou acabando, senhor presidente. Eu vou fazer todas as perguntas. Minha assessoria está brava comigo, porque eu não as estava fazendo.

A Circular nº 13/2023 – PMDF/DOP/SO foi emitida pelo senhor de ordem do coronel Naime? Há aqui a Circular nº 13/2023 – PMDF/DOP/SO. Ela foi emitida pelo senhor?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Olha só, se eu não me engano, essa circular é encaminhando ao Comando de Policiamento Especializado sobre a necessidade de mobilização dos efetivos. A gente tem que entender o seguinte: ela é de que dia? Ela é de quinta-feira, essa circular, se eu não me engano.

DEPUTADO HERMETO – Dia? Dia 6. O doutor Bruno está falando que é do dia 6.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O coronel Naime estava de recesso naquela semana. Aí, o que acontece? A publicação do afastamento do coronel Naime só é publicada na quinta-feira. Oficialmente, até quarta-feira, o chefe do departamento – porque não havia publicação – era o coronel Naime. Nesse documento – várias vezes que o coronel Naime não está –, a assinatura fica para o subordinado dele, como de ordem. É de ordem que está no impedimento? De ordem? Foi uma falha. Isso aí deveria ter sido assinado por mim como chefe em exercício. Isso aí pegaram, porque era em um dia que não tinha expediente, disponibilizaram na minha caixa do SEI e eu assinei, mas o coronel Naime já estava fora. Isso foi uma falha administrativa do departamento.

DEPUTADO HERMETO – Foi uma falha, então.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – A última pergunta: no seu celular, foram encontradas mensagens antidemocráticas?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Nenhuma, deputado.

DEPUTADO HERMETO – Aquela de “repassando”?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu nunca troquei, eu não recebo nenhuma mensagem com teor político, nem contestando o resultado de urnas, ou falando do art. 142, ou críticas às instituições constituídas ou às autoridades. Não foi achado nada com teor político dentro do meu celular. Se o senhor pegar aí as 196 páginas da denúncia que foi formulada pela Procuradoria-Geral da República, não existe. E, graças a Deus, eu também não recebo deles nenhuma mensagem nesse sentido.

DEPUTADO HERMETO – O senhor nunca falou que o Lula não subiria a rampa, nunca se manifestou em relação ao resultado das eleições, nem em grupo, nem em particular com ninguém?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não participava de grupos dentro da corporação, havia um grupo aí – eu acho – com oficiais e que eram... Eu nunca participei desse grupo, também não...

DEPUTADO HERMETO – Está bem. O senhor concorda com a denúncia da PGR de que qualquer dos coronéis presos, inclusive o senhor, tinha condições de fazer alguma coisa para impedir os atos do dia 8? A denúncia da PGR fala isso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não concordo, deputado.

DEPUTADO HERMETO – Não?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não concordo. Nós temos que entender o seguinte: quem teve as informações, principalmente as informações do sábado, sobre a gravidade dos atos, se teve... Eu nem posso afirmar que a Polícia Militar teve. Se as informações chegaram da Secretaria de Segurança Pública, dizendo da gravidade das manifestações, dos riscos que teriam... É importante lembrar que, a partir do sábado, o coronel Fábio Augusto começa a se envolver no planejamento das ações. A partir do momento em que ele solicita efetivos, em que ele solicita remanejamento de efetivos, para a parte da manhã, que estavam escalados à tarde, ele tem conhecimento. O coronel Fábio Augusto era subsecretário de operações integradas e, antes disso, era do 1º Comando de Policiamento Regional. Ele tem muito conhecimento, muita experiência de Esplanada dos Ministérios. A coronel Cintia era subsecretária de operações integradas, anteriormente era comandante do 1º Comando de Policiamento Regional. São 2 pessoas que estavam conversando diretamente e que tinham conhecimento e toda competência e poder para fazer uma alteração aí. Eu sou do DOP, eu não tinha... É lógico, se eu tenho uma informação de que as coisas poderiam acontecer da forma como aconteceram, eu tinha que sugerir e falar, e a gente tentar mudar, sim.

DEPUTADO HERMETO – Só para terminar, coronel, o senhor foi convidado pelo coronel Naime, mas, como o senhor estava afastado psicologicamente, não podia portar arma, certo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeito.

DEPUTADO HERMETO – E o senhor desceu para a Esplanada no dia 8 assim mesmo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É, mas aí, deputado, eu tinha pedido o restabelecimento do meu...

DEPUTADO HERMETO – O senhor já estava andando armado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Era. Foi minha primeira manifestação, inclusive. Agora, em razão da suspensão do meu porte, eu não participei de nenhuma reunião preparatória das manifestações, nunca fui à Secretaria de Segurança para tratar e eu também nunca fui ao Comando Militar do Planalto.

DEPUTADO HERMETO – Mas é comum um oficial... Porque para nós praças não é comum

isso. Se o nosso porte de arma está suspenso por algum motivo, nós não podemos nem tirar serviço voluntário, se eu não me engano. Eu acho que não.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O senhor tem razão.

DEPUTADO HERMETO – Não é verdade? Na minha época – há 4 anos eu saí, fui eleito em 2019, há 5 anos que eu saí direto da PM para cá –, quando se tinha um porte de arma suspenso, não podíamos tirar serviços voluntários, não podíamos participar ativamente de qualquer tipo de operações, mas me estranha o coronel Naime convidá-lo assim mesmo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Quando o Naime me chama, que eu sou exonerado da Secretaria de Segurança Pública, eu manifesto essa situação para ele: “Naime, eu estou com o meu porte de arma suspenso”. Ele falou: “Meu irmão, você vai para lá para desempenhar funções administrativas. Eu preciso de alguém que tome conta da estrutura administrativa do departamento”.

DEPUTADO HERMETO – O senhor era o dois do DOP, então ele não podia convidá-lo para participar disso, porque, se ele, por qualquer motivo, fosse impedido de estar no DOP por atestado médico ou por qualquer outra coisa, o senhor não podia assumir o DOP porque o senhor estava com o porte de arma suspenso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não podia exercer...

DEPUTADO HERMETO – Eu estou errado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Inclusive, à época, à época...

DEPUTADO HERMETO – Eu estou errado, coronel?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor. Não, senhor. O senhor está certo.

DEPUTADO HERMETO – Eu sou leigo, mas entendo um pouquinho do que cabe a mim, no meu mundo de praça.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Essa questão do impedimento, deputado, eu falei, eu manifestei ao coronel Naime. Eu não sei se o meu celular, quando foi apreendido... Eu solicito também ao coronel Edvã, que era o subcomandante, à época, da corporação, para que ele me lotasse em outra função. Eu falo isso com ele.

DEPUTADO HERMETO – Eu posso falar, porque sei o que ocorre entre os oficiais, ainda mais com um chefe de operações. Quando alguém recusa um convite, fica ruim. É a mesma coisa de alguém perguntar: “Você quer trabalhar comigo?” A pessoa responde: “Não. Não quero, não”. O primeiro diz: “Ah, não quer, não?” Entendeu? É por aí, não é?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO HERMETO – Não tenho mais nada a perguntar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – São 12 horas e 25 minutos. Vou suspender a reunião por 20 minutos para que possamos fazer um lanche.

Está suspensa a reunião.

(Suspensa às 12h25min, a reunião é reaberta às 12h58min.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está reaberta a reunião.

Com a palavra o deputado Fábio Félix, por até 25 minutos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Obrigado, senhor presidente. A deputada Paula Belmonte pediu-me para que pudesse falar antes de mim por ter um compromisso, mas eu gostaria de justificar que eu não atendi o pedido dela porque eu também tenho um compromisso no mesmo horário.

Quero saudar quem nos acompanha pela TV Câmara Distrital, dar boas-vindas ao nosso

depoente de hoje, à sua equipe, em mais um dia importante de depoimento nesta Comissão Parlamentar de Inquérito.

A discussão sobre o que aconteceu na Polícia Militar e na Segurança Pública do Distrito Federal é fundamental para entendermos o dia 8 de janeiro, o dia 12 de dezembro e o que aconteceu antes disso. O depoimento do senhor é muito direto, isso é interessante e importante. Eu comentei com outros deputados que outros membros da corporação vieram a esta casa e tentaram dar uma certa tecnicidade – que de fato existe – aos acontecimentos, mas, muitas vezes, esse discurso protocolar é utilizado para escamotear alguns elementos da realidade. Quando o senhor é direto ajuda a população e nos ajuda a entendermos o que aconteceu naquele dia. Nós não somos da Polícia Militar, não conhecemos muito da hierarquia e dos detalhes da corporação.

Eu conheço um pouco de manifestação, já participei talvez de dezenas de reuniões no CIOB. Quando uma manifestação muda de lógica, muda de forma, o plano da manifestação muda completamente. Eu já participei de reuniões no CIOB em que o coronel falou: “Deputado, não vai sair o bloco de Carnaval para esse lado, não adianta o senhor querer”. Ou antes de ser deputado, quando eu era da universidade: “Fábio, a manifestação de estudantes que vocês estão organizando não vai seguir o rumo que você quer. Vai ser assim e assado”. Nós, da esquerda – o deputado Gabriel Magno já falou disso –, temos uma tradição, que foi sendo construída, de nos reunirmos com a Secretaria de Segurança Pública para pactuar – mais ou menos – o rumo da manifestação. Óbvio que ninguém controla os manifestantes, liderança não controla, mas sempre damos orientações aos participantes. O deputado Chico Vigilante é sindicalista e sabe disto: sempre é bom ter um carro de som, porque, no carro de som, o dirigente consegue, minimamente, conduzir a manifestação. Inclusive, já briguei com a coronel Cintia e com o coronel Fábio, aqui na frente da Câmara Legislativa, pois eles desautorizaram carro de som. Eu falei para eles: “Todas as vezes em que vocês desautorizam o carro de som, vocês colocam mais em risco a manifestação, porque ninguém controla a manifestação. Ninguém lidera a manifestação”.

Já participei de muitas reuniões para a organização de manifestação, muitas delas, inclusive, exitosas. Eu sei que não é só o protocolo, o papel. Nós estamos falando de realidade. Há um problema, fala: Coronel! Liga, combina, diz, fala, manda mensagem, vai para cima. Eu acho que esse é um elemento importante. Quando alguns representantes da polícia vêm aqui, parece-me que é tudo protocolar, é um grande cartório. Eu emiti, eu fiz, eu não sei.

Acho que, primeiro, temos que acabar com isso e falar um pouco do senso da realidade. Houve falhas muito graves. A função fundamental de proteção da Esplanada é da Polícia Militar do Distrito Federal e da Secretaria de Segurança Pública. Queremos entender isto: quais foram essas falhas graves? Queremos entender se houve motivação para essas falhas, porque isso implicaria em outros crimes, conforme está sendo investigado também pelo Supremo Tribunal Federal. Esse é um fato importante.

Concordo com o deputado Hermeto, quando ele diz que a PM – em geral – erra para mais, sempre. O deputado Gabriel Magno trouxe os PAIs da parada LGBT. Nunca houve incidente de violência e de depredação na parada LGBT, mas sempre eles jogam para o risco máximo. Eu participei de todas as paradas LGTB, praticamente, desde 2003. Eu acho que elas começaram em 2000. Desde 2003, eu participei, praticamente, de todas; e a Polícia Militar sempre joga lá em cima.

Na parada do ano passado, a nossa equipe do mandato não pôde montar nem uma banquinha com mesa e cadeira de plástico para o material, porque era arriscadíssimo. Segundo o representante da polícia que estava lá, não se poderia colocar mesa de plástico, porque isso poderia virar uma arma. Em todos os outros anos, nós colocamos. Nunca foi arriscado. No ano passado, eles não deixaram nem colocar uma mesa de plástico para colocar panfleto; não era faca, não. Era panfleto para distribuir. Então, erram para mais. Dessa vez, inusitadamente, a Polícia Militar errou para menos – e errou para muito menos – e a situação chegou a esse caos que nós vivemos no dia 8 de janeiro.

Por isso, nós estamos querendo entender essa sequência. Para alguns deputados, talvez tudo tenha sido obra do acaso: a nomeação do Anderson Torres, que era o ministro da justiça do Bolsonaro e que, por acaso, tinha a minuta de golpe em casa – como secretário de segurança do DF; a nomeação como subsecretária de inteligência da senhora Marília, que foi quem fez a planilha que subsidiou a PRF a atuar no dia das eleições contra um dos candidatos à presidência da República, enfim.

Pela sequência de questões que aconteceram e pelo nosso ponto de vista, havia uma partidarização de algumas instituições de Estado. Eu acho isso. Estou fazendo esse preâmbulo, porque eu acho que essa partidarização pode ter influenciado na montagem da operação, porque, muitas vezes, você não deixa a sua digital, de cara. As pessoas em geral – não estou acusando o senhor de forma alguma – não deixam a digital de cara, mas, muitas vezes, montam uma operação. Quem aqui se lembra de uma greve da Polícia Militar que se chamou Operação Tartaruga?

O senhor lembra, deputado Chico Vigilante? Imagino que V.Exa. era deputado na época.

Operação Tartaruga. Não era uma greve. Então, na formalidade, nenhum juiz podia decretar a ilegalidade, não podia agir. Mas era uma operação tartaruga. A viatura andava na velocidade da via, e o criminoso fugia. Era uma operação tartaruga. Não era uma greve, porque PM não pode fazer greve. Mas era uma forma de se escamotear a realidade.

Então, o que vejo aqui é uma coisa muito parecida com o que era a Operação Tartaruga: as pessoas faziam ou fizeram documentos protocolares, mas a corda estava com o laço mal feito. O nó não foi feito da forma adequada. Uma sequência de erros, que – parece-me – não foram aleatórios.

Eu quero desenhar isso um pouco, porque acho que nós estamos tratando aqui de uma equação. Ninguém coloca o dedo e diz: eu facilitei para esses manifestantes, porque concordo com a pauta deles; mas eu flexibilizei, por ter um mínimo de acordo com a pauta deles. Eu simpatizei com a manifestação e flexibilizei a ação operacional da Polícia Militar.

Eu gosto de um papo franco, para chegarmos ao que aconteceu naquele dia e entendermos o nível de permissividade e de equívoco que aconteceu nessa operação.

Eu queria começar com 2 perguntas bem diretas em relação ao discurso que o senhor trouxe aqui, hoje. O senhor afirmou que, ao contrário dos coronéis denunciados, você sequer foi a um evento oferecido pelo ex-presidente Bolsonaro à sua turma da Polícia Militar. Houve um evento feito pelo ex-presidente Bolsonaro à sua turma da Polícia Militar? Foi um jantar, um evento, alguma coisa?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, o que eu sei é que tem uma foto com vários integrantes da minha turma – eu sou da quarta turma, a turma Benjamin Constant – que se reuniram com o presidente Bolsonaro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Com o Bolsonaro. Foi quando essa reunião?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu acho que foi no ano passado ou foi em 2021. Eu não participei dessa... Eu fui informado, avisado, mas eu não fui.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Esses coronéis que atuaram com o senhor eram da sua turma?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Com exceção do coronel Casimiro. O Fábio, o Klepter...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O coronel Naime, o coronel Fábio?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Naime, Klepter e Fábio são.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – São da sua turma?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – A exceção é o coronel Casimiro.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É o Casimiro, que é da...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eles estavam todos nessa foto, que foi em 2021, em 2022?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não sei, deputado.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não sabe? Mas o senhor não estava?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não fui.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas houve uma foto do ex-presidente Bolsonaro com alguns de seus colegas de turma?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Com alguns integrantes da minha turma, sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Pela sua declaração, o senhor afirma que foi colocado à frente do DOP sem o devido preparo, em razão das férias do seu superior, o coronel Naime, e dos outros coronéis da cúpula do DOP. Quem era o responsável, na PMDF, por autorizar essas férias e afastamentos?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O senhor se refere ao afastamento do coronel Naime?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É, a esses afastamentos em massa, porque depois houve vários. Depois, descobrimos que havia afastamento em batalhão tático...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A de chefe de departamento, a responsabilidade é do subcomandante-geral ou do comandante-geral.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – São eles que autorizam?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Agora, dentro das unidades dos oficiais, isso aí cabe ao comandante da unidade avaliar.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor acha que há a possibilidade de esses afastamentos terem sido intencionais, em virtude da manifestação do dia 8?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu não acredito, deputado. O que eu vejo é assim: havia uma preocupação muito grande, dentro da corporação, de que alguma coisa pudesse acontecer até o dia 1º de janeiro. Essa era uma preocupação grande. A partir do 1º de janeiro... E isto sempre aconteceu com a corporação: os meses de dezembro e janeiro são os meses que, até em relação a ter recesso parlamentar...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É normal. Férias em janeiro são normais.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o clima não era normal no Brasil?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É como eu falo para o senhor: como eu estava de férias de novembro a janeiro, eu não acompanhei essa situação. Eu sei que a quantidade de oficiais afastados era maior do que o normal. Isso eu posso garantir ao senhor. Agora...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor acha que era maior do que o normal?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Muito maior.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Estou perguntando muito francamente.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Agora, não vejo relação com os eventos do 8 de janeiro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não consegue ver essa relação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor estranha a quantidade de oficiais afastados?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, inclusive, dentro do Departamento de

Operações: de 4 coronéis, eu estar retornando e ser o único.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ser o único coronel que estava, de alguma forma, responsável pela operação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor mandou, para o coronel Casimiro, algumas imagens. O senhor tinha, supostamente, alguém dentro do acampamento que passava informações para o senhor. Eu até vou colocar as primeiras imagens que o senhor mandou aqui. Fizemos uma apresentação. Eu não sei se vai dar para ler tudo, mas eu disponibilizo para os demais parlamentares da CPI, para a imprensa e para quem tiver interesse.

O senhor mandou, para o coronel Casimiro, estas mensagens: “Revolução militar pelos militares brasileiros”, “Comunicado pela tomada de poder pelo povo”? Foi o senhor que mandou essas imagens?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Isso aí eu recebi, inclusive, até para informar que poderia ter uma manifestação no 8 de janeiro. Eu recebo até do DOP, dos agentes de inteligência do DOP, que estava sendo...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor mandou isso quando?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ah, eu acho que na semana do... uma semana que antecedeu o final de semana do 8 de janeiro, para tomar conhecimento do que estava... Isso era um procedimento normal.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Podem passar para o próximo *slide*.

Depois disso, os senhores trocaram algumas mensagens: “Tem que ficar de olho” – mensagem do Casimiro – “nisso. Mande a inteligência minha fazer um levantamento operacional para a decisão do que devemos empregar”. E o senhor responde: “Já estamos monitorando. Falei com o Wesley aqui ontem à noite.”

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Wesley é o capitão da subseção de inteligência do departamento. Eu pedi para ele levantar...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Essas mensagens foram no dia 4 de janeiro.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor já estava a par da gravidade das manifestações, porque ali os chamados são graves.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não da gravidade. Deputado, eu não diria gravidade. É de que poderia haver manifestações, para monitorar e para ver se as informações que se tinha ali... até porque a gente não tinha fonte de onde estava sendo divulgado aquilo, de classificar já como grave...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não estava classificado ainda?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Até porque eu falo para o senhor assim: existem, dentro de rede social – nós, lá, principalmente quem está na atividade de inteligência, trabalhamos com –, muitas manifestações que são *fakes*. Há muitas informações – desculpa – que são *fakes*. Então, havia a necessidade de aquelas informações virarem uma produção de conhecimento para subsidiar uma...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O Wesley era o encarregado de inteligência do DOP.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Do DOP. Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, vocês tinham o que o senhor chamou de “microagência de inteligência”.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É uma seção que, inclusive, foi montada há pouco tempo. Ela tem uma estrutura muito pequena, porque o Departamento de Operações nem tinha uma seção. Foi até o coronel Naime que montou, porque eu acho que o Departamento de Operações, inclusive, precisava ter, realmente, uma seção de inteligência estruturada ali, para levantar as informações.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor se comunicava também com o senhor Wesley Eufrásio?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ele mandou para o senhor alguma coisa do tipo... O senhor pode confirmar se o senhor recebeu isso dele?

Passem para o próximo *slide*.

“Extremistas falam em invadir Congresso, driblar a polícia e dão dicas sobre gás.”

Ele mandou isso para o senhor também?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu acredito que possa ter mandado. Eu não lembro. Meu celular foi apreendido logo depois do 8 de janeiro. Eu acredito que ele possa ter mandado, sim, senhor. Eu não lembro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ele mandou e mandou com anexos. É a informação que nós temos. Essa mensagem não dá para ler direito, mas ele mandou e mandou com anexos. O senhor não acha, então, que essas mensagens já indicam um nível de preocupação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu acho que deveria, sim. Era um alerta com o que deveríamos nos preocupar. E, aí, eu falo para o senhor o seguinte: isso é durante a semana, terça e quarta-feira.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Aí, eu falo para o senhor: todas essas informações de que nós não tínhamos a fonte de onde elas vinham tinham que ser confirmadas através de uma reunião dentro da Secretaria de Segurança Pública, que tinha uma subseção de inteligência para fazer esses levantamentos dentro dos agentes que tem dentro da corporação, que são do Centro de Inteligência da Polícia Militar. Eu falo para o senhor que, na sexta-feira, na reunião do alto-comando que teve da corporação, estava presente o chefe do Centro de Inteligência da Polícia Militar. Todas as informações que são do Wesley estão subordinadas ao centro de inteligência. O coronel que esteve presente lá...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o Wesley é do DOP, mas ele é ligado ao centro de inteligência.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente. O tenente-coronel, da sexta-feira, do Centro de Inteligência da Polícia Militar, tenente-coronel Waldicharbel, inclusive passa para o coronel Fábio Augusto, que ele estava lá. Era reunião do alto-comando. Essas aí não tinham sido confirmadas.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Só para complementar para o senhor, a reunião também da Secretaria de Segurança Pública disse que havia – o major Leonardo pode confirmar isso – pouco engajamento das atividades de inteligência. Então, tudo isso não necessitava de confirmação oficial, porque circulava de tudo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

O senhor, depois, não participou da reunião do PAI porque o senhor estava numa reunião com o comandante-geral?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – No mesmo horário da reunião da Secretaria

de Segurança Pública, eu acho que foi de 10 ao meio-dia, teve uma reunião do alto-comando da corporação não só para tratar das manifestações, mas para tratar de assuntos diversos de interesse da corporação.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vocês trataram também da manifestação do dia 8 na reunião do alto-comando?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Pouca coisa. Foi muito pouca coisa. Até porque...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O que é pouca coisa?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O que eu falei para o comandante lá, eu falei: “Fábio, comandante, o coronel Casimiro e o major Leonardo estão na reunião e, se as informações forem chegando, eu vou passando para o senhor, para o senhor tomar conhecimento”.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Houve alguma discussão sobre o resultado das eleições nessa reunião?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – De forma alguma. Até porque, deputado, não estavam só os oficiais que estão denunciados aí. Estava presente todo o alto-comando da corporação. O próprio comandante-geral hoje, que era o coronel Adão, era o chefe do Departamento de Logística e Finança. Participou a coronel Ana Paula, que é subcomandante hoje, se eu não me engano. Ela estava presente também. Tem uma ata da reunião, tem outros policiais que participam. Não era só...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Havia alguém do DOP nessa reunião representando o senhor?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Só eu. Na reunião do alto-comando?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não. Na reunião do PAI.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Na reunião do PAI era o major Leonardo Santos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, ele representava o senhor, porque o senhor estava respondendo pelo DOP, correto?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente. Ele representava o DOP e representava a subchefia de operações...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Depois ele sempre passava as informações para o senhor.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele... Inclusive, pelo decreto, a responsabilidade de planejamento é da subchefia de operações, que, se houvesse...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor explicou aqui mais cedo. Então, ele passava as informações para o senhor.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor tinha um informante dentro do QG, na frente do QG do Exército. Pode passar a próxima imagem? No 7 de janeiro, o senhor recebeu de um informante e compartilhou as seguintes mensagens: “Estou com um camarada informando dentro do acampamento”. O senhor passou a mensagem dele: “Agora, eu vou te falar, Paulo, eles vieram preparados para a guerra mesmo. Pelo que vi, não vão ceder de forma alguma. Vão partir para o tudo ou nada. Ouvi muitas conversas...” Isso foi no QG dos santos. “Ouvi muitas conversas se referindo até mesmo à morte, mas não vão se render. As coisas estão muito sérias”. Estou dizendo “santos” em relação aos... É que aqui há muita gente que defende que era um grupo de santos na frente do QG. Então, só me referindo a eles. “Vão até a morte”. Esse é um informante do senhor. Eu não sei qual é a qualidade do informante do senhor no sentido da formação etc. Quem era o informante que lhe encaminhou essas mensagens? Por quê? Para quais pessoas o senhor encaminhou?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Certo. Olha só, deputado, primeiro, o informante... a questão informante aí é porque me passou uma informação. Agora, esse cidadão, ele chama-se José Davi de Lima Neto. Eu conheço ele (*sic*) há mais de 15 anos. Eu tenho um contrato de assinatura de TV com ele, que é pago todo início de mês. Por acaso, naquele dia, ele entra comigo. Eu passo o pagamento, o pix para ele, e ele comenta sobre os acampamentos. Na verdade...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ele comenta que vai para o ato como um ativista.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, não comenta isso, não. Ele comenta o seguinte: que esteve no acampamento... Só que, na verdade, só tem isso aí dentro do contexto. O que acontece? Ele não estava no dia 6. Ele não fala do dia 6 de janeiro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas foi dia 7.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não. Ele comenta do dia 7, mas não que ele estava no dia 6. Ele fala que esteve no acampamento em semanas anteriores. Inclusive tem uns dados dele aqui.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ele encaminha isso na véspera do ato, mas é uma mensagem se referindo a dias anteriores?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A dias anteriores. Porque era uma conversa, ele falou sobre acampamento, quis entrar em questões políticas. Ele fala que esteve presente em um dos acampamentos e aí ele faz esse comentário. Mas ele não estava lá. Eu tenho os dados dele aqui, se houver necessidade de ele ser convocado, eu tenho todos os dados e o endereço. É um senhor de 70 anos de idade.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas mesmo ele não estando lá, o senhor encaminhou essa mensagem?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor, eu encaminhei. Eu encaminhava tudo o que chegava para mim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não é uma coincidência o referido senhor, cujo nome o senhor trouxe para nós hoje, enviar essa mensagem à véspera de um ato radicalizado que fala justamente da radicalização?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Coincidências existem, mas tenho certeza de que ele pode provar isso. Eu tenho o endereço dele, é um senhor de 70 anos de idade. Ele fala, ele fala sobre a... até porque...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – De duas, uma: ou ele prova que o clima lá já era um clima de violência antes...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Isso. Dos acampamentos anteriores.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Já era um clima de violência.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O senhor deve ter conhecimento de que naquela semana havia uma desmobilização dos acampamentos?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Estava muito reduzido. E eu vejo o seguinte: aquelas pessoas que chegaram lá, a maioria chega de fora.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Já radicalizadas.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. A verdade é que marcam um ponto de encontro no acampamento.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O acampamento, na verdade, foi um grande evento de turismo golpista brasileiro. Veio gente de fora todo tempo. Em todos os relatórios da Polícia Militar – os deputados que tiverem tempo de estudar verão isto – vamos ver que vem gente do Brasil inteiro, o

tempo inteiro, para os acampamentos do Quartel-General. O que poderia ser um turismo cívico à frente do QG, deputado Chico Vigilante, virou um turismo golpista, pedindo golpe militar e intervenção federal. É o que os acampamentos viraram.

Meu tempo está acabando, coronel. Depois o senhor manda mais uma mensagem em relação ao dia. Eu não sei se foi o seu informante que mandou.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É o mesmo cidadão.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas essa é do dia, falando: “Estou aqui, novamente, na frente do QG, meu amigo...” É um áudio. “Saí do plantão, vim direto para cá, estou aqui desde as 7 horas, está chegando muito gente, viu? Muita gente mesmo. Eu digo: daqui para amanhã, vai ser uma multidão aqui no QG, e vão descer a Esplanada. Eles não estão falando diretamente não, porque senão vêm os intrusos atrapalhar tudo, né? Mas pelo o que eu entendo, acho que amanhã desce para a Esplanada. Hoje deve ser aqui. Mas está chegando mesmo caravanas de vários estados brasileiros, viu? Muita gente que está chegando. Eu estou com muita esperança. E vamos conseguir reverter essa. Essa lambança que esse petista maldito fez com o nosso país. Com fé em Deus nós vamos reverter isso. Falou? Um abraço, meu amigo. Fica com Deus”.

E esse áudio?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Esse áudio é da mesma pessoa, do José Davi de Lima.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É a voz dele?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, ele estava lá no dia 7?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque nesse áudio ele está falando: “Estou aqui no QG...”

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu o conheço há 15 anos. São 15 anos de conhecimento ali. Eu já, já tinha um certo contato com ele. O que acontece? Volta e meia ele me mandava mensagem. Eu tenho uma assinatura de TV com ele. Eu achava que era interessante ter um contato com ele para que pudéssemos pegar informações dos acampamentos, dessas manifestações. Mas isso aí, inclusive, acho que é bem anterior.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque ele envia isso dia 7 do 1, às 10 e 49 para senhor.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É a hora que ele envia: dia 7 do 1, na véspera do dia 8, às 10 e 49 da manhã. Ele envia esse áudio, dizendo que a situação está grave, está chegando gente de todo o Brasil, que eles vão tomar a Esplanada, que o clima é pesado e que eles vão reverter o resultado da eleição. Ele não fala resultado, mas ele fala em reverter essa lambança que esse petista maldito fez com o nosso país.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Como eu falei para o senhor: eu o conheço há muitos anos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Há uma coisa muito estranha, uma coisa muito errada que não está certa aqui nessa mensagem que está nos revelando alguma coisa.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O que ele me disse lá, a gente continua conversando... Eu o conheço. Eu já falei para o senhor. E, assim, é importante falar também, deputado, frisar aqui que, independentemente de informações que se tinham no acampamento, nós tínhamos lá agentes da subseção de inteligência da Secretaria de Segurança Pública, e nós tínhamos, também, policiais lá dentro que não passavam esse tipo de informação. Inclusive...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vou passar o próximo *slide*.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Quando o coronel Naime vem aqui ele fala que, inclusive... Tem gente que veio até lá, tem gente que.... Eu não posso pautar um tipo de planejamento em cima de uma informação que eu não posso dar, não há credibilidade. Eu colocar 200 homens, sendo que policiais militares que estavam lá dentro diziam: “Manifestações tranquilas?”

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor encaminhou essas mensagens para a frente?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu encaminhei até para que se verificasse...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Agora, há mais uma. O senhor encaminhou. Aqui mostra que o senhor encaminhou essa mensagem para o senhor Marcelo Casimiro. Aí o senhor manda essa última: “Agora eu vou falar, Paulo, eles vieram preparados para a guerra”.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – “Pelo menos é o que vi. Não vão ceder de forma alguma”. Então, ele dá essa mensagem. “Eu vi muitas conversas se referindo até mesmo à morte”. E aí você manda um olhinho. Ali no WhatsApp, para quem não está vendo ali na tela. E aí o coronel Casimiro responde: “Vai dar certo”. E você manda: “Risos, risos, vai sim”.

O que o senhor quis dizer com isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A frase é do coronel Casimiro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O “vai sim”. O “vai sim” é do senhor.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O “vai dar certo!” é do coronel Casimiro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Isso. E o “vai sim” é do senhor.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Se o senhor olhar todo o contexto, todas as mensagens que eu mando para o coronel Casimiro, é porque só essa tem na denúncia. Talvez... É mensagem de preocupação, mensagem da verificação da necessidade de colocar mais efetivos ou não. Agora, se ele fala que vai dar certo, vai dar tudo certo. Para mim eu entendo isso. Se fosse qualquer outro coronel, qualquer outro policial que estivesse envolvido ali e colocasse: “Vai dar certo, vai dar tudo certo”, eu vou ter que falar “vai”.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E esse riso dá uma conotação pouco lúdica para o cenário.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É, não sei.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Risos, risos.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Agora, se o senhor pegar todas as mensagens que eu mando para o coronel Casimiro, são mensagens de preocupação.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Pode retirar da tela.

Eu acho que há muitas informações, ainda, nesse quebra-cabeça, nessa equação dos erros, dos equívocos que não estão explicadas. Do meu ponto de vista, deputado Chico Vigilante e deputado Hermeto, muita coisa não ficou explicada para mim. Acho que nós vamos precisar de mais elementos.

Eu acho que, no dia de hoje, não só pelo depoimento do senhor, que eu acho importante, o senhor trouxe informações, foi diretivo, objetivo, nesta CPI. Espero que o senhor possa continuar colaborando. Nós queremos investigar a fundo quais foram as motivações para que essa operação – que foi uma operação que não funcionou, uma operação montada, do meu ponto de vista – não funcionasse e não garantisse a segurança... Uma operação omissiva.

Mas o dado mais importante deste dia foi dado na capa do *O Globo* de hoje, com uma matéria de que o senhor Mauro Cid disse que o ex-presidente Bolsonaro se reuniu com os 3 chefes da força pedindo apoio para um golpe de Estado.

Então, para quem acha que é tudo aleatório, que é tudo uma brincadeira, que isso aqui é

uma piada, nós estamos falando sério. O ex-presidente da República, dito, inclusive, pelo principal assessor, braço direito e esquerdo, Mauro Cid... Essa é a informação que a imprensa brasileira está dando hoje, dizendo que o comandante do Exército diz que não topava, que não achava uma boa ideia, e que o comandante da Marinha dizia que sim. Não é aleatório. É uma tentativa de golpe que nós vivemos no dia 8 de janeiro, que foi a culminância...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Em virtude de uma permuta entre o deputado Pastor Daniel de Castro, que seria o próximo a falar, e a deputada Paula Belmonte, estando os 2 de acordo, eu vou passar a palavra para a deputada Paula Belmonte, por 15 minutos.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Presidente, quero agradecer, gentilmente, ao deputado Pastor Daniel de Castro, que prontamente nos auxiliou. Também pedi permissão ao deputado Thiago Manzoni. E conversei com o deputado Gabriel Magno, que também está corrido com o tempo, sobre essa permuta.

Então, eu agradeço essa oportunidade. Peço a Deus que sempre nos abençoe e abençoe a família do senhor.

Eu recebi aqui um memorando da sua assessoria, dos seus advogados e, por várias vezes, ele traz menção ao seu trabalho prestado à Polícia Militar, não diferente de todos os coronéis que estiveram aqui, e menção à sua família.

Quando nós estamos falando de uma pessoa que serviu ao nosso serviço público de segurança, que é a segurança de todos nós brasileiros e brasilienses – e o senhor disse que fez operação junto com o deputado Hermeto, inclusive lá no Congresso Nacional –, para nós brasileiros e brasilienses, isso é um motivo de gratidão, é um motivo de reconhecimento.

Estamos aqui na CPI numa situação em que precisamos encontrar... Eu aqui não tenho, vamos dizer assim, conhecimento específico da hierarquia. Então, mediante esse relatório que eu recebi, eu peço a gentileza para o senhor... Eu tenho menos minutos do que os outros parlamentares. Eu vou reler alguns fatos aqui. Se o senhor puder comentar esses fatos para mim, nós vamos trocando... Se eu interromper o senhor, não se sinta constrangido, mas é porque nós temos que administrar um tempo aqui.

A primeira coisa que se coloca aqui é que o senhor coronel Paulo José Ferreira de Sousa Bezerra, ora acusado nesta denúncia, coronel de reserva remunerado, militar por mais de 30 anos, com serviços prestados ao Distrito Federal ao longo dos 30 anos de carreira. O coronel Paulo José sempre executou, dentro da corporação, atividade operacional até o ano de 2017, quando, por recomendação médica, suspendeu seu poder de arma e passou a atuar mais administrativamente. Depois que o senhor passou a atuar mais administrativamente, o senhor foi convidado para estar lotado, no dia 12 de setembro de 2022, no Departamento de Operações. Quem convidou o senhor?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Foi um convite do coronel Naime.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, o senhor tem uma ligação... O senhor falou aqui que o senhor é da mesma turma do coronel Fábio, do coronel Klepter e do coronel Naime. É isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhora.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, o senhor é amigo do coronel Naime. Na sequência, depois que o senhor entrou, no dia 12 de setembro de 2022, o senhor entrou de férias um mês e pouco depois, no dia 21 de novembro, e permaneceu de férias até o dia 21 de dezembro. É isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhora.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Essas férias foram combinadas com o coronel Naime?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Esse requerimento é feito com antecedência dentro da sessão administrativa do Departamento de Operações, mas quem o defere ou não é o chefe. Então, ele recebe essa informação.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, estava combinado. É porque eu quero esclarecer aqui que, por vários momentos, o senhor fala que o senhor foi surpreendido com a substituição do Naime. Mas aqui fica claro, inclusive agora demonstrado pelo deputado Fábio Félix, que o senhor já estava preocupado com a questão operacional, porque o senhor, desde o dia 4, recebe mensagens do senhor Wesley.

Então, o senhor já estava prevendo... Pelo menos, a imagem que me traz desse último depoimento é que o senhor já estava sabendo que iria substituir o Naime. Ou o senhor foi pego de surpresa?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Quando eu falo que eu fui surpreendido é pelo fato de terem comigo 4 coronéis e, quando eu retorno ao Departamento de Operações, os 3 coronéis que deveriam estar lá não estavam. Então, a minha surpresa...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor acha estranho, então, os 3 que estavam no Departamento de Operações, que é o núcleo operacional, o DOP, à época, composto por 4 oficiais: coronel Naime, coronel Paulo José, que é o senhor, coronel Cleber... Qual o sobrenome do Cleber?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – De quem?

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Do Cleber, chefe de seção operacional.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu só sei o nome de guerra dele, é coronel Cleber.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – *Ok.* Coronel Cleber, tenente-coronel Eduardo Condi, subchefe de operações, e major Leonardo, responsável pela elaboração do planejamento de todos os grandes eventos corporativos pelos 4 últimos anos. Ele que era o responsável por representar o DOP na Secretaria de Segurança?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Se o coronel Cleber estivesse presente, como subchefe de operações seria ele, e provavelmente levaria o Leonardo junto para acompanhar essa reunião.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, na realidade, o coronel Cleber era a pessoa que sempre ia à secretaria e, naquele momento, foi feita a substituição pelo major Leonardo.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Coronel Cleber tinha muito pouco tempo lá, eu não sei se ele chegou em outubro ou novembro, então, assim que ele chega ao departamento, eu já pego as minhas férias. Com a chegada dele, ficava mais um coronel lá, eu não sei se ele chegou, mas eu acredito que ele ia às reuniões, sim.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor também diz que, no mesmo dia 6, teve a oportunidade de ir com o coronel Fábio Augusto, que era o comandante-geral, dizendo que, nessa reunião que houve no comando geral, o senhor já tinha falado que ia pedir a reserva remunerada. Foi isso, não foi?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu já tinha comentado, inclusive, todos já sabiam dentro da corporação, porque essa reserva foi em função da disponibilidade de vagas pela cota compulsória. E isso aí já tinha sido publicado, e até pelo critério de idade, eu acho que eu era o primeiro coronel a avisar.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eu quero entender exatamente esse questionamento, porque o senhor tinha acabado de entrar. Como o senhor disse, o senhor estava tomando pé dessa situação. É normal que todos que estejam em volta também estejam surpreendidos com as pessoas responsáveis.

Por isso, é de muita estranheza o coronel Cleber – que estava em recesso, como o senhor disse –, o major que já estava dentro do DOP – na realidade, era a única pessoa que tinha o comando do departamento de memória, do departamento operacional junto com o Naime –, ser chamado rapidamente para participar da Secretaria de Segurança? Isso é uma coisa muito estranha

ou é algo operacional, e por quê? Eu, como cidadã, independente do comando da Polícia Militar, eu quero que a Polícia Militar funcione.

Então, nós estamos falando aqui de memórias, de pessoas que estavam dentro desse departamento. É de muita estranheza chamar o major Leonardo para participar do PAI?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, até porque geralmente essas reuniões que são afetas à parte operacional, o major Leonardo era determinado pelo chefe do departamento a comparecer. Agora, o normal, deputada, é que o chefe operacional acompanhe também. Por exemplo, se o coronel Cleber estivesse lá, provavelmente – acredito eu – ele iria junto com o major Leonardo, porque o major Leonardo é o responsável pela confecção do escopo do planejamento.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Mas o Cleber estava afastado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É, parece que ele estava afastado. Eu não tenho essa informação.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – “Parece” é uma palavra muito importante.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Ele não estava lá. Ele não estava lá.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Mas eu quero saber se ele estava afastado, porque o senhor disse que o Naime foi afastado dia 3, mas, efetivamente, só houve a publicação...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A publicação dia 5, dia 4.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Quem assinou essa publicação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Foi o subcomandante-geral, o coronel Klepter.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – E o Cleber foi afastado também?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O afastamento do Cleber, se foi uma dispensa-recompensa... eu não vi essa publicação, era uma semana que eu não tive essa... ela pode ter sido dada pelo coronel Naime. Então, provavelmente, o coronel Naime é competente para dar essa dispensa, dentro do departamento, aos oficiais. A do chefe do departamento, que era o coronel Naime, é competência do subcomandante-geral ou do comandante-geral.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor fez outra fala que achei muito importante. Ela já foi objeto de discussão. Achei muito boa a fala do nosso relator, deputado Hermeto, dizendo que os policiais tinham que estar de prontidão, e não de sobreaviso.

No documento que o senhor nos deu, consta exatamente que a decisão de manter a tropa de sobreaviso e não de prontidão não partiu do DOP, mas sim do comandante da corporação, transmitida na circular pelo coronel Klepter.

O senhor confirma essa informação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Essa decisão foi repassada pelo subcomandante-geral, o coronel Klepter.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Não estou falando em repasse, porque eu também posso repassar um papel aqui. Estou perguntando quem tomou a decisão de sobreaviso e prontidão. É essa a pergunta que estou fazendo para o senhor.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu acredito que tenha sido o subcomandante-geral, o coronel Klepter.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor disse anteriormente, durante a fala de algum dos parlamentares, não sei se do relator ou do presidente, que essa função é do subcomandante. Eu quero que o senhor confirme isso para mim. Foi o senhor que falou isso.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Qual função, deputada?

DEPUTADA PAULA BELMONTE – A função de dar o comando de sobreaviso e prontidão.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O subcomandante da corporação é o chefe operacional. Geralmente, é ele. Agora, se o comandante-geral der também, não há problema nenhum. Mas, geralmente, o subcomandante é que determina isso, às vezes por...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, posso falar que o senhor está afirmando que a decisão de prontidão e sobreaviso – que é uma coisa importante nesse momento, eu acho importante colocarmos isso neste momento, porque foi o que trouxe uma facilitação – foi tomada pelo subcomandante, e que era responsabilidade dele tomar essa decisão.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhora.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Ok. Está bom.

O senhor colocou outra situação: quebra de hierarquia.

O comandante-geral da Polícia Militar do Distrito Federal, no dia 8 de janeiro, coronel Fábio, chegou cedo à Esplanada dos Ministérios, assumindo o comando, sendo o primeiro a chegar ao teatro de operações. Por ser a autoridade máxima da polícia, com base nos princípios estabelecidos pelo direito militar, na hierarquia e disciplina, ao chegar e permanecer no teatro de operações, o então comandante-geral Fábio Augusto passou a comandar as ações. É isso? É assim que funciona?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhora deputada.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, da mesma maneira, posso entender que, a partir do momento em que o coronel Klepter estava dentro das manifestações, que o coronel Fábio estava dentro das manifestações e que o coronel Naime estava dentro das manifestações, o senhor não tinha responsabilidade?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu tenho responsabilidade. Agora, a minha responsabilidade compete... eu estou subordinado aos oficiais que são mais antigos. A cadeia de comando tem que ser obedecida. Isso é da hierarquia militar. Todas as vezes em que o mais antigo chega ao teatro de operações, a responsabilidade pelas decisões a serem tomadas ali é dele.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eu quero aqui deixar isso claro, porque eu sou uma grande defensora da Polícia Militar e da segurança do Distrito Federal. Como ex-deputada federal, eu sei da importância da Polícia Militar e a referência que ela é. Mas é importante dizer que os membros do nosso comando – e eu já fiz manifestação aqui – da Polícia Militar, todos, estão presos, enquanto traficantes, ladrões, estão soltos.

Eu quero registrar aqui a minha indignação com essa prisão dos senhores. Mas é importante também nós colocarmos os pingos nos is, porque nós estamos falando de homens de família que se dedicaram a esse serviço público.

Rapidamente – porque está acabando o meu tempo –, eu vejo aqui que o senhor coloca também que a polícia e o senhor se surpreenderam – o senhor teve consciência, o senhor já teve trabalho prestado no Congresso Nacional – com a falta de contingente federal, o que corrobora a fala do coronel Naime, dizendo que houve uma facilitação do governo federal por meio da Guarda Nacional, da Polícia Legislativa do Congresso Nacional.

Então, o que nós estamos dizendo é o seguinte: Brasília tem também uma Força Nacional. O senhor me mandou um documento aqui dizendo que ela não estava com todo o seu efetivo em prontidão para poder realmente coibir esse suposto golpe de pessoas que até hoje nós não estamos vendo na cadeia, mas estamos vendo comandantes na cadeia. É isso que o senhor escreveu aqui. Não é isso?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – É. Eu trabalhei muitos anos na antiga 4ª CPMind, que hoje é o 6º Batalhão de Polícia Militar, que é a unidade responsável pela segurança da Esplanada dos Ministérios. E, como eu havia falado aqui, é normal, em uma manifestação, em uma grande manifestação, uma segunda linha. A primeira ser a da Polícia Militar e uma segunda linha de contenção ser a da Polícia Legislativa. Então, assim, se houver um rompimento...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – E da Guarda Nacional? O senhor ficou mais no Congresso Nacional?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhora. Eu nem vi a Guarda Nacional lá, para falar a verdade para a senhora.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Pois é.

Então, aqui, nesses 40 segundos que me restam, eu quero registrar aqui que houve, mais uma vez, um depoimento aqui de uma pessoa que se dedica à Polícia Militar do Distrito Federal, à segurança da nossa Polícia Militar, dizendo que houve, sim, uma facilitação para se entrar nos prédios públicos do Distrito Federal.

Essa responsabilidade tem que ser investigada, e nós temos que saber qual era o papel do Ministério da Justiça que foi, sim, no dia 7, à Polícia Federal. Nós não podemos deixar nenhuma pessoa ser presa inocentemente, temos que prender os ladrões, os traficantes e as pessoas que realmente quiseram tirar o patriotismo do Brasil.

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por 15 minutos, o deputado Gabriel Magno.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Obrigado, presidente. Boa tarde.

Boa tarde, coronel Paulo José.

Quero iniciar esta fala, presidente e coronel, destacando que é importante o seu depoimento hoje, a sua fala aqui. Primeiro, porque reforça linhas importantes da investigação já anunciadas em outros depoimentos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está havendo uma dúvida aqui, deputado. Eu alertei que estava sendo feita uma permuta. À medida que é feita a permuta, V.Exa. passa para o lugar da deputada Paula Belmonte, e seguem o deputado Gabriel Magno e o deputado Thiago Manzoni. A não ser que o deputado Thiago Manzoni faça uma permuta com o senhor. Aí o senhor poderá falar.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não. Não há réplica. Esse é o entendimento.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pois é, deputado, agora eu vou restabelecer o tempo do deputado Gabriel Magno.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Houve uma permuta, deputado.

Concedo a palavra ao deputado Gabriel Magno, por 15 minutos. Em seguida, ao deputado Pastor Daniel de Castro.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Obrigado, presidente.

Eu estava ressaltando a importância, coronel Paulo José, que reforça linhas também fundamentais da tese de uma investigação que defendemos, inclusive.

A primeira é a de que o PAI montado estava errado, porque o secretário de segurança pública, senhor Anderson Torres, nesta cadeira, afirmou que o PAI estava perfeitamente correto. O senhor afirma, novamente – já trouxemos vários elementos –, a subdimensão dos riscos em que o PAI é apresentado.

Uma segunda linha, que é grave, é que o alto comando da Polícia Militar presente também mentiu para esta CPI. Isso é grave e precisa ser apurado.

Uma terceira questão é da ação violenta do dia 8. Quero entrar, de novo, no reforço da tese da tentativa de golpe de Estado, porque alguns aqui, coronel, tentam dizer que não houve, que foi fruto do acaso, de várias coincidências. Até pacífica disseram que a manifestação foi, que não se faz golpe com bolinhas de gude. Só que o roteiro de golpe, hoje anunciado e denunciado pelo Mauro Cid – que foi elogiado por vários parlamentares –, mostra um roteiro planejado, organizado, pensado.

Esse roteiro tinha como primeiro passo a lavagem cerebral, a mentira criminoso como prática política de um governo, o governo do ex-presidente condenado e inelegível que institucionalizou a mentira. A mentira virou prática de governo para convencer o povo brasileiro de que as urnas eram inseguras, de que o Supremo Tribunal Federal era comunista. E convenceu alguns, que, nesta cadeira, disseram, inclusive, que tentaram colocar uma bomba no aeroporto a partir dessas mentiras.

O segundo passo é a utilização dos imbecis úteis que foram implorar para ETs darem a intervenção e salvarem o Brasil, rezaram para pneu, tentaram de alguma maneira salvar o país.

O terceiro passo é a demonstração de força. De novo, no governo do ex-presidente inelegível e condenado, ela é sempre desastrosa, mas tentaram fazer o mesmo com o Sete de Setembro, transformando-o em ato político para mostrar a força das próprias Forças Armadas, infelizmente, com tanques saindo fumaça.

O quarto passo é o dia 8, o levante popular, mensagem do comandante-geral da Polícia Militar, anunciado inclusive hoje, aqui. Este era o papel: colocar o povo na rua para haver um levante popular para o quinto passo – acontecer a intervenção militar. Esse era o roteiro desenhado do golpe admitido hoje pelo Mauro Cid que diz que o Bolsonaro sabia, planejou e foi atrás dos comandantes das Forças Armadas. Isso é muito grave. O comandante da Marinha topou.

É preciso chamar o comandante da Marinha para se explicar. Não é papel de um comandante das Forças Armadas topar ou aceitar ou embarcar novamente em uma tentativa criminoso e golpista – como foi dito e anunciado hoje.

Eu queria, a partir disso, coronel Paulo José, entrar em algumas questões que para nós são centrais. Mas esse preâmbulo era muito importante, porque – eu repito aqui – o bolsonarismo, infelizmente, adoeceu, corrompeu o país e se espalhou pelas instituições como uma praga, corrompeu importantes instituições de Estado. Este é o desafio: a reconstrução deste país.

Coronel, eu quero começar meus questionamentos sobre o ex-secretário de segurança pública, senhor Anderson Torres. Inclusive, também foram encontradas mensagens, no celular dele, de enforcamento do presidente Lula, de intervenção militar, roteiro do golpe, acusação ao ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre Moraes.

Qual foi a reação dos policiais militares, principalmente do alto comando, quando souberam da intenção do governador Ibaneis de nomear o secretário Anderson Torres, ex-ministro da justiça do governo Bolsonaro? Qual foi a reação? Qual era a relação das tropas com o Anderson Torres? Era uma relação próxima? Comemoraram? Qual a sua opinião?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, se eu não me engano, a nomeação do Anderson Torres foi em dezembro.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Isso. Foi depois das eleições.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exato. Eu estava de férias, eu estava afastado, eu não vi se... Mas eu acredito...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Não houve nenhum comentário em algum grupo de WhatsApp?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, eu não vi nenhuma reação contrária ou favorável a isso. Não foi perceptível essa situação.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Obrigado, coronel.

O senhor falou do seu afastamento. Por que mesmo o senhor estava afastado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Em novembro, eu estava de férias e, quando eu ia retornar, tirei umas licenças...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Médicas?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, não. Eram licenças regulamentares, de abono, de final de ano, algo assim, para eu retornar só depois da posse do presidente.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – E em relação às questões que o senhor até comentou aqui, que estão também na sua defesa, das licenças médicas? Elas são a partir de quando?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu estive afastado por alguns meses, fazendo tratamento psicológico, fazendo consultas psiquiátricas, porque eu tive problemas familiares, pessoais, passei por uma separação à época e, desde 2017, eu tenho feito esses acompanhamentos, essas consultas médicas.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Coronel, solidarizo-me com o senhor e desejo-lhe um bom tratamento. Nós sabemos que, no serviço público, em vários lugares, nas forças de segurança, na segurança pública, infelizmente, é comum o adoecimento mental de vários servidores. No Distrito Federal, isso tem sido cada vez mais preocupante na saúde, na educação. Mas me estranha e chama-me a atenção, coronel, porque esses seus afastamentos, esse seu processo de tratamento já era do conhecimento da própria corporação.

Pergunto: se o senhor fosse o responsável por nomear, por exemplo, o responsável pela operação, nesse momento tão delicado do país, de ameaças golpistas – inclusive, o seu depoimento é importante, porque conecta o dia 8 com os acampamentos golpistas em frente ao quartel-general... Se, pelo seu histórico recente, inclusive de tratamento médico, era adequado colocá-lo nessa situação, às vésperas de uma tentativa de golpe de Estado?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, como eu já expliquei aqui, dentro da estrutura do Departamento de Operações, minhas atribuições eram administrativas. Por isso que... Aí, eu falo da surpresa de ter chegado e, dentro do núcleo operacional, não ter nenhum coronel ali. Mas eu tive que responder, eu tive que assumir, porque eu era o coronel substituto ali, justamente porque não tinha nenhum outro coronel lá.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Parece-me, coronel, que o senhor era o nome perfeito para ocupar esse espaço diante de uma tentativa organizada de cometimento de crime, o crime de golpe de Estado. O senhor poderia ser interpretado como bode expiatório perfeito. A diferença é que nós estamos tratando de uma força importante, uma força de segurança respeitada como é a da Polícia Militar, bem como outras forças; porque é uma trama que lembra práticas de organizações criminosas, de orquestrar um crime e colocar um responsável para tentar limpar os rastros daqueles que organizaram, pensaram e planejaram.

O senhor disse, coronel, que, de sexta-feira para sábado, houve uma mudança de cenário. As mensagens mostram isso. Várias reportagens da imprensa mostram isso. Na verdade, um pouco antes, já era possível notar uma mudança de cenário: uma manifestação que o PAI colocou como pacífica, com baixa intensidade de impacto, pouco engajamento da própria inteligência – como o senhor falou –, e, no sábado, isso mudou. O senhor disse que o PAI deveria ter sido mudado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Em maio, o senhor deu uma declaração ao Metrôpoles, dizendo que não soube o que motivou o afastamento simultâneo de todos os coronéis, esses erros todos que o senhor elencou. Diante do que passou, de maio até hoje, o senhor saberia dizer o porquê de ter dado errado, coronel, o dia 8 de janeiro?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, como o senhor falou, eu acho que, no dia 7, deveria ter sido refeito todo o planejamento das ações do final de semana do dia 8;

porque, no dia 7, vieram os alertas; no dia 7, veio a reunião com o diretor da Polícia Federal; chegaram as informações na Secretaria de Segurança Pública. E, se essas informações porventura chegassem à Polícia Militar, quem detivesse essas informações deveria ter tomado as providências.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Quem deveria? Quem era o responsável?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A autoridade que deteve as informações. Eu não sei. Eu nem posso afirmar ao senhor que alguém soube. Agora, se soube, em nível de comando, deveria ter tomado as informações, que seria acionar todos os chefes de departamento, acionar toda a parte operacional, os coronéis, acionar o DOP para fazer um planejamento operacional emergencial para, no domingo, colocar o maior número possível dentro da Esplanada dos Ministérios.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Saber, sabiam, coronel. O senhor... Nós vimos as mensagens que o senhor mesmo alertou, a partir de um informante. Está na sua defesa, que eu vou ler, sobre a questão da abertura da Esplanada.

Uma portaria do dia 27 de dezembro de 2022, da Secretaria de Estado de Segurança Pública – Anderson Torres –, assinada pelo então secretário Júlio Danilo, definia o estabelecimento de um Protocolo Tático Integrado a partir do dia 30 de dezembro até 2 de janeiro, com a finalidade de garantir a ordem durante a posse de Luiz Inácio Lula da Silva.

A portaria também previa a possibilidade de prorrogação desse protocolo, caso houvesse novas manifestações, mas, como aponta o relatório, “não foi encontrada a Portaria de Acionamento do Protocolo Integrado para as manifestações dos dias 7 e 8 de janeiro”. Segundo a PMDF, isso “dá indícios de que a manifestação não foi classificada com risco elevado ou de considerável público”. A responsabilidade de prorrogar o protocolo era do secretário de segurança pública, cargo que estava ocupado por Anderson Torres, ex-ministro de justiça do ex-presidente condenado, inelegível, Jair Messias Bolsonaro.

Então, sabiam, havia responsável para fazer, e não o fizeram.

Esse é um dos objetivos. O senhor colocou como um dos problemas do PAI o próprio rompimento das barreiras. Eu volto ao início, para confirmar essas linhas importantes. Por que as barreiras foram rompidas?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O senhor fala a...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – As barreiras do dia 8. Eu vou reformular a pergunta para deixar mais objetivo: os manifestantes avançaram e foram rompendo as barreiras da Polícia Militar.

PAULO JOSÉ FERREIRA SOUZA BEZERRA – Exato.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Na minha opinião, só há dois motivos para essas barreiras terem sido rompidas: ou porque os manifestantes eram muito violentos e o efetivo era muito pequeno, desproporcional; ou porque a Polícia Militar deixou. Por que rompeu a carreira?

PAULO JOSÉ FERREIRA SOUZA BEZERRA – Eu concordo com o senhor nas 2 primeiras colocações. A Polícia Militar... quem estava lá? Eu estava, inclusive, deputado, na linha juntamente com o CFP naquela hora, naquele horário. Eu corri junto com eles e tentei segurar os invasores. O que que acontece? Eu concordo com o senhor que havia poucos policiais na linha de contenção. Era para ter... Tinham 200 lá? Era para ter 1.500. Mas por que só tinham 200? Porque se trabalhou com as informações de sexta-feira, ainda. Então...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – E era possível, como o senhor disse, inclusive no próprio domingo, ter aumentado?

PAULO JOSÉ FERREIRA SOUZA BEZERRA – Era perfeitamente possível. Eu digo ao senhor: se a Secretaria de Segurança Pública repassa as informações que ela teve do delegado Andrei, das preocupações que... O delegado, inclusive, fala: “Seria interessante não se permitir nem que o acampamento descesse”. Ele fala isso. Ele ressalta essa preocupação. Se o acampamento... Porque eu acho até... Por que que vai deixar descer para ter um confronto se eles já sabem das intenções?

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Eles não iam descer do acampamento para rezar em frente ao Congresso...

PAULO JOSÉ FERREIRA SOUZA BEZERRA – Exatamente. E, assim, como eu falei para o senhor: eu trabalhei anos no batalhão do Congresso Nacional. Eu nunca vi pessoas articuladas daquele jeito, porque as invasões se davam... Você via um – o deputado Hermeto sabe disso – grupo ali e a gente ia lá conseguia debelar, mas ali foi tudo articulado. Eu percebi ali: havia liderança, havia planejamento, havia coordenação e os caras foram realmente... Tanto que, deputado Hermeto, foi tudo no mesmo horário. Quando a gente olhou, era a turba vindo. Eles já sabiam exatamente qual horário eles iam avançar ali. Não houve reação para... Eu nunca tinha visto uma coisa daquela.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Coronel, o senhor reforça que o alto comando da segurança pública do DF tinha uma responsabilidade, sabia, tinha informação e não fez.

Eu quero concluir com uma questão – queria pedir para a nossa turma da TV Câmara Distrital colocar uma imagem – que o senhor, inclusive, acabou de colocar, que mostra e prova que o coronel Casimiro, que sentou aqui também, foi elogiado por vários aqui, mentiu. Mentiu descaradamente – dito pelo coronel Casimiro – que: “Estava de bermuda, sentado”. A imagem está muito ruim, mas, às 13 horas e 56 minutos, ele tira uma *selfie* e manda para o senhor, presente na Esplanada.

Quero terminar com essa questão, coronel, porque é uma crise que nós estamos vivendo, relator Hermeto, presidente Chico, sem precedentes na história do Distrito Federal, nas forças de segurança pública e na Polícia Militar, porque, diante dos fatos, só tem uma conclusão, infelizmente: o comando da Polícia Militar não é confiável. Nós não podemos mais confiar na Polícia Militar do Distrito Federal. Os coronéis vêm aqui e mentem. E colocam, deputado Hermeto... O alto comando esqueceu da tropa, esqueceu da corporação. Agiu sem dignidade com os praças que estão na rua cumprindo o papel, no suor...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra o deputado Pastor Daniel de Castro por 25 minutos. V.Exa. está com a palavra.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Presidente, como o senhor tem se portado na questão como juiz, que, inclusive, não aceita contradita, arguição e já definiu que isso foi uma permuta – coisa que não foi –, eu vou aceitar a sua decisão e vou passar para o deputado Thiago Manzoni.

Muito obrigado. Eu falo por último.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra ao deputado Thiago Manzoni, por 15 minutos.

Eu avisei que era uma permuta.

DEPUTADO THIAGO MANZONI (PL. Sem revisão do orador.) – Bom dia, presidente. Bom dia aos demais parlamentares que estão aqui. Bom dia, coronel.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Bom dia, deputado.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Bom dia aos advogados que estão aqui também. Bom dia a quem assiste a nós pela TV Câmara Distrital e pelo YouTube. Boa tarde – são 2 horas da tarde.

Coronel, grande parte das perguntas que eu tinha para fazer já foram feitas ao senhor. Eu tenho menos tempo que a maioria dos meus colegas, por isso eu vou precisar começar restabelecendo algumas verdades para que possamos partir de premissas adequadas para o julgamento que vai ser feito.

Eu começo dizendo que a extrema esquerda tem um hábito de apontar o dedo para os outros e chamá-los do que eles próprios são. Eles fazem isso de maneira reiterada. Só não é engraçado, porque isso cola. Presidente condenado e inelegível, eles dizem que é Bolsonaro. Condenado pelo quê? O atual presidente da República, esse, sim, foi retirado da cadeia para ser

alçado à presidência da República, e ele foi preso por causa dos escândalos de corrupção nos quais ele foi pego e foi julgado por 3 instâncias de julgamento.

Foi dito assim, por um colega que me antecedeu: "O bolsonarismo corrompeu o país". Aí eu abri o Google e, em 2015, o ministro Gilmar Mendes falou que o Partido dos Trabalhadores instalou a cleptocracia no país. Era um governo de bandidos nas palavras do ministro Gilmar Mendes. Era um governo que tinha o roubo como rotina. Abro aspas – para a *Globo News*: "Ministro Gilmar Mendes disse que PT instalou a cleptocracia no país. O ministro do STF voltou a atacar o partido dos trabalhadores. Gilmar Mendes disse que a Lava Jato revela modelo de governança corrupta".

Quem corrompeu as instituições deste país? Mas eles apontam o dedo para os outros e os chamam do que eles são. E as palavras não são minhas, são do ministro Gilmar Mendes.

Abro aspas novamente: "Ele afirmou, nesta sexta-feira, 18, que o PT instalou um modelo de governança corrupta definido pelo próprio ministro de cleptocracia, que significa Estado governado por ladrões". Que significa Estado governado por ladrões, então, não venham dizer que o bolsonarismo corrompeu as instituições do país. Não nos meçam com a régua de vocês, porque nós não somos isso.

A mentira como prática de governo. Eu estou para descobrir alguém que se orgulhe de ser mentiroso como o Lula, que foi para Europa e disse que, aqui no Brasil, havia 25 milhões de crianças passando fome na rua. E foi aplaudido lá na Europa. Depois ele voltou para o Brasil e disse assim: "Era muito fácil fazer política, porque a gente ia para lá, inventava número e contava um monte de mentira, e as pessoas acreditavam". É só procurarem no YouTube que acham o vídeo. Mas eles apontam o dedo para os outros e os chamam do que eles são.

Falou-se aqui, também, que o presidente Bolsonaro procurou as Forças Armadas para a possibilidade de um golpe. Aí você abre a matéria da Thaís Oyama e do Robson Bonin, de 24 de abril de 2017, e a matéria diz: "Exército foi sondado para decretar Estado de Defesa, diz general". Era o final do governo Dilma. Ela ia ser impichada e procurou o Exército para tentar dar um golpe, mas eles apontam para os outros e chamam os outros do que eles são.

E isso é habitual, isso não é de hoje, é uma prática, é uma praxe. Vem do comunismo antigo. Foram doutrinados nessa doutrina maligna, perversa, covarde, onde se dizia, inclusive, que a votação não importa, quem importa é quem conta os votos. E eles ensinavam "Apontem os dedos para os outros e chamem eles do que vocês são. Mintam até que a mentira... Repitam a mentira até que ela se torne verdade." E é isso que se tenta fazer. E ficamos aqui tendo que gastar energia dia após dia para desfazer ou para desmentir um monte de mentira que é dita aqui. E não só aqui. E não só aqui.

Nós estamos indo para 40 ministérios outra vez. Nós voltamos para o governo Dilma em que as pessoas faziam meme "Ali Babá e os 40 ladrões". Nós estamos voltando para aquilo lá. É dose para leão, meu irmão. Eu não sei como o Brasil sobrevive. De 2002 a 2016, nós tivemos essa galera no poder. Esses caras. São as mesmas pessoas, os mesmos nomes, os mesmos hábitos, os mesmos costumes. E eles voltaram agora. E é pior, voltaram com rancor. Voltaram com ódio. Ódio do povo brasileiro, ódio da bandeira brasileira, ódio das instituições de segurança pública, ódio da polícia. Vá numa manifestação de esquerda e veja o que eles gritam. É mais ou menos assim: "Não acabou. Tem que acabar. Tem que acabar a Polícia Militar." Eles odeiam a polícia. E é por isso que vêm aqui e apontam o dedo para a cúpula da polícia como se a cúpula da nossa polícia fosse bandida. Não é. Não é. Bandido é traficante. Bandido é homicida. Bandido é quem comete latrocínio. É esturpador. Esses são bandidos. Mas esses são defendidos pela extrema esquerda no Brasil e no mundo. Esses são defendidos. Mas eles vêm aqui apontar o dedo para a polícia. Houve falhas? Houve. Mas eles imputam a vocês crimes. Eles chamam os senhores de criminosos, sem que os senhores tenham sido julgados ainda pelo Poder Judiciário deste país.

A Polícia Militar do Distrito Federal é uma instituição honrada, e os erros que determinados indivíduos eventualmente tenham cometido têm que repousar apenas sobre eles e não sobre a

Polícia do Distrito Federal, porque esse discurso aqui eu já conheço. Você chama a polícia de bandida, você fala que a polícia é violenta, que a polícia mata, que a polícia faz isso, para depois você pedir o final, o fim da polícia. É isso que eles querem. Aliás, eles falam assim: "Ah, os bolsonaristas são antidemocráticos". Aí a presidente do PT, aquela senhora Gleisi, a deputada, falou, ontem, que a justiça eleitoral no Brasil tem que acabar. Eu vou ler, eu vou ler. Mas isso é democrático porque saiu da boca de uma petista. Então, aí está beleza. É tudo relativo. Não é só a democracia que é relativa. Abro aspas para Gleisi Hoffmann, presidente do Partido dos Trabalhadores: "Não pode haver uma Justiça Eleitoral. Isso já é um absurdo e custa 3 vezes mais do que o financiamento de campanha." Eu queria que os meus colegas da seita da Justiça Eleitoral se manifestassem contra isso aqui.

A profissão de fé, hoje, ficou deixada de lado. Mas é porque o senhor não tem rede social, coronel, é porque o senhor não é bolsonarista, porque, se houvesse uma foto o senhor com o Bolsonaro, aí, a profissão de fé voltava.

A gente passa por isso aqui diuturnamente.

Eu poderia ler matérias aqui. Eu selecionei umas 10, 15. Poderia passar o meu tempo inteiro lendo matéria jornalística aqui para mostrar, de novo, quem é o PT. É o mesmo grupo que está no poder. Eles estão repetindo as mesmas práticas: loteiam o país inteiro. Loteiam empresas estatais, loteiam ministérios, distribuem tudo para todo mundo. Os parlamentares se orgulham disso e vêm aqui dizer: fulano do seu partido está na base do governo, beltrano do seu partido está na base do governo. Desde a época do mensalão que isso acontece. Na época do mensalão, Lula não sabia de nada. Sobrou para o José Dirceu.

Agora, ninguém sabia de nada. Vossa senhoria falou aqui, coronel, que o senhor não sabe onde parou a informação na Polícia Militar do Distrito Federal. O que sabemos é onde parou a informação no GSI. Lá, sabemos onde parou a informação, porque o general Penteado veio aqui e falou que quem reteve as informações foi o general do Lula, o Gonçalves Dias. Foi ele quem reteve as informações. E o general Penteado falou que, se as informações tivessem sido transmitidas a contento, o dia 8 de janeiro não teria acontecido, pelo menos em relação ao Palácio do Planalto. "Ah, não, mas bota tudo na conta da Polícia Militar do Distrito Federal. Esquece o Ministro da Justiça, esquece o general Gonçalves Dias." Não esquece, não. A Polícia Militar do Distrito Federal falhou? É lógico que falhou. Agora, foram só eles? Não, não foram só eles. Não foram só eles. É óbvio que não foram só eles. Os gradis a que vossa senhoria fez menção – eu abri o PAI aqui – eram da atribuição de cada um dos prédios. Cada prédio tinha a determinação de colocar os gradis. E os barramentos foram retirados de lá, porque os barramentos ficam lá comumente. Pode ir lá hoje. Se descermos lá hoje, está tudo com barramento. Mas, no dia 8, estava sem barramento. Quem tirou o barramento? Quem mandou tirar o barramento? Porque era atribuição de cada prédio, relator, deputado Hermeto. Quem foi que mandou tirar aquele barramento de lá para facilitar a entrada? Porque facilitou a entrada. Virou arma, nas palavras de vossa senhoria.

A Polícia Militar do Distrito Federal teve erro? Teve, mas está mais para ter sido vítima de uma emboscada do que para qualquer outra coisa. Os senhores foram para frente da batalha, para frente dos manifestantes. Todos esses coronéis que estão presos foram lá batalhar contra os manifestantes, os vândalos, os depredadores, os criminosos que invadiram aqueles prédios, porque, sim, eles são criminosos. E, não, eles não são os mesmos que estavam na frente do quartel general. Havia 150 pessoas na frente daquele quartel general lá, 300 pessoas. Desceram 5 mil pessoas. Vieram de outros estados. Isso aí é sabido, e eles ficam repetindo como se ninguém soubesse disso. Nós já sabemos disso, mas eles insistem em dizer que são as mesmas pessoas e fazem ridicularização – "ah, os santos que estavam lá" –, porque o pessoal estava rezando, porque o pessoal estava orando. Eles têm ódio do cristianismo. Eles são cristofóbicos. Eles odeiam a religião cristã. Eles destilam rancor contra as nossas famílias, contra aquilo em que nós acreditamos, contra a nossa fé, contra o nosso Deus, contra o nosso Messias. Eles têm ódio do cristianismo. Então, quando se fala que estavam rezando, que estavam orando, aquilo os atinge de maneira frontal.

A Bíblia Sagrada, o livro sagrado dos católicos e dos evangélicos, chama aqueles que creem de santos. Então, o que é pejorativo se torna uma verdade para a fé dessas pessoas que estavam lá rezando. Estávamos lá rezando outra vez durante esta semana para evitar o aborto, o assassinato das crianças no útero das mães. Isso os enfurece, e aí eles vêm aqui fazer chacota da nossa fé. Podem fazer, pois nós continuaremos tendo fé. Mas a nossa fé é uma só. As coisas que defendemos aqui, o que acreditamos é uma coisa só, desde o início.

Eles vão variando. Agora, convém: a Dilma procurou o general, ignora-se; “vamos falar aqui do Bolsonaro”. O Gilmar Mendes nos chamou de cleptocracia; “vamos falar aqui do bolsonarismo”.

Acabei me estendendo mais do que gostaria, coronel, mas eu precisava fazer isso, porque a mentira não pode prevalecer.

Coronel, o senhor estava a quantos dias da reserva remunerada?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – O requerimento eu fiz no dia 11 de janeiro, aí foi publicada já a agregação no dia 20 de janeiro.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Vinte de janeiro.

Eu me entristeço porque o senhor está passando por isso tudo agora, estando tão perto de chegar ao fim da carreira.

Coronel, quanto o senhor está recebendo hoje do seu soldo?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Mil e duzentos reais, deputado.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O senhor está recebendo R\$1.200,00. É com esse dinheiro que o senhor se sustenta e sustenta a sua família?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel, o senhor está preso há quantos dias?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Está entrando na quinta semana. É um mês e... são 35 dias já.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel, o senhor tem filhos?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Três filhas.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Três filhas. Quantos anos têm suas filhas, coronel?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Vinte e quatro, 20 e tenho uma de 8 anos de idade.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel, o senhor foi omissos deliberadamente para que acontecessem os crimes do dia 8 de janeiro?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – De forma alguma, deputado.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel, de alguma maneira, o senhor contribuiu para que aqueles crimes acontecessem?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel, o senhor queria que aqueles crimes acontecessem?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor, de forma alguma.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Lamento muito que o senhor esteja passando pelo que está passando. Eu lamento muito porque a nossa Polícia Militar do Distrito Federal está sendo achincalhada, e ela não merece isso.

Obrigado por ter vindo aqui, obrigado pelas suas respostas. Esta Câmara Legislativa – eu tenho certeza – levará em conta tudo o que o senhor falou.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por 25 minutos, o deputado Pastor Daniel de Castro.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Obrigado, presidente.

Cumprimento todos os presentes, a imprensa, os assessores.

Quero cumprimentar – me permita – o depoente coronel Paulo e seus advogados, não nominados, até porque eu quero ser breve.

Eu tenho umas 19 a 20 perguntas para fazer, mas eu vou pedir perdão à minha assessoria, que se esmera tanto, trabalha tanto, dedica-se tanto, investiga tanto. Eles ficam pegando no meu pé para eu fazer as perguntas, mas não há como, em um momento desse, não falar algumas coisas.

Eu quero começar falando da palavra de Deus. Em Isaías 32, é dito assim: “E o efeito da justiça será paz” – sempre a justiça tem que trazer paz – “e a operação da justiça repouse em segurança para sempre”. A justiça traz paz e, quando você opera a justiça, traz segurança.

O art. 2º da Constituição prevê que o Judiciário é um poder da União que tem independência e está em harmonia em relação aos demais: Executivo e Legislativo. A principal função do Judiciário é aplicar as leis para resolver conflitos e garantir direitos do cidadão.

Se aplicássemos isso aqui, não estaríamos vivendo o que nós estamos vivendo: um desacerto na justiça. O coração rasga, eu tenho 3 filhas também. Quando um coronel de 30 anos de farda, sem uma mancha na vida pregressa, chega aqui e fala que está recebendo 1.200 reais para sustentar a si e sua família, isso é tortura. Isso é uma tortura para o cidadão!

Aí, perdoe-me, mas essa esquerda, essa extrema esquerda... Porque tudo é Bolsonaro e Lula – e Bolsonaro é o nome mais comentado do Brasil: você entra, nas redes sociais, o nome que mais... Ai, meu Deus, se fosse elegível, então, ia fazer todos os votos na próxima eleição porque eles não esquecem do Bolsonaro. Eles não descem do palanque e não vêm para governar. Quem governa? O vice-presidente.

Lula tem 60 dias viajando. Gastou, sim, 7 milhões e 300 mil reais nesses 60 dias em viagens e hospedagem e passagem e avião. Quem diz é o Portal da Transparência.

Quem governa? Quem falou assim: “O Lula quer voltar à cena do crime”. Quem disse foi o vice-presidente da República, não fui eu, não. Está lá para a eternidade.

Aí esse grupo volta e quer imputar numa direita que veio e que veio para ficar, não adianta. Vocês têm que mudar o disco porque vocês não vão destruir uma direita que vem neste país não. E vocês sabem por que a direita chegou? Porque nós não aguentamos mais os nossos valores sendo destruídos. Querem destruir as nossas famílias e querem ir contra a nossa fé. Tudo, garantia desse texto. Esse texto aqui, gente. A Constituição da República Federativa do Brasil é o que rege todo cidadão. Mas estão passando por cima desta Constituição e nos afrontam. Querem picar, em nós, o que são.

Eu vou tomar a liberdade, deputado Thiago Manzoni, e vou usar uma fala sua: “não nos meçam com a vossa régua”. Nós não somos iguais. Esqueçam. Vocês nunca serão iguais a nós. No nosso sangue, não tem um sangue corrupto, não. O nosso DNA não é corrupto. Não é. Nosso presidente pode ter seus defeitos, ter os seus problemas, mas não foi preso. Não foi condenado em 3 instâncias. Eu falo de promotores, juízes, desembargadores e ministros. Não nos meçam com essa régua. Respeitem a direita nessa nação. Respeitem. Até porque há muitos aí. E é interessante que eles vêm, falam e vão embora. Por quê? Não aguentam a contradita. Não aguentam o embate. Não aguentam o debate. E olha que eu sou um cara equilibrado, de centro.

Fico estarrecido, presidente. É a terceira vez que o senhor me desrespeita nesta casa. Isso dói, na alma da gente, porque eu tenho, por V.Exa., respeito. Eu o trato com fidalguia. É o meu jeito. Eu sou um pastor nesta casa. Sou advogado, mas sou um pastor. E falei que chegaria aqui como pastor. Mas está na hora de vocês respeitarem a nossa fé. Não somos nós que queremos a

descriminalização da droga. Não somos nós, não. Não somos nós que queremos patrocinar assassinato de criança indefesa. Não somos nós. Somos contrários a tudo isso!

Vemos, coronel Paulo, que existe um plano. O plano é perfeito. No papel, ele é perfeito. Eu fico feliz, porque o senhor já respondeu quase tudo que eu tenho aqui para perguntar. E fiquei mais feliz ainda quando o senhor falou aqui que, se o houvessem chamado no domingo, teria conseguido colocar os policiais lá. O senhor falou que 10 companhias o senhor conseguiria colocar.

Mas e o governo federal? Eu vou falar aqui: não venham imputar essa culpa apenas à Polícia Militar. Eu sou membro efetivo desta CPI. Eu defenderei a Polícia Militar nesta casa também. Não aceitarei. Eu me somarei ao relator desta casa para defender a Polícia Militar. Há erro? Estou convicto de que há. Eu já estudei muita coisa, mas há erro de pessoa, não da instituição, deputado Hermeto. Não há erro da instituição gloriosa em que V.Exa. ficou 30 anos e que se orgulha dela, porque, quando o senhor fala aqui, vemos os seus olhos brilharem. Mas vou defender a Polícia Militar nesta casa também. Agora há culpa tal como há do GSI, tal como há do G. Dias. Foram 33 alertas emitido pela Abin. E parou. Parou lá no GSI. Tem endereço.

Aqui eu não estou defendendo pessoas. Eu estou falando de fatos. Anderson Torres estava nos Estados Unidos e foi preso. V.Exas. estavam na linha de frente, defendendo a democracia, brigando contra aqueles bandidos e arruaceiros, aqueles que quebraram. Insistem em dizer que o acampamento era uma fábrica bandidos.

Eu pedi a minha assessoria hoje para se debruçar naquela lista que chegou da ANTT. Eu vou mostrar quem são os bandidos e os patrocinadores. Nós vamos chegar lá. Nós vamos chegar lá, porque não fomos nós aqui de Brasília, não foi o pessoal daqui. Havia 300 pessoas, e 150 estavam em estado de vulnerabilidade, iam lá para comer. Isso já está descortinado.

Entretanto, vão pregando, vão pregando, vão imputando, imputando. Há chacota, sorriso, coisa pérfida aqui contra nós. O tempo todo, o tempo todo, o tempo todo! Em vez de irmos ao trabalho técnico, eles imputam a coisa porque tem que se defender. Nós temos que defender e iremos defender. Nós iremos defender!

Se o meu presidente não tem uma condenação, o deles teve em 3 instâncias. Se eles têm orgulho do deles, deixem eu falar: mais orgulho tenho eu do Bolsonaro. Mais orgulho ainda! Mais orgulho eu tenho do Bolsonaro! Eu estou falando aqui na tribuna da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Eu tenho orgulho do meu líder! Deus, pátria, família e liberdade! Tudo a que é extrema esquerda é contra. Eles não acreditam em Deus. Estão nem aí para a família. Liberdade deles é relativa, porque o Lula falou: "Eu tenho orgulho de ser chamado comunista!" É o orgulho que o líder deles tem. Essa extrema esquerda faz um mal para essa nação! Faz um mal, mal!

Foi o vice-presidente que falou: "O Lula quer voltar à cena do crime". Que lamentável! E voltou. Imaginem o preço que essa nação vai pagar.

A justiça e o direito são bases do trono de Deus. Eu sou apaixonado por isso. Justiça e direito são bases do trono de Deus. Falei ontem sobre isso na tribuna desta casa: "Matem as nossas crianças". Pode ser que a lei do homem até relativize, pode ser até que permita. Vocês vão ver quando imperar a lei de Deus! Vocês vão sentir quando a mão do braço forte, do todo poderoso agir! Está dito aqui na casa, nos Anais, para o Brasil ouvir. É um pastor falando: vocês vão experimentar o que é a justiça, o efeito dela é paz; a operação dela traz segurança – da justiça de Deus; da dos homens, não. Na justiça dos homens, o aborto é até a 12ª semana. Não é um assassinato de criança. Sessenta gramas de maconha – há dois policiais sentados aí – não é droga, não é crime. Brinquem. Continuem brincando.

Coronel, a sua defesa teve acesso ao processo, à integra dos autos, para poder atuar dentro do que determina o devido processo legal?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Teve. Quantos anos de serviço o senhor prestou

à Polícia Militar do Distrito Federal?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Eu fui para a reserva com 30 anos, deputado.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Vamos fazer um bate-bola aqui, porque ainda há tempo. Durante sua carreira, o senhor respondeu a quantos inquéritos?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, acho que 2 inquéritos.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Sabe dizer quais os motivos.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor. Não estou lembrado aqui. Acho que um foi o retardar a remessa de um dos inquéritos lá. E foi aberto outro para apurar.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor já traficou drogas?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor já matou?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor deputado.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor faz parte de alguma Orcrim – organização criminosa? Já fez parte de alguma organização criminosa?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A denúncia está dizendo que eu faço parte?

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Não. Não estou falando dessa denúncia não. Estou falando do seu passado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor. Nunca.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Quantos dias antes dos atos do dia 8 o senhor assumiu o departamento operacional? Quantos dias antes?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Foram 4 dias.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Então o senhor foi forjado a ir ao dia 8 apenas 4 dias antes?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – A imprensa divulgou que o senhor retornou de licença regulamentar no dia 3 de janeiro, procede?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeito.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Uma terça-feira. E assumiu o DOP apenas porque era o oficial mais antigo à disposição naquela semana, está correta essa afirmação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Perfeito.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor chegou a enfrentar manifestantes naquele trágico dia 8?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Positivo.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Chegou a ser agredido fisicamente?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Sim, senhor. Eu tive que puxar a arma para o manifestante não vir para cima de mim, deputado. Mesmo assim, ele veio. Na hora que eu desço para a Chapelaria, junto com o coronel Fábio Augusto, porque a ordem era “desce lá...”

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor enfrentou os manifestantes? Foi agredido?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Fui sim, senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Coronel, durante a oitiva do doutor Fernando,

Delegado de Polícia Federal, o então número 2 da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, eu perguntei a ele se, em algum momento, o GSI havia informado sobre as intenções daquele grupo que chegou à cidade a partir do dia 6 de janeiro. Ele me respondeu que os canais de inteligência, todos eles, falavam que havia um ambiente tranquilo. Que, no dia 6 de janeiro, não havia sequer 300 pessoas nos acampamentos. O DOP possuía alguma informação adversa dessa aqui?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Essas informações eram as que foram passadas para o Departamento de Operações.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O DOP tinha a informação de que no dia 6 de janeiro estava tudo tranquilo, pacífico?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeitamente.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Não previa?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, não, senhor, nada de...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Eu vou insistir neste ponto: a Polícia Militar do Distrito Federal sabia da possibilidade de invasão ao Planalto, ao Congresso ou ao Supremo antes do dia 8?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, é um pouco complicado responder isso aí, porque existia troca de mensagens em redes sociais dizendo dessa possibilidade. Todas essas informações tinham que ter sido confirmadas através das reuniões que foram feitas na Secretaria de Segurança Pública. Mas, assim... falava-se não só naquela semana, mas em semanas anteriores também, sobre possíveis atos terroristas.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Se o general G. Dias tivesse compartilhado os alertas recebidos da Abin... Porque aqui houve um travamento de informação que precisa ser investigado. A quem interessa? Por que seguraram essas informações? É tudo para o lado de lá. Para o nosso lado aqui. Para o lado de lá, nada foi premeditado, nada foi construído. Narrativas... Mas, se o general G. Dias tivesse – vou repetir –, compartilhado os alertas recebidos pela Abin, ao invés de retê-los, e a PM tivesse sido informada da real ameaça da invasão aos prédios dos 3 poderes da República, o senhor acredita, com a sua experiência operacional, que ainda assim a Esplanada teria sido aberta?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Se as informações tivessem chegado ao Departamento de Operações, dependendo de quem passa, já com a determinação de fazer o planejamento, não, não, não...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O resultado teria sido outro?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeitamente.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor já falou várias vezes, mas eu estou fazendo questão de perguntar, para ficar registrado. Porque, se o governo federal, se o G. Dias não tivesse segurado essas informações, se as tivesse repassado e elas tivessem chegado à PM, ao GDF, ao DOP, eu tenho certeza – o senhor já falou que havia chamado 10 companhias, não é? – de que o resultado seria outro. Só aí já dá para entender. Dava para ter brecado esse resultado.

Coronel, no *site* do governo federal, há a informação de que a Diretoria de Inteligência, também conhecida como Dint, integra o Ministério da Justiça e, entre suas competências, o inciso II afirma que à Dint compete planejar, coordenar, integrar, orientar e supervisionar, com a Agência Central do Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, as atividades de inteligência da segurança pública, em âmbito nacional.

Pela sua experiência, como oficial superior da Polícia Militar, devemos acreditar que, após a Abin emitir 33 alertas sobre os atos do dia 8, o Ministério da Justiça desconhecia essa ameaça?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu não tenho conhecimento, não tenho informações para dar uma opinião a respeito. Eu não sei.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – *Ok. Obrigado.*

Após o depoimento do senhor Gláucio Cunha à CPMI, toda a sociedade brasileira descobriu que o senhor G. Dias recebeu os alertas e os guardou consigo. Mandou, inclusive, adulterar relatórios, não repassando as mensagens para os setores que poderiam atuar e impedir as invasões. Aliás, o general Penteado declarou, nesta CPI, que, se as informações tivessem sido repassadas, a invasão não teria acontecido.

Sua opinião, em razão da sua experiência profissional: essa atitude do chefe do GSI foi uma atitude normal diante do que se esperava, do que estava para acontecer?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, eu não... Ele fala, inclusive, sobre o Plano Escudo, da... Eu não sei, porque... Eu não sei qual era o efetivo que o Plano de Escudo acionaria ali. Eu não consigo afirmar se... Eu acho que o general Penteado tem mais conhecimento do que eu. Eu não posso informar isso para o senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Coronel, a Polícia Militar do Distrito Federal é responsável pela segurança do Palácio do Planalto?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Então, podemos afirmar que, se houve invasão aos prédios federais, a responsabilidade não pode ser atribuída apenas e exclusivamente à Polícia Militar do Distrito Federal. Está correta essa minha informação?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Perfeito.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Coronel, embora o chefe do GSI, general Dias, soubesse da gravidade do momento, ele não apenas deixou de repassar informação para a PM como também reteve os alertas, impedindo que os setores responsáveis pelo GSI evitassem as invasões. Com essa conduta no mínimo lamentável, o chefe do Gabinete de Segurança Institucional, órgão diretamente subordinado à Presidência da República, colocou em risco a vida de centenas de policiais militares. Esse entendimento está correto?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Deputado, se eu não me engano, dentro do cronograma, o coronel Reginaldo Leitão... A essa questão das informações de inteligência, eu acho que quem pode responder com mais propriedade é o coronel Reginaldo Leitão. Eu acho que ele vai depor aqui. Ele vai conseguir esclarecer o senhor. Eu não...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Coronel, a nossa Polícia Militar é a mais preparada do Brasil. Ela tem um histórico de extraordinário serviço prestado ao povo brasileiro e é formada por homens honrados, por mulheres honradas, por pais e mães de família que certamente têm orgulho de vestir essa farda. Sinceramente, eu fico indignado em perceber uma tentativa vexatória de proteção aos membros do Governo Federal, enquanto a nossa Polícia Militar, gloriosa, é atirada às covas dos leões, mesmo não sendo responsável pela segurança dos prédios invadidos!

O que estamos testemunhando desde janeiro subestima a inteligência do povo brasileiro. E, como deputado distrital, eu tenho obrigação moral de me posicionar em defesa dessa corporação. Faço essa afirmação abertamente para que toda a população saiba do meu respeito à Polícia Militar.

Desde o começo, eu estou aqui, somando esforços com o deputado Hermeto, para nós dissociarmos condutas, individualizarmos condutas. É um membro ou outro que pode ter praticado algo – aí o curso do processo vai dizer. Mas a toda hora em que se fala, fala-se da Polícia Militar, deputado Hermeto. Toda hora, diz-se que a cúpula da Polícia Militar forjou um golpe de Estado, sendo que a alta patente da polícia estava na frente, na linha de frente. Forjou um golpe, e foi para cima do golpe. Não é crível.

A história da nossa Polícia Militar não pode ser manchada para que oportunistas tenham se

livrado de problemas que os incomodavam. Se houve algum erro individual – isso é até possível, afinal, somos humanos, os humanos erram –, que, dentro do devido processo legal, seja analisado o dolo ou a culpa de quem quer que tenha cometido esses erros. Mas é inaceitável que quem estava na frente da batalha, arriscando a própria vida, esteja preso; quem estava nos Estados Unidos tenha sido preso; quem estava orando, orando... Orando! Respeite a nossa fé! Orando! Havia muita gente orando. Havia muita gente rezando lá nos acampamentos.

Eu não sei por que o Congresso Nacional ainda não abriu uma CPI das manifestações retroativas, para investigar as manifestações de vários anos atrás. Eu queria ver esses prédios que foram invadidos pela extrema esquerda. Tocaram fogo em prédios! Então planejaram um golpe no passado também!

E, como muito bem disse V.Exa. – está aqui no meu celular também, obrigado –, Dilma consultou o Exército antes do *impeachment* dela.

Todo mundo que estava lá, que estava nos Estados Unidos, que estava na frente dos quartéis orando, idosos, com câncer, foram presos! Senhoras com mais de 70 anos foram presas, crianças foram presas. Mas quem estava, pasmem, dentro do Palácio, servindo água para os tais golpistas – os golpistas estavam dentro do Palácio, e o general do Lula estava servindo água para ele – está solto.

Quem detinha a informação que poderia evitar as invasões se limitou a enviar, pasmem, um ofício ao governador do Distrito Federal por *e-mail*, sábado à noite. E quem deveria fornecer todas as informações à CPMI para que os fatos fossem devidamente esclarecidos faz piada sobre o suposto desaparecimento das imagens, como se esse absurdo fosse algo normal. Goza da cara dos brasileiros, mais de 150 câmeras de segurança, entregou de 3.

Eu volto a dizer o que já disse diversas outras vezes: o governo federal deve explicação ao povo brasileiro. Nós vamos cobrar que a verdade apareça, que os inocentes sejam soltos, que o governo preste conta à sociedade brasileira e que a nossa justiça de fato e de direito efetivamente seja justa.

Coronel, uma das funções mais evidentes de um militar é cumprir ordens. Há alguns instantes foi revelado que a coronel Cintia teve uma reunião com o doutor Andrei e que naquela reunião o diretor da Polícia Federal sugeriu que a Esplanada fosse totalmente fechada naquele final de semana, mas, além daquela reunião, o doutor Andrei também enviou um ofício ao ministro da justiça apresentando a mesma sugestão.

O fato é que, ao receber o ofício da PF, o ministro da justiça limitou-se a enviar o expediente ao governador do Distrito Federal solicitando tão somente que os veículos fossem impedidos de descer a Esplanada. Então eu lhe pergunto: havia alguma determinação superior para que a Esplanada fosse totalmente fechada?

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Não, senhor.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Não havia. Então o povo podia descer. Aqueles que tinham o dever de proteger os prédios públicos talvez intencionalmente...

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – A determinação, deputado, era para que não permitisse...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Não passassem veículos.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Exatamente. Ônibus de turismo.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Perfeito.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Agora...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Eu estou falando isso, porque falam tanto que todo mundo sabia que eram os golpistas e que eles deixaram descer. Que isso seja apurado.

Nós vamos chegar à verdade nesta nação e nós vamos dar uma resposta aqui ainda, se Deus quiser.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pessoal, como presidente desta CPI, eu tenho o dever de conversar especialmente com as pessoas que estão nos acompanhando através da televisão.

Eu não vou permitir que esta CPI se torne um palco da extrema direita do Brasil. São pessoas que não têm argumento nem propostas, não querem investigar nada, vêm aqui, fazem xingamentos e, depois, vão embora. Isso eu não aceito.

Deputado Hermeto, já ouvimos 4 generais. Nós da CPI viabilizamos a vinda dos generais. Nós não estamos produzindo videozinhos para as redes sociais. Nós estamos em busca da verdade.

Todos nós sabemos – e é preciso que a sociedade tome conhecimento – que o fechamento da Esplanada é responsabilidade do Governo do Distrito Federal. Passou a ser do Governo Federal a partir do momento em que houve intervenção federal. A segurança pública passou para a responsabilidade do interventor, que, imediatamente, restabeleceu a verdade.

Polícia Militar, Polícia Civil e Polícia Federal são forças do Estado brasileiro. Não são de partido ou de governo, deputado Hermeto. São forças do Estado brasileiro, não importando qual partido está no poder.

Falo com autoridade – o deputado Hermeto é testemunha – que os melhores momentos da Polícia Militar e da Polícia Civil do Distrito Federal foram nos governos de esquerda. Foi o governo Lula que deu liberdade absoluta para as polícias e os melhores reajustes que os policiais tiveram. Agora, com a retomada do governo de esquerda, isso se dá novamente.

Quem mandou prender o coronel que está aqui não foi o Poder Executivo, até porque esse não é papel do Poder Executivo. Quem prendeu as pessoas foi o Poder Judiciário. Advogados aqui quiseram jogar a responsabilidade em cima do governo. Não é o governo que prende. Portanto, o que a extrema direita tenta colocar aqui, o tempo todo, não pega.

Vieram misturar aborto com a discussão que estamos fazendo. O que tem a ver uma discussão que está no Supremo Tribunal Federal com este Poder Legislativo e esta CPI? Estão mentindo, dizendo que o Supremo quer legalizar o aborto. Isso é mentira! O que o Supremo quer é descriminalizar, para não penalizar a mulher duas vezes.

Portanto, aqui não vão fazer o que estão fazendo no Congresso Nacional, não! Aqui, estamos agindo com respeito. É por isso que esta CPI está tendo o respeito e o apoio da sociedade. A sociedade nos acompanha de perto.

Portanto, não venha a extrema direita transformar isto em palanque, porque não darei palanque a ela. Pelo menos é isso que tenho combinado com o relator. Agimos em comum acordo. Somos uma dupla afinada. O resultado virá. Estamos ouvindo todos. Ao final, teremos a conclusão e será indiciado quem deve ser indiciado.

Abri os trabalhos hoje dizendo que o coronel Paulo José – e falei isto para a imprensa – até este momento, era o responsável por tudo. Outros coronéis disseram que o culpado era o senhor. O senhor veio aqui e, do meu ponto de vista, esclareceu muita coisa e colaborou muito para o relatório final que queremos.

Eu gostaria de perguntar se o senhor ainda tem algo a acrescentar à sua passagem aqui, hoje. Se tiver, é a hora.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Senhor presidente, senhor relator, acho que não há mais nenhum parlamentar aqui. Só quero agradecer a oportunidade, presidente. Quando da primeira convocação, quando foi feita, eu realmente estava de atestado médico. Inclusive, alguns meios de comunicação divulgaram, de forma irresponsável, que eu tinha pego um atestado médico

para não comparecer a esta Comissão Parlamentar de Inquérito. Eu tenho aqui os atestados para quem quiser ver. O deputado Hermeto sabe que o problema da saúde mental dentro da Polícia Militar não escolhe posto, não escolhe patente. O senhor sabe, deputado, da quantidade de policiais hoje que faz tratamento psicológico. E esse quadro veio a se agravar muito em razão dos atos ocorridos no dia 8 de janeiro. Então, agradeço ao senhor. Agradeço a todos os parlamentares aqui a oportunidade de ter podido esclarecer alguns pontos. Realmente eu estava angustiado de poder falar, porque eu via muita gente vindo aqui falar o que queria falar, mas sem provar. Eu me coloco inteiramente à disposição do senhor, da comissão, para que... Se houver uma necessidade de fazer acareação sobre tudo que eu falei aqui, eu estou à disposição. Não teria problema nenhum, porque tudo o que eu falei aqui, eu tenho... Se eu não tiver como provar, eu sei que esta Comissão Parlamentar de Inquérito, no âmbito das investigações, vai conseguir esclarecer. Então, eu fico muito tranquilo. Eu fico até aliviado de ter podido contribuir aí e me coloco à disposição para qualquer necessidade. Se quiserem me chamar de novo, eu estou em condições. Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado.

Eu vou pedir ao senhor e à sua assessoria jurídica que disponibilize a esta CPI tudo o que vocês têm: áudio, documento, tudo. Estou pedindo que vocês enviem tudo aqui para podermos produzir um bom relatório.

Com a palavra o Deputado Hermeto.

RAQUEL COSTA RIBEIRO – Será enviado, Excelência.

DEPUTADO HERMETO – Presidente, eu queria só ressaltar algumas coisas aqui rapidamente.

Quando eu fui escolhido para ser o relator desta CPI, eu pensei muito em aceitar e refleti muito. Mas, na minha conduta na minha vida pública e até privada – e até quando eu era policial militar –, eu nunca fui de direita nem de esquerda. Eu sempre fui um cara que olhei e olho com os olhos de equilíbrio em tudo.

Eu já trabalhei em governo de esquerda, quando era um administrador regional no governo do Agnelo. Eu já trabalhei no governo do Arruda, como administrador regional, e vim aqui como deputado. Não sou nem de direita, nem de esquerda. Eu sou um cara que vou pautar o meu relatório com o maior equilíbrio.

A Polícia Militar não está sendo julgada aqui. Quero deixar bem claro aqui que a Polícia Militar não está sendo julgada. Estão sendo analisados, verificados e julgados os homens. Individualização de condutas.

A Polícia Militar é maior que todas, que tudo. Nós vamos passar. A instituição vai ficar. Mas, como em qualquer outra instituição, há erros, há acertos. E é nisso que eu vou me pautar sem extremismo, sem querer que joguem um contra o outro, sem querer que joguem contra a instituição, contra mim.

Todo mundo sabe que eu sou policial militar. Eu serei extremamente cauteloso, justo e correto no meu relatório. Mas eu quero deixar bem claro porque muitos aqui falaram: a Polícia Militar do Distrito Federal não está sendo julgada, e, sim, atos individuais dela.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Muito obrigado, deputado Hermeto.

Eu acho que a palavra de V.Exa. é exatamente essa. Nós não estamos julgando uma instituição, mas também a extrema direita não pode achar que é dona da Polícia Militar. A Polícia Militar não tem dono. Ela é uma instituição de Estado. Quem estiver errado vai pagar pelo erro; quem não estiver errado, será reconhecido que não errou, mas ninguém vai ficar impune. Vamos produzir um relatório à altura do que a sociedade espera de nós e, depois, a justiça irá julgar. Acredito no Poder Judiciário. Não posso achar que a justiça só é boa quando me favorece. Não! Justiça é justiça. Errou? Pague pelo que fez.

Coronel, mais uma vez, agradeço a presença do senhor. Lamento que o senhor não possa

ver seus filhos e sua esposa no dia de hoje. O senhor tem uma boa assessoria jurídica. Acredito que a assessoria que o senhor tem fará com que o ministro – em quem confio e acredito, porque, se eu não acreditar nas instituições, vou acreditar em quem? – Alexandre de Moraes veja isso e acredito que ele haverá de fazer justiça.

Mais uma vez, agradeço a participação do senhor. Se precisar, vamos convocá-lo novamente, mas, hoje, o senhor está dispensado. Muito obrigado.

PAULO JOSÉ FERREIRA DE SOUSA BEZERRA – Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Agradeço aos deputados, às deputadas e a todos os demais presentes nesta reunião.

Tendo cumprido a pauta e nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a 26ª Reunião Ordinária desta CPI, às 14 horas e 46 minutos.

Muito obrigado a todas e a todos.

Está encerrada a reunião.

(Levanta-se a reunião às 14h46min.)



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516**, Chefe do Setor de Taquigrafia, em 22/09/2023, às 15:37, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:

http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0

Código Verificador: **1346958** Código CRC: **FC81746B**.

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, Piso Inferior 1, Sala TI-3– CEP 70094-902– Brasília-DF– Telefone: (61)3348-9241
www.cl.df.gov.br - setaq@cl.df.gov.br

00001-00008706/2023-96

1346958v4